



Caminhos de Luz

Apostolados afro-descendentes no Brasil

Organizadoras | Tereza Marques de Oliveira Lima
Denise Pini Rosalem da Fonseca

Caminhos de Luz

Apostolados afro-descendentes no Brasil



Reitor

Pe. Jesus Hortal Sánchez, S.J.

Vice-Reitor

Pe. Josafá Carlos de Siqueira, S.J.

Vice-Reitor para Assuntos Acadêmicos

Prof. José Ricardo Bergmann

Vice-Reitor para Assuntos Administrativos

Prof. Luiz Carlos Scavarda do Carmo

Vice-Reitor para Assuntos Comunitários

Prof. Augusto Luiz Duarte Lopes Sampaio

Vice-Reitor para Assuntos de Desenvolvimento

Pe. Francisco Ivern Simó, S.J.

Decanos

Prof^ª Maria Clara Lucchetti Bingemer (CTCH)

Prof^ª Gisele Guimarães Cittadino (CCS)

Prof. Reinaldo Calixto de Campos (CTC)

Prof. Francisco de Paula Amarante Neto (CCBM)

Caminhos de Luz

Apostolados afro-descendentes no Brasil

Organizadoras | Tereza Marques de Oliveira Lima
Denise Pini Rosalem da Fonseca



© Todos os direitos desta edição reservados à Editora PUC-Rio.

Editora PUC-Rio
Rua Marquês de S. Vicente, 225 - Casa Editora
Gávea - Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22453-900
Tel.: (21)3527-1838/1760
E-mail: edpucurio@vrc.puc-rio.br
Site: www.puc-rio.br/editorapucurio

Copidesque
Jorge Moutinho

Revisão de originais
Débora de Castro Barros

Projeto gráfico
Flávia da Matta Design

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

ISBN: 978-85-87926-21-0

Caminhos de luz: apostolados afro-descendentes no Brasil /
organizadoras: Tereza Marques de Oliveira Lima,
Denise Pini Rosalem da Fonseca – Rio de Janeiro :
Ed. PUC-Rio, 2007.

169 p. ; 21 cm

Inclui bibliografia

1. Negros – Brasil - Religião. 2. Orixás. 3. Cultos afro-brasileiros.
I. Lima, Tereza Marques de Oliveira. II. Fonseca, Denise Rosalem da.

CDD: 29.60981

A Carlos Petrovich (*in memoriam*)

Petrô,

Vá ter com as criaturas risonhas e diga a elas que tudo aquilo que você fez nos tornou muito mais felizes.

E não se esqueça de contar a elas que este livro é para você, com saudade.

Ficamos por aqui tentando seguir o rastro da sua presença.

Sumário

9 Prefácio
Pe. Mario de França Miranda, S.J.

13 Apresentação
Buscando os caminhos de luz
Tereza Marques de Oliveira Lima

Missão

19 Criando no espaço da criação divina
Carlos Osobaróo Petrovich

27 *Omini Parinã* (a água apaga o fogo)
Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata de Iyemonja

33 Madalena: uma verdadeira lição de vida
Jeline Rocha

43 A evolução de Tranca-Rua
Maria das Dôres Rocha

Testemunho

57 Acolhendo o chamado dos orixás
Geraldo da Conceição Furtado Odejinna

67 Pai Tomás, viva Deus!
Silvia Veiga Teixeira de Freitas

77 Sons e vozes da África: ecos de uma religiosidade
de resistência
Suely Reis Pinheiro

89 Oxum: a grande mãe que tece os caminhos da
existência humana
Vanda Machado

Anúncio

- 101 Vovó Maria Conga das Almas: saberes iluminados
Tereza Marques de Oliveira Lima
- 115 O amor e a alegria em nome de Nosso Senhor do
Bonfim: saravá, Seu Pedro Mineiro!
Jorge Moutinho
- 129 Mãe-Criadeira: a construção do cuidado e do
respeito pelo humano e pela vida nas tradições
religiosas de matriz africana
Marco Antonio Chagas Guimarães
- 141 Decifrando o Candomblé Bantu
Anselmo José da Gama Santos
- 153 Posfácio
Presença de Oxóssi, de encantados e encantadores
Denise Pini Rosalem da Fonseca
- 165 Colaboradores

Prefácio

Pe. Mario de França Miranda, S.J.

Foi-me pedida uma apresentação desta obra. São páginas que brotaram de vivências profundas, de experiências marcantes, de emoções amplas e duradouras. Constituem testemunhos pessoais que implicam total identidade de quem fala com o conteúdo expresso. Seus autores conseguem levar o leitor a um mundo desconhecido, embora muito perto de nós. Este mundo provocou-me como cristão, como teólogo, como brasileiro, como admirador da riqueza cultural e religiosa da humanidade. Minha reação não se limitará a algum destes traços pessoais, mas deixará que todos eles possam se manifestar e ajudar o leitor a avaliar e valorizar estas páginas.

As culturas e as religiões só podem ser realmente conhecidas por aqueles que se situam dentro de seu horizonte próprio de compreensão. Utilizar conceitos estranhos ou categorias provindas de fora significará certamente introduzir deformações e falsificações, que impedirão um conhecimento objetivo e verdadeiro. Tanto o antropólogo cultural como o teólogo das religiões experimentam a grande dificuldade de entrar num quadro interpretativo alheio, para poder ao menos se aproximar menos erradamente de seu objeto de estudo. Os testemunhos que se seguem, pelo entusiasmo e empatia que expressam, conseguem introduzir o leitor num outro mundo, sem dele exigir demasia-

do sacrifício. Basta que acolha os relatos com a mente aberta e desarmada, evitando juízos prévios e reações preconceituosas.

Quem conseguir esta atitude de deixar que o texto fale, atitude esta sempre pressuposta cada vez que abrimos um livro, não conseguirá escapar do fascínio e da beleza contidos neste universo das culturas e das religiões africanas. Pois tanto os componentes culturais como os religiosos, vistos na perspectiva correta, se revelam sensatos e oportunos. Refletem primeiramente a produção cultural do próprio ser humano diante dos desafios da natureza e da inevitável convivência com seus semelhantes. São bons porque humanizam, embora possam parecer exóticos para observadores de outros contextos socioculturais às voltas com outros desafios. Refletem também o modo africano de expressar e de viver o relacionamento com Deus, condizente com sua realidade existencial e com sua peculiaridade étnica.

Uma cultura profundamente religiosa e uma religião profundamente nativa. Mesmo tendo recebido, em nosso país, contribuições importantes do catolicismo e do espiritismo ocidentais, se apresentam com feições próprias, rebeldes ao espírito ocidental da modernidade, constituindo-se mesmo como corretivo oportuno aos exageros desta (hoje já desencantada) modernidade. O individualismo hegemônico em nossos dias faz da pessoa alguém ansioso por satisfazer suas carências e seus desejos, pouco se importando com seu semelhante. Deste modo enfraquece os relacionamentos afetivos, torna-se escravo do consumo de bens materiais, submete-se à implacável lei da produtividade e do lucro.

Os relatos apresentados nesta obra deixam entrever outra escala de valores. A importância da comunidade para o desenvolver sadio da vida humana emerge continuamente. Uma concepção de comunidade haurida da própria experiência de vida em família, que não se limita apenas a este mundo, mas cujos laços permanecem para além da morte no culto aos bons

antepassados. Independentemente de uma avaliação teológica a partir de premissas cristãs, deve-se reconhecer o valor desta perspectiva. Os que já se foram representam não só a tradição e a identidade de um povo e de uma religião, mas, sobretudo os responsáveis pela vida dos atuais membros da comunidade. São pessoas significativas porque trouxeram vida, energia e amor para os demais. Afloram aqui sentimentos profundamente humanos de gratidão e reconhecimento por benefícios recebidos, mas também uma valorização inequívoca de valores como a gratuidade e a bondade.

Sem dúvida alguma o pensamento ocidental trouxe grandes conquistas para a humanidade no setor das ciências exatas, da organização social e política, do maior conhecimento do ser humano, de sua saúde e bem-estar. Mas a crise desta modernidade em sua fase neoliberal, vivida e suportada por todos nós, nos faz ver nos relatos aqui apresentados valores esquecidos ou já desaparecidos de nossa vivência cotidiana. Naturalmente não resolvem, nem como cultura nem como religião, os desafios atuais que exigem o uso da razão e o emprego de tecnologias adequadas. Mas estes relatos não deixam de apontar para lacunas de nossa atual cultura utilitarista e superficial, estando submissa ao mito da eficácia e do lucro. Neste sentido, estes capítulos surgem como autêntico oásis no deserto atual do racionalismo pragmático. Dimensões importantes da pessoa humana são recuperadas e devidamente valorizadas.

O olhar do teólogo não pode deixar de ver aqui o componente divino intrínseco a toda pessoa humana. A experiência insofismável de sua limitação, fragilidade, mistério, juntamente com uma sede inesgotável de felicidade e de amor, de paz e de justiça, abrem o ser humano para uma realidade situada além deste mundo visível e imperfeito. As religiões atestam a incapacidade básica do ser humano de se explicar, de se compreender, de estruturar sua vida, a partir de si próprio. Elas atestam a

consciência da fragilidade e da questionabilidade de qualquer construção meramente humana. O sentido último da existência humana vem de fora. Daí serem as culturas permeadas pelas religiões que, por sua vez, se identificam e se expressam através destas mesmas culturas.

Mas o olhar do cristão e do brasileiro vê ainda mais nestas páginas. Uma pequena correção a uma enorme injustiça histórica. A crueldade perpetrada pelo ocidente contra o continente africano durante o ciclo da escravidão negra representa uma dívida que ainda não foi devidamente reconhecida e paga. A destruição fria de vidas e histórias, de culturas e etnias, trouxe vantagens e lucros aos ocidentais do Velho e do Novo Continente. Pior ainda. A diminuição de vida e de dignidade humana continua ainda em nossos dias através da discriminação racial, cultural e religiosa. É importante que aqueles que sofrem com tal situação possam tomar a palavra e fazer ouvir sua voz, tal como acontece nestas páginas. Só assim pode aflorar a riqueza desta realidade reprimida e silenciada pelo preconceito e pela ignorância. Oxalá possa esta obra contribuir para uma reparação condigna de tal monstruosidade do passado!

Como dizia no começo, estas linhas representam testemunhos sinceros, autênticos, convictos, que, como tais, devem ser respeitados e valorizados. Ao parabenizar seus autores, eu tenho presente o bem que podem provocar estas páginas na atual cultura secularizada, pluralista e instável onde vivemos. Perspectivas alternativas à visão dominante abrem sempre novas possibilidades de vida e, sobretudo, nos fazem pensar.

Apresentação

Buscando os caminhos de luz

Tereza Marques de Oliveira Lima

No começo do ano de 2004, comecei a pensar em um projeto que viesse ao encontro do que sempre ouvíamos da Espiritualidade: que cada vez mais os homens deveriam se unir e se dedicar com amor e caridade a construir um mundo melhor. Deveriam se unir independentemente de credo, etnia, posição social ou quaisquer outros rótulos que, na verdade, servem para nos separar em categorias as mais variadas. Se por um lado essas categorias tornam mais fácil a identificação para determinados fins, por outro nos afastam uns dos outros no momento em que surgem os questionamentos e reflexões ao nos debruçarmos sobre o enigma básico que nos envolve a todos: de onde viemos, para onde vamos e o que estamos fazendo aqui. Questionamentos e reflexões ontológicos, inerentes a todos os seres humanos, presentes desde o começo do mundo, quando o primeiro homem suspeitou que pudesse haver algo além de um horizonte finito, cerceador da transcendência.

Partindo dessa idéia inicial o título do livro veio célere, *Caminhos de Luz*, e depois o subtítulo norteador, que poderia, entretanto, ser provisório, como realmente o foi: histórias e estórias das religiões afro-descendentes, reunindo autores que falassem “de dentro” do Candomblé e da Umbanda. Para me ajudar nessa tarefa ninguém mais que minha grande amiga Denise Fonseca, parceira no livro que escrevemos juntas com o título de *Noti-*

cias de Outros Mundos: lendas, imagens e outros segredos das deusas nagô, publicado em 2002. Esse livro já nasceu abençoado e apresentou um iluminado prefácio de Mãe Stella de Oxóssi, no qual ela já apontava caminhos ao mostrar a dádiva que é saber dividir. Dividir Conhecimento e Luz.

Ao conversar com Denise, ela, como eu já esperava, aceitou o desafio. A partir daí, os contatos começaram, as idéias foram se firmando, os caminhos traçados e os nomes dos autores começaram a surgir, com os convidados confirmando sua presença: Anselmo, Carlos Roberto (Petrô), Geraldo, Jeline, Jorge, Mãe Beata de Yemonja, Marco Antonio, Maria das Dôres, Silvia, Suely e Vanda. Todos generosamente aceitaram nos acompanhar nessa nossa empreitada inovadora. Todos queriam dividir. A eles, os nossos mais profundos agradecimentos por nos brindarem com seus textos, belos e desveladores, nascidos da vivência apaixonada e contagiante da religião a que dedicam sua caminhada!

O projeto *Caminhos de Luz* sugeria várias trilhas para os textos, mas foi dada a todos a possibilidade de criar outras entradas a partir da diretriz central. Deveria ser um livro que falasse, direta ou indiretamente, dos orixás e das entidades espirituais da Umbanda, trazendo-os para o nosso cotidiano. Não se deveria fazer dessas entidades — aqui estávamos nos referindo a todo esse panteão, a todo esse conjunto — algo distante. Pelo contrário: o texto deveria mostrar que elas estão aqui mesmo, iluminando os nossos caminhos com sua Luz; daí o título do livro. O que deveria estar sempre em mente, ao escrevermos, é que esta era uma oportunidade de trazer Conhecimento e Luz sobre essas religiões tão pouco compreendidas por grande parte da população. Como já vislumbrávamos, a Espiritualidade foi criando seus caminhos, e os textos elaborados transcenderam as primeiras rotas

traçadas; assim, o livro foi ganhando uma característica própria, em que o acolhimento que dele emana é quase palpável a quem embarca nessa viagem desprovido de preconceitos.

Esperamos que *Caminhos de Luz* possa, a seu modo, tornar sua caminhada mais suave ao conhecer essas religiões que oferecem tanto.

Convidamos você a compartilhar da nossa alegria e emoção ao ler nossas histórias e estórias, nossos depoimentos de vida, redigidos a partir de experiências vivenciadas com pureza, entrega e fé.

Que, a partir de nossos textos, você se sinta seguro para adentrar essa floresta — da qual Denise nos fala no posfácio — sem medo, com o coração aberto e confiante.

Já com o livro pronto, vemos que Petrô, nosso amigo querido, a quem o dedicamos *in memoriam*, deixou-nos um texto que ilumina o que tentamos fazer aqui e que todos deveriam fazer neste planeta Terra: criar nos sonhos e espaços deixados pelo divino!

Missão

Criando no espaço da criação divina

Carlos Osobaró Petrovich

Conta-se que há muito e longo tempo atrás, muito antes do tempo conhecido, nas primeiras terras que apareceram no mundo havia um gigante negro bem velho que ia, de aldeia em aldeia, relembando a força dos espaços vazios.

Sentava-se à beira do rio Ogum,¹ deixava-se ficar brincando com os pés dentro d'água, rodeado de crianças. E, enquanto todos ficavam admirados de ver aquele tamanho de gente jogando água pro ar, ele dizia: “Estão vendo o que eu faço com a água no vazio?” E as crianças riram dando grandes gargalhadas, pensando que além de grandalhão, desajeitado, aquele gigante era meio lelé do *ori*, lelé da cuca, era *kolori*.

E o velho estirava o corpo de repente, levantava água com um chute, jogava a água com as duas mãos e soprava a água que trazia na boca. As crianças faziam silêncio, ao ver o desenho da água no ar. E ele falava: “Ora iê iê ô!” Saudava Oxum.² “O que eu faço cada um pode fazer”, dizia. “Criar formas com água no vazio do espaço.” E continuava a falar no silêncio encantado: “Conta-se que Olodumaré, depois de criar coisa com coisa, criou os homens e as mulheres. E se alegrou do que fizera. E riu. E seu riso encheu de felicidade aqueles seres que acabara de criar.

¹ Em Abeokutá, na Nigéria.

² Orixá da água doce, mãe ancestral, princípio da concepção e da solidariedade comunitária.

Foi então que Ele chamou o Mensageiro e disse-lhe: ‘Vá ter com essas criaturas risonhas e diga-lhes que tudo isso que acabei de criar é para elas serem muito felizes.’ O Mensageiro foi saindo e parou. Olodumaré, continuando a falar, disse: ‘Entre as coisas criadas deixei muito espaço vazio. Nesses espaços as criaturas também poderão criar outras coisas. E quando tiverem aprendido a ser felizes criando coisas no vazio, elas poderão criar mundos e universos no espaço sideral. Isso me alegrará muito’, continuou Olodumaré. O Mensageiro, que interrompera a sua saída, neste instante partiu montado numa estrela a caminho de outras terras. Quando o mensageiro apeou da montaria estelar, subiu num dendezeiro bem grande e reuniu homens e mulheres. Lá do alto do *igi opê*, do alto daquela palmeira, deu início ao recado para os seres humanos. As criaturas humanas só ouviram a primeira metade da mensagem. Justamente a metade que dizia que o mundo era para elas serem felizes. Enquanto se afastava ouviu-se uma risada debochada e longa caindo pelas escadarias do tempo. O Mensageiro pensou: e agora? Como concluir a missão? Olodumaré vai pedir contas. Então o Mensageiro pensou, pensou e lembrou-se que as criaturas que Olodumaré inventara dormiam e sonhavam. Então decidiu comunicar-se com elas através do sonho. Era preciso que as criaturas humanas soubessem que o vazio é a matéria-prima da criação divina. E neste instante teve início a nova missão do Mensageiro por decisão própria. E ele vai de sonho em sonho dando inspiração a cada homem ou mulher, criança ou velho, rico ou pobre, doente ou são.”

O gigante negro despediu-se das crianças, que ficaram sonhando no meio dos dendezeiros.

Recentemente o Mensageiro esteve conosco e orientou-nos para avisar as pessoas amigas que, antes de criar estrelas no universo, é preciso ajudar a criar a humanidade do terceiro milênio,

e só então ele nos levará para criar outros mundos. Então mãos à obra. Há muitos vazios, vamos ocupá-los com nossos fazeres.

O chamado do tambor

Então de mãos dadas, eu e Vanda saímos andando pelas ruas e becos de Salvador. Fomos subindo e descendo ladeiras até chegarmos ao Pelourinho. Lá fomos ver, na Praça Tereza Batista, o último ensaio da Banda Didá³ antes de sair para a França no dia 24 de março de 2005. Finalizando os preparativos para início do ensaio lá estavam Débora, Viviam,⁴ Joelma e Adriana, a maestrina. Silvana, que se veste de Anastácia⁵ para as apresentações, veio ao nosso encontro com banho de pipoca e água de cheiro, num ritual inventado pela Didá como contraponto à bênção das terças-feiras na Igreja de São Francisco no Terreiro de Jesus.

Terminado o ensaio, estas cinco mulheres vão ao encontro das crianças, filhos e filhas da família afetiva e participantes da banda mirim da Didá. A Banda Didá é uma banda de percussão só de mulheres negras. Lindas mulheres negras que, tocando tambores, dançam e cantam agitando seus cabelos rasta em cabeças que não param de construir sonhos. O som do tambor é a voz da ancestralidade. Com o brilho negro no rosto cada uma vai marcando o caminho trilhado com a música que tem origem na ancestralidade mais remota. Era um dia muito especial. Aquele grupo de negras, tendo nas mãos o tambor, anunciava uma nova imagem de mulher abrindo seus próprios caminhos da Bahia para o mundo.

³ Fundada por Antônio Luiz Alves de Souza, o Neginho do Samba.

⁴ No artigo “Didá: a jornada do sonho ao tambor”, escrito por mim e Viviam Caroline de Jesus Queirós, apresentamos a história da formação da banda. In: FONSECA, Denise Pini Rosalem da (Org.). *Resistência e inclusão: história, cultura, educação e cidadania afro-descendentes*, v.1. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003, pp. 157-187.

⁵ Princesa Anastácia de Bantu, comumente conhecida como a Escrava Anastácia, aparece na iconografia como uma bela negra de olhos azuis, amordaçada.

O jogo das mãos dadas

Vanda e eu temos um compromisso que quero compartilhar. Nós nos ajudamos mutuamente. Ela trabalha com o ensino de história e cultura afro-brasileiras na formação de educadores de crianças do ensino fundamental. Eu faço arte-educação e teatro. Neste trabalho de educação são incluídas as relações étnico-raciais na escola e na comunidade. No processo do nosso fazer com arte-educação, representar é a consequência da elaboração de imagens, falas e valores da história, da cultura e do cotidiano. Importa considerar e qualificar o outro, como caminho de cooperação, solidariedade e respeito.

Juntamos as intenções do nosso trabalho para o mesmo objetivo: dar visibilidade a negros e negras na história do Brasil é fazer ouvir as suas vozes nas suas comunidades com ressonância nas instituições do país. Dizendo de outro modo, queremos trabalhar descobrindo e criando vozes nos espaços vazios existentes no cotidiano e na história da gente brasileira.

Zumbi ensinando caminhos

Assim que concluímos a pesquisa com as crianças da Didá sobre o quilombo dos Palmares, nos demos conta da visibilidade da expressão emergente. Na elaboração da teatralidade de aspectos da história e do cotidiano verificados no território do estado palmarino podemos perceber também o quanto é poderosa a idéia da construção da fala através do mito e do teatro. No mesmo sentido, como por obra da magia ancestral abre-se a fala, o movimento e a expressão cênica emergem da corporeidade das mulheres e das crianças no jogo teatral. No espetáculo apresentado na mostra final, tivemos o testemunho coletivo da magia da palavra e, conseqüentemente, do canto e do tambor na construção da identidade ancestral. O trabalho coletivo nos deu como resultado a alegria de uma música que pode retratar a palavra como um dos instrumentos de que precisamos como

caminho para realizar os sonhos deste novo tempo. Vejamos a canção construída coletivamente:

*Zumbi manda este povo lutar
Com a palavra e a força que vêm da África.
Com o escudo mostrando o Brasil
Com a lança defende Palmares
De onde o negro não fugiu
Nem voltou cortando os mares*

*Hoje o negro fala muito mais
Hoje o negro pode ser doutor
Hoje o povo já ouve sua voz
Quem me leva é o som do tambor*

O trabalho realizado, além da compreensão de como sobreviveu Palmares por mais de cem anos, nos apontou a possibilidade de idealizar um tipo de instituição que pode ser ocupada por uma organização afetiva familiar para uma educação solidária, inspirado no modelo palmarino. Este é um aspecto da matriz cultural africana praticado nas religiões afro-brasileiras.

Foi inspirado no modelo africano de família extensa de Palmares que experimentamos com a Didá Escola de Música uma possibilidade de exercitar o cuidado com o outro, mais especialmente o cuidado do mais velho com o mais novo, sem perder de vista o mesmo cuidado e respeito pelo mais velho. Com esta intenção foi criada a rede familiar afetiva com cinco famílias, que se acolheram mutuamente a partir de uma jornada de estudos comunitários, com o objetivo de dar apoio afetivo e orientação nos estudos sistêmicos e de arte-educação.

É também do nosso desejo que este modelo de rede afetiva familiar possa ser vivenciado por outras instituições educacionais com crianças e adolescentes. Criar-se-ia em cada instituição

uma rede familiar afetiva composta de mães, irmãs mais velhas, irmãs mais novas e crianças pequenas a serem cuidadas. Os estudantes mais velhos, irmãos educadores com a função de proteger e orientar os irmãos menores que, por sua vez, deveriam proteger e orientar outros ainda mais novos. De fato, esta é uma estrutura análoga ao que acontece nas famílias de santo nas religiões afro-brasileiras, onde todos acolhem e zelam por todos, criando um ambiente de solidariedade, cooperação e segurança, dando oportunidade a situações de confiança e proteção.

O fundamento desse “ambiente bom bastante”⁶ dessa rede familiar afetiva na escola é que poderia incluir tantas famílias quantas fossem necessárias, pelo acolhimento, responsabilidade, afetividade e cuidado. Tudo indica que um modelo similar teria sido praticado no quilombo de Palmares, o que com certeza teria apoiado o renascimento do quilombo em vinte e seis guerras durante cem anos de existência. Palmares teria sido uma construção coletiva nos vazios da criação divina, mas impediram a sua continuidade. Entendemos que é desse jeito que se pode ir construindo nos espaços deixados pela criação divina.

Vivenciando um mito includente

Bem mais recentemente, durante a Semana Santa de 2005, por ocasião da 4ª edição da encenação da Paixão em Salvador, construímos um espetáculo que vai além do espetacular. A história dos últimos momentos da Paixão foi contada sobre as águas do Dique do Tororó com palcos fixos, passarela sobre as águas e outros palcos móveis em balsas e canoas.

⁶ O termo “meio ambiente bom o bastante” foi um conceito criado pelo psicanalista e pediatra inglês D.W. Winnicott (1896-1971). Sua construção se baseou em sua experiência no atendimento da “relação mãe-bebê”, e quer evidenciar que o meio ambiente adequado, sobretudo, para o bebê, mas também para o ser humano, é aquele que é capaz de oferecer uma boa sustentação e cuidado e apresentar limites que o indivíduo seja capaz de compreender e “digerir”, que não o invadam.

A história mítica da Paixão de Cristo é mostrada dentro de um espaço singular de fé e sonho num fazer coletivo de cooperação e solidariedade como o teatro social exige. O elenco, quase todo composto por negros e negras, em dado momento enaltece a figura da Mãe de Deus que, como num sonho, se transforma em mãe dos homens, Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Para a representação da personagem do Cristo foram escolhidos três negros: um ator, um cantor e um dançarino, cada um representando o papel principal em espaços separados, o que faz mais significativas a cooperação e a solidariedade para este fazer, tornando seus desempenhos ainda mais expressivos.

Durante as cenas do julgamento com Caifás e Pilatos, o personagem principal era desempenhado por um índio das tribos Cariri-xocó e Fulniô, um Cristo índio, portanto. A montagem cênica tem-se apoiado em diálogos cantados e recortes da cultura popular, tais como: penitentes em flagelos, fogaréu, uso de matracas, a Santa Ceia, a *Pietà* e a condução do mastro sagrado, entre outros. Mais de cento e trinta atores mostraram durante cinco dias *A Paixão em Salvador* para quase cem mil pessoas.

Após a última apresentação do espetáculo no aparato de muitos fogos de artifício e efeitos de luz, ouvimos de uma senhora negra idosa o seguinte: “Meu coração só falta explodir de alegria, agora que vi meu Cristo negro abraçado por todo este povo.” Dois meninos se aproximaram, dizendo: “Petrô, arranje papel pra gente neste teatro.” Um apontando para o outro: “Ele sabe as falas todas e eu sei tudo que o Cristo faz.” E saíram imitando personagens, sem se importar com a minha resposta.

Enquanto a multidão aplaudia e se esparramava a caminho de suas casas, Vanda e eu fomos de mãos dadas andando e olhando para a representação dos orixás que estão plantados flutuando sobre as águas no outro lado do dique. No mesmo Dique do Tororó onde sobre suas águas realizamos a *Paixão em Salvador*. Sabíamos, e por isso nos alegrávamos: estávamos mais uma vez criando nos sonhos e nos vazios deixados por Olodumaré.

Omini Parinã (a água apaga o fogo)

Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata de Iyemonja

Nasci em Cachoeira do Paraguaçu, Recôncavo Baiano, em 20 de janeiro de 1931. Às 12h, minha mãe sentiu vontade de comer peixe e foi pescar no rio. Sentiu dor de parir, saiu correndo do rio, pois a bolsa partiu no meio do caminho. Eu nasci em uma encruzilhada, domínio de Exu, senhor dos caminhos, da dinâmica da vida e da comunicação, encruzilhada onde os caminhos se encontram, onde a dúvida se estabelece. Para onde ir? Para os caminhos que me fizessem chegar onde hoje estou.

Encontrei em minha religião o conforto e a alegria de viver. A vida nunca foi fácil — isso não queria dizer que eu não deveria continuar trilhando em busca do meu encontro. Sou filha de Iemanjá, Orixá poderosa, Senhora das águas e mãe de todos que buscam o consolo da figura materna. A vida me ensinou a ser forte sem perder a doçura de mãe. Mulher, Mãe, Negra, Nordestina e a maior de todas as minhas virtudes: ser Ialorixá, cuidar das pessoas que à minha porta batem, solicitando uma força espiritual e maternal.

Sou mãe de todos, não só os consangüíneos, mas também aqueles que nasceram de minhas mãos, que contêm *axé*, *axé* herdado de meus ancestrais, que não se furtaram a abraçar tantos quantos fosse possível abraçar.

Meus ancestrais me ensinaram que Olorum, Senhor do Universo, criou um mundo em que todos os seres humanos iriam habitá-lo sem distinção, que todos os seres seriam iguais,

portanto ele não nos discriminou, nem criou uma terra somente para negros ou brancos. No entanto, vemos nos dias de hoje: intolerância, preconceito, discriminação e tantas práticas de exclusão do direito à vida. Com base neste princípio de direito e igualdade, legado pelos meus orixás, não aceito nenhuma forma de exclusão, seja ela sexual, religiosa ou racial.

Estou hoje com 74 anos de idade e me sinto realizada, pois me mantive fiel aos meus ensinamentos de vida — em que respeitar o próximo é respeitar a si mesmo. As águas de Iemanjá hão sempre de iluminar os seres humanos e lhes dar frescor. Na minha trajetória de vida, busco ter sempre uma posição de apaziguamento dos conflitos humanos, que acredito não levariam as pessoas a caminho algum.

Sempre digo que a água apaga o fogo, querendo fazer uma comparação com os distúrbios que estamos atravessando nos tempos modernos. As pessoas estão se preocupando muito mais com suas questões pessoais e individuais, sem atentar para o fato de que uma andorinha só não faz revoada; que juntos podemos criar um mundo melhor, em que todos, com suas forças espirituais, sejam elas quais forem, serão forças importantes para um caminho de luz. Cada um na sua forma pedindo por todos, seja *Olorum*, *Alah*, *Jeovah*, *Jesus*, *Deus* e tantas outras formas de força espiritual se façam necessárias, para descobrirmos o equilíbrio em nosso mundo que roga para que consigamos nos harmonizar com ele.

O Candomblé, com seus deuses e deusas, ligados diretamente a elementos da natureza, e em alguns momentos sendo simbolizado por eles, tem um papel fundamental em busca dessa relação harmônica com a natureza, já que, sem o meio ambiente equilibrado, estaremos fadados à extinção. *Ewe kosi, omi kosi, Orixá kosi.* (Sem folha, sem água, não existe orixá.)

As águas que saíram da barriga de minha mãe, na hora em que a bolsa partiu, e se encontraram com o rio, fazendo um

encontro de duas águas, só vieram a confirmar o nascimento tão cheio de significados, na visão de mundo dos povos africanos: que aquele nascer teria um sentido para a própria vida desta menina, que mais tarde se iniciaria para o Orixá Iemanjá, em Salvador, Bahia.

Hoje, por conta de manter-me fiel aos preceitos de minha iniciação religiosa, e tendo cumprido com muito orgulho as fases do tempo iniciático, prezando os ensinamentos de meus mais velhos, que sempre me diziam que a fruta só dá no tempo, recebi o cargo de Ialorixá, passado por minha própria Ialorixá. Seguindo os códigos e regras que regem a doutrina de saber ancestral da minha religião, para ser uma boa mãe ou um bom pai é importante que se tenha sido uma boa filha (ou um bom filho).

Sou a Ialorixá da comunidade terreiro *Ilê Omiojuaro* (casa das águas dos olhos de Oxóssi). Precisei crescer em todos os sentidos, mesmo porque a maturidade e a “senioridade” no Candomblé é primordial para se desempenhar o cargo de Ialorixá.

Nos dias de hoje, nos questionamos quando vemos uma criança de 12 ou 13 anos sendo mãe ou pai e achamos um absurdo, já que ainda são crianças, não estando preparadas para lidar com o mundo que se descortina à sua frente. Assim, achei importante ter passado por essas etapas de preparo para minha função que hora exerço.

Sinto-me plena, segura, observo a vida com olhos de quem tem algo a contar. As dificuldades já não são tão problemáticas, próprias da ansiedade e dos arroubos da juventude. Pude viver cada etapa de minha vida com intensidade para poder, hoje, dizer que cada degrau da escada da vida me formou nesta filha de Iemanjá, que hoje escuta sem pressa, dando de forma sábia aos meus filhos e amigos as palavras de conforto que herdei desta mesma vida. Penso que não temos que nos prender somente aos tempos conturbados que vivemos, mas sim à forma como poderemos transformá-los em dias melhores para todos nós.

Iemanjá é a mãe de todas as cabeças, por isso temos que estar sempre pedindo a esta mesma cabeça (*ori*) que tenha sabedoria para trilharmos os caminhos certos. Não quero com isso dizer que a forma de ver a vida é única, mas precisamos ter alguns princípios de senso comum, tais como: respeito, dignidade, justiça, que são indispensáveis a uma vida em sociedade.

Temos de respeitar o jovem, que será o ancião de amanhã, e o ancião, que foi o jovem de ontem, um ir e vir próprio deste mundo em que vivemos. Amar a natureza antes de tudo, pois sem ela não teremos nem jovens nem idosos. Pode parecer ingênua e simplória a minha forma de ver as coisas, mas ao mesmo tempo acho tão óbvia esta conclusão da vida! Não tento ser rebuscada, mas, sim, autêntica em meus pensamentos e olhares em relação ao mundo.

Sou filha das águas, mas também filha da terra, terra-mãe, terra que me gerou e me deu a vida, com meus ancestrais e orixás que tanto amo.

Agradeço todos os dias aos orixás por terem me possibilitado nascer neste mundo tão maravilhoso, em que existem tantas coisas diferentes, pessoas diferentes, países diferentes, cores diferentes, gostos diferentes, mundo da diversidade, em que até os orixás são diferentes uns dos outros. Exu faz a comunicação; Ogum é o senhor da luta; Oxóssi, o senhor das florestas; Osanyin,⁷ senhor das ervas e curas; Omolu, o nosso médico; Iyansan,⁸ senhora dos ventos; Xangô, senhor do fogo e da justiça; Iemanjá, senhora das águas salgadas; Oxum, senhora da beleza e das águas doces; e tantas possibilidades que estão em nosso mundo dos orixás, que nos ensinam a lidar com as diversidades desde sempre.

Buscando um diálogo por meio do qual possamos nos compreender e nos respeitar, creio que as religiões têm papel

⁷ O mesmo que Ossaim (N.O.).

⁸ O mesmo que Iansã (N.O.).

fundamental em promover, entre os seres humanos, uma relação de cordialidade e harmonia em que o saldo sempre será positivo. A tolerância é essencial para melhores dias para a humanidade, pois vemos que, em alguns pontos do planeta, pessoas em nome da religião estão tirando vidas humanas; com certeza não é este o papel que nossas forças espirituais nos designaram. Somos representantes do sagrado, e não creio que nosso divino esteja de comum acordo com essas práticas totalmente equivocadas do sentido religioso. Estão deturpando as mensagens de Deus ou outro poder superior que seja. Temos que ser paladinos da vida e não compactuar com o apocalipse.

Busquemos o caminho, e que ele seja um bom caminho para todos nós. Juntos, sim, mas sempre respeitando o caminho de cada um — o que, com certeza, vai nos levar a caminhos de luz.

ONAN IRE BOBO WA! (Bom caminho para todos nós!)

Madalena: uma verdadeira lição de vida

Jeline Rocha

*Axé, minha mãe Iansã! Axé, meu pai Abaluaê!*⁹

Conhecendo Madalena

Tive o merecimento de conhecer Madalena em 1971, aos meus 10 anos de idade. Mesmo acostumada a conviver com a Espiritualidade desde os primeiros dias desta minha encarnação, me surpreendi com a luz, a beleza e a força que emanavam daquele espírito. Foi numa noite agradável, quando uma brisa morna soprava lá fora, contagiando quem estava no salão simples, recém-construído por meus pais,¹⁰ com a ajuda dos poucos médiuns que a casa tinha na época.

Uma estrela desenhada em cimento no centro do chão de areia do terreiro (que tinha paredes pintadas de azul e teto de telhas de barro aparente) e um singelo altar com algumas imagens de santo demonstravam que ali era um templo espírita, uma casa de oração, uma casa de caridade.

Além de meu pai e eu, estavam presentes os irmãos Sá e Sebastião (que fariam suas passagens alguns anos depois), todos conversando com Tranca-Rua. Eu, ainda uma criança, a tudo assistia com muita curiosidade. De repente, vi quando Tranca-Rua se despediu, dando lugar, segundos depois, a um espírito

⁹ Saudação usada por Madalena sempre que chega na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, em Niterói, RJ, por trabalhar na vibração desses dois orixás.

¹⁰ Refiro-me aos meus pais biológicos: Das Dôres, nossa Babá, ou seja, nossa guia espiritual, e Guy Rocha, presidente de nossa Casa Espírita.

que se materializou em forma feminina, envolto por muita sensualidade, firmeza e beleza, em uma cena que ficou gravada para sempre em minha memória.

Era um espírito desconhecido, que chegava em nossa casa pela primeira vez, mostrando-se tão altivo, forte, vaidoso e belo quanto dócil e encantador. Firme, mas com brandura, identificou-se como Madalena, dizendo que, para buscar sua evolução espiritual, recebera a missão de ali trabalhar na linha de Exu.¹¹ Pouco mais falou e logo se retirou. Até hoje sinto o cheiro do perfume suave que ficou no ar do salão, onde também pude visualizar a imagem de uma jovem morena de silhueta perfeita, adornada por longos cabelos negros. Incrível como já nesse primeiro contato pude perceber toda a beleza, fibra e coragem que marcaram a última passagem desse espírito na Terra.

*Ao som de um violino cigano
Foi quando a cigana chegou...
Ao som de um violino cigano
Foi quando a cigana chegou...*

*Trazendo uma linda melodia
Que filho de fé lhe ofertou...
Trazendo uma linda melodia
Que filho de fé lhe ofertou...¹²*

Madalena chegou algumas outras vezes em nossas sessões de Exu, materializando-se com todo o charme e alegria de uma cigana que não dispensa jóias, um bom perfume, rosas amarelas, roupas finas, licor e cigarrilhas. Com irreverência, mas também

¹¹ Linha em que chegam as pombagiras, normalmente espíritos que tiveram em alguma encarnação vida sexual desregrada.

¹² Ponto cantado para evocar Madalena em nossa Casa.

com muita classe, ela passou a atrair os médiuns que conseguiam acompanhar suas cobranças e o seu jeito diferente. Madalena não usa palavrões em suas conversas, tampouco sai gargalhando e dançando vulgarmente, como a maioria das pombagiras. Ao contrário, chega envolta em uma luminosidade especial, transmitida através de seu espírito guerreiro, atuando na vibração de Iansã e Abaluaê, orixás responsáveis por ela quando encarnada (os chamados pais-de-cabeça) e que a acolheram ao desencarnar, guiando-a em sua caminhada espiritual.

Tudo isso contribuiu para que Madalena evoluísse rápido e começasse a chegar em reuniões menores, com poucos médiuns: os que — por um processo natural de seleção — seguiam sua maneira exigente de ser. Afinal, ela sempre fez questão de frisar que o importante em uma casa espírita não é a quantidade, mas sim a qualidade dos que se propõem a ser médiuns. Eu mesma fui revê-la apenas quatro anos depois de nosso primeiro encontro.

Mas os detalhes, os mistérios, os fatos encantadores da vida de Madalena, só conheci numa noite muito especial. Foi em 9 de janeiro de 1977, dias antes de eu completar 16 anos. O irmão Amaro — um dos poucos filhos que Madalena tinha à época — comprara uma casa de veraneio na Região dos Lagos (Estado do Rio de Janeiro), marco das conquistas que teve a partir da fé que desenvolveu nessa cigana. E lá fomos nós, conhecer a tão sonhada casa. À noite, minha mãe começou a sentir os fluidos de Madalena que, para nossa surpresa, acabou chegando ali mesmo.

Era meu terceiro encontro com aquele espírito que eu já tanto admirava. E foi ali, diante de meu pai, meu irmão Joy, Amaro, sua esposa Vilma e seus filhos Gustavo e Leonardo que Madalena revelou, pela primeira vez, alguns fatos de sua última encarnação. Contou-nos que fora uma jovem muito rica. No entanto, por conflitos familiares, aos 17 anos desistiu de tudo e

“caiu no mundo”,¹³ rolou pela rua sem rumo (como os ciganos) e encontrou abrigo em um cabaré, se prostituindo com muitos homens. Daí a razão de se materializar a princípio na linha de Exu, como pombagira. Eu, que justo naquele ano ingressaria na faculdade de jornalismo, embevecida, viajava naquela fantástica história. Foi realmente uma das noites mais marcantes de minha vida.¹⁴

Como tudo começou

Segunda metade do século XVIII, lá pelas bandas da Espanha, numa Europa conservadora de muitas fazendas, com os senhores só pensando em acumular riquezas e acertando todos os casamentos. É nesse cenário que acontece a história de Madalena. Decidida e irreverente, a bela e formosa jovem enfrentou a família, trocando conforto e riqueza pela busca de seus ideais.

De família pobre e numerosa, seu pai Tobias correu toda a Espanha trabalhando dia e noite, até comprar sua própria terra e casar-se com Isaura, filha do capataz da fazenda vizinha. Logo veio Simão, o primogênito. Quatro anos depois, em janeiro de 1768, nascia Madalena.

Em pouco tempo, a fazenda de Tobias era uma das mais bonitas e valiosas da região, trazendo conforto e luxo à família. Ele passava o dia administrando as terras, enquanto Isaura orientava os serviços domésticos. A educação dos filhos ficava por conta da ama e de professores que iam à casa ensinar a ler e escrever. Sensível e inteligente, Madalena aprendia também piano, instrumento que começou a tocar aos 8 anos. Nele, a menina alegrava as noites da família, executando em especial noturnos, com uma desenvoltura de a todos admirar.

¹³ Procurei reproduzir ao máximo a linguagem da entidade, desde que não comprometesse o entendimento, como “caiu no mundo”, expressão muito usada por Madalena.

¹⁴ Naquela noite, recebi a maravilhosa tarefa de escrever um livro sobre sua vida.

Madalena crescia alegre e bela, tornando-se a jovem mais bonita da região. O lindo corpo, os olhos negros e os cabelos da mesma cor, longos e lisos, evidenciavam sua beleza singular. “Lembro como brilhei nos meus 15 anos. Meu pai queria me arranjar um marido e abriu a porteira da fazenda para os moços com dinheiro. Apareci num vestido amarelo muito formoso¹⁵ e coberta de jóias”, conta Madalena, na época já muito cortejada pelos *pernas-de-calça*.¹⁶

Mas Madalena gostava mesmo dos livros, do piano e de suas castanholas. “Moça, eu adorava ler sentada em um toco debaixo de uma buganvília formosa que tinha na porteira da fazenda. Também via a Lua na beira do rio... E o piano? Era uma beleza! Um dia, se um filho meu arranjar um, toco formoso...”, diz Madalena, demonstrando intimidade com a música quando enche nosso terreiro de alegria tocando suas castanholas.

Decidido a casar a filha, Tobias reunia jovens nobres da região em saraus na fazenda, regados a licores de diversos sabores (como relembra Madalena, que em nosso terreiro bebe licor de pêssego), arrumados sobre a mesa redonda no canto da sala. “Não queria ficar ali, mas meu pai me obrigava a aparecer com roupas bonitas, cheia de jóias, e tocar piano. Eu falava para minha mãe que não gostava daquilo. Mas ela não me dava atenção. Nunca me fez um carinho... Também, moça, ela chamava meu pai de senhor”, conta Madalena, demonstrando espanto.

A entrega

Madalena lembra que seu pai ainda procurava um pretendente quando um dia, perto do rio, ela viu Inácio, jovem da fazenda vizinha que retornara ao lar depois de cinco anos fora estudando. Na infância, os dois brincavam às escondidas dos

¹⁵ Sinônimo de bonito.

¹⁶ Termo usado pela Espiritualidade para identificar os homens, os rapazes.

pais, que se odiavam por causa da guerra de terras. De repente, a surpresa do reencontro! Passaram horas a conversar, e Madalena lhe falou da revolta contra o pai. A partir de então, viam-se quase todos os dias. Falavam de música, dos livros e também dos conflitos familiares, retomando a amizade que em pouco tempo virou paixão. Num lindo entardecer de verão, Madalena se entregou a Inácio ali mesmo, à beira do rio, com a esperança de que Tobias aceitasse o casamento.

Não demorou para que o romance fosse descoberto. Vendo-se traído, Tobias ameaçou matar Inácio. Temeroso, o jovem fugiu e Madalena foi expulsa de casa pelo pai. “Lembro de meu pai arrancando meus brincos, minhas pulseiras, meus anéis. Ele tirou quase tudo de mim. Me deixou com a roupa do corpo e me mostrou a porta da rua. Saí dali revoltada e magoada com minha mãe, que não moveu uma palha para me defender. Fui embora sabendo que nunca mais voltaria”, lembra.

Sem destino, Madalena perambulava pelas ruas. Passou frio e fome, dormiu sob buganvílias, *madroños*¹⁷ e marquises, até chegar a uma cidade desconhecida. Encontrou Januário, com quem acabou se deitando em troca de cama e comida. Foi ele quem a levou até Rose Marie, mulher bonita apesar da avançada idade, dona do cabaré que ficava num vale afastado do vilarejo. Encantada com a beleza exuberante de Madalena, a experiente Rose Marie tratou de convidá-la a ficar. E sem outra opção, Madalena acabou mesmo ficando. Envergonhada, a jovem andava pelo cabaré durante o dia e escondia-se em seu quarto à noite, fugindo dos homens.

Assim foi durante três meses, até que na véspera de completar 18 anos Madalena ouviu de Rose Marie que estava pronta para a vida. “Andei com dois homens e acabei conhecendo Tomás, um moço formoso que logo gostou de mim. Ele olhava minhas mãos

¹⁷ Árvore frondosa muito comum na Espanha.

finas e dizia que eu não tinha que estar ali”, conta Madalena. Querendo conhecê-la melhor, saber sua história, ele pagava e ficava conversando com ela. “Não encostava um dedo em mim”, lembra com admiração. Um dia, Tomás conseguiu levar Madalena para conhecer sua mãe. “Assim que me viu, dona Isabel passou a mão em minha cabeça, me fazendo chorar de alegria. Afinal, minha mãe não me fazia um carinho”, recorda, emocionada.

A partir daí, Tomás fazia de tudo para Madalena aceitar seu pedido de casamento. Mas ela, com vergonha da vida do cabaré, resistiu o quanto pôde. Por influência de Rose Marie e de dona Isabel, Madalena acabou cedendo. Casou-se numa orada¹⁸ e foi morar na casa de Tomás, sendo muito bem recebida por dona Isabel, sua melhor amiga. “Ela foi a mãe que eu sonhava. Foi o tempo mais feliz da minha caminhada”, garante.

No leito de morte

Tudo corria bem, até Madalena descobrir que esperava um filho. Sem revelar a ninguém a gravidez, decidiu pelo aborto. Afinal, como poderia ter um filho e condená-lo a viver a vergonha de ter uma mãe que fora prostituta? Em segredo, tomou chá durante dias. De repente, dona Isabel encontrou Madalena caída e quente, muito quente. Foram três dias de angústia, até que desencarnou em 17 de maio de 1791, em plena juventude de seus 23 anos.

Tomás encontrou um bilhete onde Madalena lhe agradecia por ter proporcionado os melhores anos de sua vida. Confessou estar esperando um filho seu, mas disse que não poderia tê-lo para não envergonhá-los. Por isso, pedia seu perdão. “E assim fiz minha passagem, longe de minha família de sangue e com meu coração cheio de mágoa e revolta de meus pais. Mas parti feliz, perto das pessoas que me amaram verdadeiramente.”

¹⁸ Como eram chamadas as capelas.

Acolhida no plano espiritual por Iansã e Abaluaê, Madalena conquistou, depois de algum tempo de preparação, a oportunidade de se materializar, iniciando nova etapa de sua evolução espiritual. Com a influência da energia do cabaré, coube a Madalena se apresentar como pombagira, assim chegando por um período na linha de Exu.

Na Casa de Caridade Miguel Arcanjo

Com sua luz especial e os trabalhos desenvolvidos em nosso terreiro, Madalena (única entidade em nossa casa a ler o futuro nas cartas do baralho cigano) logo galgou um degrau mais alto na escalada espiritual. Passou a chegar em momentos distintos, reunindo os filhos de fé que, com seu jeito irreverente, aos poucos conquistou. Atualmente, raras são as vezes em que se faz presente na própria gira de Exu.

*Eu vinha caminhando a pé
Quando encontrei uma cigana de fé...*

*Eu vinha caminhando a pé
Quando encontrei uma cigana de fé...*

*Ela parou e leu a minha mão,
E me falou a mais pura realidade...*

*Eu só queria saber
Aonde mora a cigana de fé...*

*Eu só queria saber
Aonde mora a cigana de fé...¹⁹*

¹⁹ Ponto de Umbanda cantado na Casa de Caridade Miguel Arcanjo para saudar Madalena.

Trabalhando nas vibrações de Iansã e de Abaluaê, Madalena recorre à natureza, buscando nas pétalas da rosa amarela, na força do bambuzal e no ouro energias para fortalecer seus filhos. Vaidosa, ela gosta de se apresentar com vestes ciganas — de preferência, na cor amarela, cor de sua mãe Iansã — jóias (todas em ouro) e o xale espanhol, jogando um baralho certoiro, sem dispensar a cigarrilha, o licor e suas castanholas. “Faz parte de minhas mandingas. Uso isso para passar formosura para os filhos na Terra.”

*Oiá*²⁰, *Oiá*, *Oiá*, *êh!*

Olha a macumba de tacurucá, *Oiá*, *Oiá...*

Oiá, *Oiá*, *Oiá*, *êh!*

Olha a macumba de tacurucá, *Oiá...*²¹

Para comemorar sua passagem no dia 17 de maio, alguns filhos organizam festa com mesa farta de doces finos (amêndoas cristalizadas, uvas verdes e churros não podem faltar) e licores. A pedido da própria Madalena, os convidados vestem roupas de festa no lugar das roupas de santo. “Isso também faz parte da minha mandinga. O filho precisa ter vaidade, precisa cuidar de sua aparência para ter alegria e caminhar formoso.”

Madalena é mesmo assim: transmitindo muita segurança, faz com que o filho de fé acredite cada vez mais em si, em seu talento, em sua capacidade de amar, lutar e vencer. Realmente, estar com Madalena é ter a certeza de ser um vencedor. “Mas para isso, o filho tem que primeiro se amar; depois, se amar; e se amar de novo. Só assim o filho será feliz e poderá fazer seu irmão feliz”, ensina Madalena.

²⁰ *Oiá* é também nomenclatura de Iansã; *macumba* é sessão; e *tacurucá* é o local onde acontecem as sessões. Na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, esse lugar é no terreiro de areia, com a estrela de cimento ao centro.

²¹ Prece entoada por Madalena em forma de canto para firmeza de seus filhos.

Com toda a sua luz, Madalena evoca a força dos ventos de sua mãe Iansã e de seu bambuzal para varrer os caminhos dos filhos de fé. “Que toda a amargura, todo o desânimo e toda a inveja possam ser levados para as ondas do mar sagrado de minha mãe Iansã”, roga Madalena com toda a sua energia, com todo o seu espírito guerreiro, uma das marcas dos filhos de Iansã.

*Era uma casa cigana,
Era cigana, sim.*

*Era uma casa cigana,
Era cigana, sim.*

*Oh, Madalena...
Olhai por mim.²²*

²² Oração feita pelos filhos a Madalena, em forma de ponto.

A evolução de Tranca-Rua

Maria das Dôres Rocha

*Ogum, Exu pede licença pra seu povo arriar.
Ogum, Exu pede licença pra seu povo arriar...
Mas ele é um Exu guerreiro
Vem trazendo força pra nosso terreiro
Mas ele é um Exu guerreiro,
Vem trazendo força pra nosso terreiro.*²³

A vida e sua caixinha de segredos

Aprendi ao longo da minha caminhada que, ao encarnarmos, trazemos conosco uma grande caixinha de segredos contendo muitas surpresas. Dentro dessa caixinha há muitas pessoas que nos ajudam na estrada de nossa vida, como família, amigos, vizinhos, madrinhas, e até animais de estimação.

Também nessa caixinha estão aquelas pessoas que podemos chamar de “meio amigas”, as que estão em nosso caminho para o grande desafio de acertarmos os desencontros do passado. E acreditando que a maior visão é a trazida pelo conhecimento da Espiritualidade, não poderia deixar de falar de um grande amigo espiritual: Seu Tranca-Rua de Embaé, nome que escolheu para ser chamado pelos filhos.

Falar dele me traz grandes emoções. Seu Tranca-Rua faz parte de minha caminhada desde o início dos anos 1950, quando

²³ Ponto cantado para evocar Exu na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, em Niterói (RJ).

eu tinha 14 anos. Lembro-me de que, às vezes, quando passava em algum encruzo, sentia uma presença estranha, uma energia diferente... Só que não sabia trabalhar essa vibração, pois nasci no seio de uma família católica, sem ter a menor noção do que fosse a Espiritualidade. E eu era ainda muito jovem para ter esse conhecimento. Até porque naquela época não existia tanta informação como hoje, quando graças ao nosso Pai Oxalá é permitido ao plano espiritual trazer ensinamentos para nós, encarnados.

E assim se passaram três anos, até que um dia, aos meus 17 anos, Seu Tranca-Rua incorporou em mim falando sobre sua última encarnação. Disse que nasceu na Bahia e se criou na cidade de Nazaré, também chamada de Nazaré das Farinhas. Chegou meio quizilado,²⁴ porque trazia uma grande mágoa do passado. Dizia que não tinha pai nem mãe, que era filho do Sol e da Lua.

Na verdade, carregava uma grande mágoa da mãe, não se conformando com o fato de ela ser uma mulher da vida. O motivo do nome Tranca-Rua de Embaé? Em um 12 de outubro dos idos de 1700, numa discussão em defesa de sua mãe, ele foi assassinado a facadas e desencarnou em um encruzo, trancando a passagem por uma das ruas da localidade de Embaé, em Nazaré.

Foi também na adolescência que ganhei outra grande amiga espiritual: Vovó Maria Conga das Almas. Sábia Preta-Velha que foi escrava, Vovó Conga me acompanhou durante algum tempo antes de se manifestar em mim, aos meus 18 anos. Tudo era desconhecido, tudo era novidade, até que comecei a ter consciência de minha missão nesta Terra e aos 25 anos, com meu companheiro Guy Rocha e outras cinco pessoas, passei a fazer reuniões espíritas numa área coberta nos fundos da minha própria casa.

²⁴ Sinônimo de invocado, cismado.

Nasce nossa casa de caridade

E foi nesta construção bem simples, no bairro do Fonseca, em Niterói, no começo dos anos 1960, que Vovó Conga iniciou seus trabalhos. Nunca deixava de cobrar que déssemos o melhor de nós, dizendo que estávamos ali, reunidos naquele grupo, para evoluir juntos, seguindo sempre na direção do caminho da caridade, que é o caminho de nosso Pai Oxalá. Nascia assim o Centro Espírita São Miguel Arcanjo, hoje Casa de Caridade Miguel Arcanjo. Muito nos orientando e ajudando, Vovó Conga rapidamente evoluiu.

Essa orientação começou também a nos ser dada por Seu Tranca-Rua. Toda vez que um irmão nosso precisava de ajuda — como emprego ou conforto espiritual — pedíamos a ele que nos socorresse. Nesse momento, Tranca-Rua dizia a todo o grupo que invocasse a força do Sol e da Lua, pedindo proteção para o irmão necessitado. Dessa maneira, pedindo a ele que fosse em auxílio de nossos irmãos em dificuldades, nós o ajudamos em sua evolução. Nas horas mais difíceis, lá vinha Tranca-Rua trazer a mensagem de fé e esperança de que tanto necessitávamos, auxiliando os filhos e praticando assim o verdadeiro mandamento da Umbanda: o amor e a caridade.

Tranca-Rua alertava cada um para a necessidade de melhorar, de cumprir seus compromissos de companheiro, pai, irmão, filho. Procurando sempre nos ajudar com sua luz, ele nos ensinou que, quando virmos um irmão caído no chão, devemos jogar uma grande luminosidade sobre ele, e não julgá-lo. Ao trabalharmos essa luz pedindo misericórdia ao Pai Oxalá por esse filho, ele certamente irá retornar, um dia, ao caminho digno de um filho de Pai Oxalá.

Como meu companheiro estivesse sempre junto a mim, ficava tranqüila, pois com ele por perto eu tinha certeza de que Seu Tranca-Rua não iria atender a pedidos dos que não tinham conhecimento de que não deviam pedir nada de ruim, pois já

sabíamos que somos os únicos responsáveis pelo nosso sofrimento, perdas e desencontros.

Relembrando o passado: capa vermelha, vela acesa e pólvora

Tranca-Rua: Boa noite, Umbanda, como vai, como passou? (bis)

Todo o terreiro: Vou muito bem, Umbanda, Umbanda vou... (bis)

Tranca-Rua: Boa noite, Umbanda, como vai, como passou? (bis)

Todo o terreiro: Vou muito bem, Umbanda, Umbanda vou.... (bis)

Tranca-Rua: Boa noite, Umbanda, como vai, como passou? (bis)

Todo o terreiro: Vou muito bem, Umbanda, Umbanda vou...²⁵ (bis)

Lembra uma das médiuns mais antigas de nossa Casa que Seu Tranca-Rua não brincava com ninguém e era muito sério. Chegava à meia-noite em ponto, dizendo: “Salve o Sol e Salve a Lua!” e depois cantava: “Boa noite, Umbanda, como vai, como passou?” E os filhos respondiam: “Vou muito bem, Umbanda, Umbanda vou...”

Já incorporado, ele pedia um copo de cachaça, uma vela branca acesa e um charuto, apagando a vela na boca ou passando-a acesa no meu braço e rosto, sem nunca me queimar. Havia também um alguidar onde colocava cachaça e riscava o fósforo. Ele engolia aquela cachaça em chamas, colocava pólvora em uma das mãos e acendia o fósforo. Depois fazia um círculo e ateava fogo à pólvora. Todos os que estavam no terreiro faziam a limpeza dos braços, pernas, e de todo o corpo para tirar as coisas ruins que levavam consigo.

Naquela época, Tranca-Rua ainda precisava dizer a que veio e conquistar — para sua evolução espiritual — nossos filhos.

²⁵ Saudação em forma de ponto iniciada por Tranca-Rua no momento em que chega no terreiro, envolvendo todos os presentes.

Meu companheiro colocava a capa preta e vermelha em Seu Tranca-Rua, usada para fortalecer seus filhos, para fazer uma firmeza, ou seja, ajudar quem estivesse precisando. Além disso, ele quebrava o copo de vidro e depois andava por cima dos cacos, também sem nunca me ferir. Tranca-Rua ainda comia uns pedaços de vidro, dando outros para os filhos como firmeza, para que fizessem um patuá.²⁶ Depois de muitos anos ele evoluiu, não precisando dessas ferramentas. E explica: “Eu evoluí devido aos filhos que chegavam até mim necessitando de ajuda, aos poucos orientados para sempre pedir coisas boas.” Assim, nunca em nossa casa foi feito um trabalho para o mal.

Histórias sobre Tranca-Rua

Várias são as passagens que compartilhamos com esta entidade alegre, de personalidade forte e decidida. Entre elas, destaco uma muito interessante, que passo a contar agora. Com 23 anos, Gilberto, um filho de fé que tinha muita afinidade com Tranca-Rua, procurou esta entidade para agradecer por um bem material alcançado. Nessa época, Seu Tranca-Rua só trabalhava segurando uma vela acesa na mão e mandou que esse filho abrisse a boca para que fosse apagada lá dentro, como ele próprio fazia. Depois, deu a sobra para despachar no encruzo. Era uma mandinga que Tranca-Rua fazia para fortalecer seus filhos de fé e que deixava algumas pessoas receosas, até que percebiam que nunca seriam queimadas.

Nesse dia, Seu Tranca-Rua disse a este filho de fé que dentro de três luas²⁷ eles se encontrariam em um mesmo plano, recomendando que aproveitasse muito a vida durante esse tempo. Ao ouvir aquilo, o rapaz entendeu que iria morrer em breve. Mesmo triste e preocupado, procurou se distrair e aproveitar o

²⁶ Breve em tecido branco.

²⁷ Uma lua, para a Espiritualidade, significa um mês. Uma lua grande é um ano. Uma lua “pequenica” é uma semana.

tempo que ainda tinha. Realmente, três meses depois a profecia de Tranca-Rua se cumpriu. Gilberto foi à praia com uns parentes e se deparou com um homem morto com o corpo já em decomposição. Abalado, o rapaz resolveu dar um mergulho e acabou morrendo, não se sabe se do coração, pelo choque, ou por ter batido a cabeça em alguma pedra. Fato é que Tranca-Rua previu e anunciou sua morte, ficando por isso suspenso durante sete meses, sem poder chegar no plano terrestre. É que a Espiritualidade não permite que nenhuma entidade adiante acontecimentos sérios, que podem até interferir no curso da História.

Uma outra passagem que lembro aconteceu aos meus 20 anos, em 1957, quando eu ainda não tinha o domínio da incorporação, o entendimento da mediunidade. Eu já namorava Guy e freqüentava um terreiro no Fonseca, perto de onde morávamos. A casa era dirigida espiritualmente por dona Sila, uma senhora bem gorda que há anos trabalhava com Tranca-Rua. Numa noite, eu, Guy, o filho dela, Geraldo e outros três médiuns fomos visitar um centro na Garganta, no bairro de Santa Rosa, em Niterói. A gira acabou de madrugada e não havia condução para voltarmos para casa. O que fazer?

Vimos Tranca-Rua incorporar em dona Sila e sair correndo pela extensa rua Mário Viana com o grupo atrás dele, tentando em vão acompanhá-lo, pois era mais rápido que nós. Somente meu companheiro e Geraldo conseguiram. Seguimos até o Largo do Marrão, uma distância de uns três quilômetros. O grupo chegou muito cansado, mas nada nos aconteceu.

Outro episódio que não me sai da memória aconteceu na Revolução de 1964. Nessa época, Tranca-Rua já vinha com freqüência nas reuniões que eu fazia em minha casa. Sempre nos aconselhando, ele confortava as pessoas que haviam sido envolvidas nesse episódio político que marcou a História de nosso país. Teve até um irmão que ele mandou se esconder, para não ser preso naquele período em que se detinham, seqüestravam, maltratavam

e matavam pessoas. Orientada por Tranca-Rua, a irmã Irinéia (que desencarnou em 2002) ia às cadeias em busca de conhecidos que acabaram presos, trazendo notícias para seus familiares que, naqueles momentos de aflição, procuravam uma luz.

Ele nos protegeu muito, pois naquele tempo a ditadura não permitia que nenhum grupo se aglomerasse. Estava sempre rondando, sempre vendo de onde poderia surgir algum motim. Os centros espíritas também não ficaram de fora e eram igualmente vigiados. Inúmeras vezes Seu Tranca-Rua advertiu nosso grupo, dizendo: “O canela-preta²⁸ está aí embaixo, mas não precisa ter medo que nada vai acontecer.”

Em diversas ocasiões, aproveitando a vibração da Lua cheia, fizemos com alguns médiuns sessão no encruzo à noite. Depois, quando tudo terminava, Tranca-Rua continuava incorporado e caminhava com os filhos. Era a forma que tinha de nos fortalecer e também de nos proteger, para que, vencendo os riscos da madrugada, todos chegassem a salvo em casa.

Numa dessas vezes, a sessão foi em Cambinhas (Niterói), quando o bairro começava a ser loteado e ali só existiam barracões no canteiro de obras dos peões. A sessão começou, os atabaques soavam alto embalando as palmas e o canto do grupo de uns 20 médiuns. Como de costume, Tranca-Rua chegou e, pelo que me contaram, tudo ia muito bem, até que ao longe aparecerem dois homens. O grupo ficou receoso, mas Tranca-Rua a todos tranqüilizou, dizendo que um deles era um filho seu, das bandas de Minas Gerais. Dito e feito; já bem perto, um dos homens disse: “Seu Tranca-Rua, é o senhor? Que bom lhe ver outra vez!” O homem era um dos engenheiros responsáveis pelo loteamento do bairro e acabou participando da sessão até o fim.

Tempos mais tarde, quando os filhos já podiam comprar os seus carros, fazia-se a firmeza dos veículos com uma cachaça e

²⁸ Canela-preta é uma referência aos policiais militares, em especial os que faziam patrulhamento a cavalo.

três velas brancas, ofertadas para Tranca-Rua para que ele os protegesse, cuidando para que nada de mal acontecesse com os filhos nem com seus corre-corre.²⁹ Também com essa finalidade, os filhos que queriam penduravam sua guia, de cor preta e vermelha, no retrovisor interno dos carros.

No dia de sua festa, 12 de outubro, muitos filhos trazem sua medalha, que apresenta de um lado seu ponto riscado e, de outro, o nome dele escrito, para que ele possa benzê-la. Seu Tranca-Rua diz que é um exu batizado, ou seja, já recebeu o ensinamento e reconhece Oxalá como uma força maior. Ele tem consciência do plano espiritual e de que tem de melhorar. Muitas histórias ainda poderiam ser contadas, pois Seu Tranca-Rua ajudou muitos filhos, e todos que o conheceram e o conhecem têm muito a dizer sobre ele, sempre com muito carinho e reconhecimento.

Parênteses sobre exus, obsessores e o papel do médium no trabalho de desobsessão

Como Vovó Maria Conga das Almas nos ensina, os exus são espíritos em evolução, precisando encontrar casas de caridade que lhes dêem a oportunidade de trabalho para seu crescimento espiritual. E como realizar essa tarefa? Pedindo sempre para que ele, o exu, ajude um irmão necessitado, que se encontra em sofrimento (seja quem for), para que ele o fortaleça.

Não devemos confundir exu com obsessor. Exus são espíritos que já tomaram conhecimento de que é preciso trabalhar no plano espiritual para, a cada momento, alcançar a Luz maior. Obsessores são espíritos que ainda se encontram na escuridão, muitas vezes revoltados e sem o conhecimento de que não têm mais corpo, e de que não pertencem mais a este planeta de prova e expiação, estando muito apegados aos bens materiais.

O exu bem orientado nos ajuda sempre, porque ele já tem o conhecimento de que é preciso trabalhar no plano espiritual

²⁹ Corre-corre quer dizer carro.

para se libertar das mazelas do passado. O obsessor, não; ele ainda não tomou conhecimento disso e, muitas vezes, até por ignorância e mazelas do passado, atrapalha, levando o irmão encarnado ao vício, à loucura. Pode também levá-lo a matar ou mesmo se matar, ao encontrar o irmão encarnado despreparado, sem sintonia com o caminho do bem, da fé. É por isso que as casas de caridade precisam se preparar e preparar também seu corpo mediúnico para este grande trabalho de doação, de amor, de caridade, que proporcionará distinguir exu de obsessor e aí providenciar ajuda.

Não adianta pedir ao exu para atrapalhar a vida de um irmão oferecendo marafo,³⁰ charuto, flores, etc. Afinal, se for um exu já esclarecido, não aceitará nada disso, e ainda nos dará uma grande lição de amor ao próximo. É importante ter sempre em mente que se o irmão encarnado tiver uma conduta digna, no caminho do bem, o mau irmão não terá força negativa para derrubá-lo.

Precisamos, porém, ter entendimento sobre esse assunto, pois existem obsessores que muitas vezes são espertos demais. Muitos são espíritos que passaram por esta Terra com grande conhecimento intelectual, e o problema se agrava se o encarnado que vai atender esse espírito não estiver bem preparado. Afinal, o obsessor muitas vezes se faz passar por um exu ou até mesmo por um Preto-Velho. Devemos então jogar nesse espírito incorporado num médium da casa toda a vibração de nosso pai Ogum (orixá das demandas), e ele, com certeza, se acalmará.

Para realizar esse grande trabalho de caridade — a desobsessão — é preciso que o médium esteja preparado para doutrinar o espírito. Deve entender que muitas vezes ali está um irmão que desencarnou drasticamente, levando para o plano espiritual as mazelas não resolvidas em seu trabalho ou em sua família. Por não ter conseguido vencer o ódio e a vaidade, por não ter se libertado de heranças aqui deixadas, e às vezes não ter

³⁰ Cachaça.

família para ampará-lo com oração, esse espírito não estará livre até encontrar uma casa de caridade que o encaminhe. Só assim ele começará a evoluir, para trilhar um novo caminho e deixar de ser obsessor. Quem sabe até passar de obsessor para exu, e então se esclarecer e prosseguir no caminho de Luz, onde certamente terá oportunidade de, através da prática da caridade, vir a ser um grande mentor espiritual?

O médium que se propuser a este grande trabalho de desobsessão também precisa começar a sua reforma, não bebendo, se libertando de opinião,³¹ ciúmes, vaidade, ódio, procurando sempre perdoar, realizar o Evangelho no Lar, ter mais tolerância com seus familiares e no trabalho, seguindo os ensinamentos de nossos grandes protetores, mentores e guias espirituais.

É importante ressaltar que o médium que se propõe a conversar com nossos irmãos desencarnados muitas vezes fica sendo vigiado pelo obsessor. É aí que vemos como é importante ter equilíbrio, ter uma conduta correta. Se assim não o for, como algum espírito poderá confiar nele?

E sempre que um irmão estiver trilhando o caminho errado devemos procurar ser fortes como um leão, mas mansos como um cordeiro e, com muito equilíbrio, orientá-lo para sua reforma. Sabe lá Oxalá quando, mas um dia também chegaremos lá. Ao partir para a verdadeira caminhada, encontraremos um grande anjo da guarda para nos amparar, para termos a grande oportunidade de amparar nossos irmãos no ir e vir, visitando e ajudando, quando possível, nossa família.

Aí é que entra a importância do conhecimento da grande luz da doutrina espírita, de que teremos de dar conta de tudo que fizemos de errado. Como a Vovó Conga sempre nos alerta, não adianta matar, roubar, fazer mal para nossos irmãos e depois

³¹ Opinião, aqui, refere-se ao fato de a pessoa manter seus conceitos e idéias de uma forma teimosa. Não ter opinião implica que, às vezes, para não haver brigas, é melhor a pessoa ser generosa com o outro e guardar para si a sua opinião.

rezar três Ave-Marias e três Pais-Nossos e se entregar e levantar as mãos para o alto pensando que será salvo. Nada disso! Ao chegarmos ao plano espiritual seremos perguntados sobre o que fizemos, e não sobre quem fomos ou o que materialmente conquistamos.

Na dor ou no amor, a oportunidade de crescimento

*Ele é capitão da encruzilhada, ele é...
 Ordenança de Ogum, mas ele é...
 Sua coroa quem lhe deu foi Oxalá!
 Sua divisa quem lhe deu foi Omulu!
 Salve o Céu, salve o Sol e salve a Lua...
 Saravá, Seu Tranca-Rua
 Que corre gira no meio da rua!
 Salve o Céu, salve o Sol e salve a Lua...
 Saravá, Seu Tranca-Rua
 Que corre gira no meio da rua...³²*

Sabemos através da Espiritualidade que temos dois caminhos para chegar ao Pai: o da dor ou o do amor. Que bom chegar através do amor, e assim resgatar as dívidas que contraímos em outras reencarnações! Deixo bem claro que muito aprendi com este grande irmão, e até posso dizer que ele foi como um anjo da guarda de todos nós, dando-nos uma grande oportunidade de crescimento. Quando começou mesmo a chegar, Tranca-Rua precisava de esclarecimento espiritual, de fazer a caridade, ajudando os irmãos na vibração do Sol e da Lua, para poder continuar no seu caminho de evolução.

Hoje, graças aos ensinamentos trazidos pela Espiritualidade, já temos conhecimento de que nos encontramos em processo

³² Ponto cantado na nossa casa para Seu Tranca-Rua.

de crescimento, sempre evoluindo. Por isso Oxalá, que é um pai misericordioso, que comanda este grande universo, nos dá a oportunidade de ir e vir através da reencarnação, quantas vezes for necessário. É nesse vaivém que nos transformamos em pessoas melhores, em verdadeiros filhos de Deus.

E foi assim que Seu Tranca-Rua nos ajudou muito, passando-nos seu conhecimento. É claro que também tivemos de fazer por melhorar e merecer sua ajuda, pois ele sempre nos alertou de que a mudança individual é necessária para que ele possa nos amparar. Se não fizessemos por onde, se não nos empenhássemos em nossa mudança, não estaríamos colaborando para nosso crescimento, e Seu Tranca-Rua não teria recebido permissão do plano espiritual para nos ajudar a vencer nossas dificuldades.

A meus irmãos, quero aqui deixar registrado o quanto nós, da irmandade da Casa de Caridade Miguel Arcanjo, somos agradecidos a este grande amigo espiritual, que conosco foi crescendo ao longo dos anos. O caminho percorrido por Seu Tranca-Rua mostra sua evolução. Já não precisa quebrar copo, usar capa preta e vermelha ou pólvora, como fazia antigamente, o que me incomodava bastante. Vibrando com a energia da linha de Oxóssi, ele chega para nos ajudar, orientando-nos a buscar a sintonia com as forças do Sol e da Lua, energias que irão nos amparar, guiando nossos passos.

A história de Seu Tranca-Rua prova que todos nós, encarnados e desencarnados, tendo o cuidado de freqüentar uma casa de caridade com ensino e estudo da doutrina, podemos evoluir cada vez mais, e assim, com a fé raciocinada, confiar que conseguiremos chegar um dia, sabe lá Deus quando, ao caminho da Luz.

Salve o Sol e Salve a Lua!

Testemuntio

Acolhendo o chamado dos orixás

Geraldo da Conceição Furtado Odejinna

O que são 16 anos num momento em que os jovens estão em busca de algo que não conhecem? Isso não seria diferente para muitos jovens que existem hoje em dia. Também a busca pelo desconhecido começa a partir do momento em que a gente, lá no fundo, começa a se perguntar por que aquele som trazido pelos atabaques nos atrai, juntamente com o bater das palmas, os enfeites e adornos que são usados, o cheiro gostoso que vem da cozinha, o perfume que vem das senhoras, o abraço acolhedor que vem da divindade que nos acena com a esperança, dando a possibilidade de um amanhã melhor.

Assim eu vou falar um pouco de busca, de encontro, de esperança, do tempo quando eu tinha 16 anos e vivia em Amélia Rodrigues,³³ uma cidadezinha do interior da Bahia. Morávamos próximo a um espaço religioso das tradições afro-brasileiras. Em um determinado período do ano existiam determinados rituais e celebrações que mexiam muito comigo. Quando começava o toque dos atabaques, eu me sentia totalmente envolvido e seduzido por aquele som que chegava aos meus ouvidos, me trazendo uma espécie de convite e chamado.

Eu me contive o quanto pude. Um certo dia saí escondido dos meus familiares e fui em direção daqueles sons que meu ouvido enxergava. Direcionado por aquele som na escuridão

³³ Antiga Lapa.

da noite, fui-me deparando com a claridade colorida de vestimentas por mim nunca vistas. Aproximei-me aos poucos, com receios, mas o coração se mostrava muito acelerado de alegria e ao mesmo tempo de descoberta de uma coisa que jamais tinha visto: pessoas envolvidas em um transe no qual se sentia a mais pura energia do sobrenatural. À medida que eu observava tudo à minha volta, mais me sentia também ali envolvido. Saciei, assim, a minha sede de curiosidade e busquei resposta para mim mesmo no porquê daqueles poucos minutos em que fiquei assistindo àquele bailado de luzes e cores que me havia dado tanto prazer.

Voltei para casa um pouco assustado com tudo aquilo que vi, mas, ao mesmo tempo, o tudo que tinha visto no fundo da minha consciência era o caminho que eu teria de agora em diante. Eu teria que me aprofundar muito mais para me entender.

Chegando em casa minha mãe me aguardava. Olhando para mim, perguntou: “Onde você estava?” “Eu estava ali”, respondi-lhe. “Você estava no candomblé?” Respondi que sim, e ela me disse: “Veja lá o que você está arrumando para sua cabeça bendita”, foram as palavras da minha mãe.

Após um determinado tempo, eu me deparei com algumas pessoas que, quando eu tinha meus sete anos de idade, me levavam velas para eu acender para São Cosme e São Damião, pedindo a eles que trouxessem de volta seus bens perdidos como bicicletas, etc. Ao me ver, uma dessas pessoas ficou abismada com meu tamanho: “Nossa, ele cresceu! Você se lembra, Dionísia, quando você levou aquele pacote de velas para ele acender para São Cosme e São Damião e que com três dias a gente encontrou o cavalo?”

Para aquelas pessoas, simplesmente encontrar alguém que tinha intercedido pelo cavalo perdido, era o bastante. Já para mim isso era mais um ponto-de-interrogação.

Esse ponto-de-interrogação continuou na minha cabeça de adolescente. Eu, nesse período, vivia totalmente distante do

universo que os meus familiares haviam imaginado para mim, pois a grande intenção deles era a de que eu viesse a ser padre.

Retomando aquele pensamento, eu me senti no escuro no meio do nada. Numas férias de meio de ano, chegou em nossa casa uma prima que morava em Salvador e ela, me vendo no meio desse conflito, disse para minha mãe: “Ô tia, deixa eu levar o Geraldo na casa de uma senhora que ela olha muito bem.” Mas minha mãe ficou de pensar.

Tempos mais tarde, eu fui comprar umas frutas em uma chácara que tinha um grande pomar. Chegando lá, fiquei maravilhado com tantas frutas que ali havia. Caminhando em direção à casa-sede eu me senti atraído por um aroma que me era muito familiar. Mas o estranho é que eu tinha certeza de não ter sentido esse cheiro antes. Fui me aproximando e me sentindo muito gratificado por estar naquele espaço. De lá de dentro veio uma senhora que me trazia uma cesta cheia de frutas. Quando eu estendi a mão para pagar, ela me disse: “Você aqui não precisa pagar. A ordem que eu tenho é que sempre que você vier aqui, eu não cobre nada.” Fiquei intrigado e ao mesmo tempo me questionei por que não.

Fui para casa e falei com minha mãe. Ela então me respondeu: “Eles não cobraram porque eles são desses negócios.” Quando minha mãe me falava assim, eu já sabia que devia ser negócio de santo e cada vez mais, ao invés de eu encontrar respostas, era ao contrário. Mas fui tocando a minha vida.

Eu sentia necessidade de adquirir recursos para mim e minha família. Mesmo sendo o mais jovem, o “çaçula”, eu estava em grande dúvida, pois queria montar uma pequena fábrica de pipocas e eu, para isso, iria precisar de um pequeno capital, mas esse pequeno capital era muito grande para a minha família, que não tinha recursos para realizar esse meu desejo.

Estava muito ansioso e ao mesmo tempo muito preocupado. Naquela mesma noite, tive um sonho com um senhor barbudo

me dizendo que eu podia fazer o que eu estava querendo, pois isso iria dar certo. Acordei de manhã e contei para minha mãe: “Mãe, sonhei com um velho e ele me disse que eu podia fazer o que eu queria, que iria dar certo.” Aí vira ela e me pergunta: “E aonde você vai arranjar esse dinheiro?” “Para começar, eu vou falar com uma pessoa e, assim como o velho disse que ia dar certo, essa pessoa vai me emprestar.” Dito e feito. Fui lá e conversei com a pessoa que, sem questionar, me entregou o dinheiro que eu precisava para fazer as compras.

Fui para a cidade de Feira de Santana, que ficava próxima à minha cidade, e ali comprei todo o material necessário para começar a minha empreitada. Quando cheguei em casa, com todas aquelas mercadorias, minha mãe ficou de queixo caído: “Onde você arranjou tanto dinheiro para comprar isso tudo de coisa?” “Eu não disse à senhora que ia dar certo?” “Eu quero é ver como é que você vai pagar o dinheiro dos outros!”, disse ela. “Ora essa, vendendo minhas pipocas! Omolu não disse que iria dar certo?”

A essa altura, os adolescentes mais jovens que eu, que eram quatro, já estavam a postos e aguardando a primeira remessa para irem vender. Só estavam aguardando eu criar a pipoqueira.

Peguei uma panela de pressão velha, levei-a a um vizinho nosso e disse a ele o que queria que fizesse. Ele não entendeu muito bem, achando esquisito, mas fui explicando a ele. Depois de pronto, ele achou muito engenhosa e acabou não cobrando nada pelo seu serviço.

Eu me dirigi para casa e improvisei uma fôrnalha à base de carvão e comecei a produção. Mal dava conta de abastecer os quatro vendedores, pois o movimento foi tão grande que a matéria-prima que comprei não deu para vender a semana. Peguei o dinheiro apurado nas vendas e fui comprar mais material.

Ao completar os sete dias, fui devolver o dinheiro que havia tomado emprestado. E me encontrei de volta com os meus ques-

tionamentos, buscando resposta às minhas questões, querendo entender o porquê da sensação de algo que eu não conhecia.

De volta a passeio à minha casa, minha prima Aidê, conversando comigo, me disse: “Primo, como vai você?” Eu respondi: “Existem muitas perguntas que me deixam sem respostas.” Ela então me propõe: “Por que você não vai até a casa da dona Cotinha? Ela olha muito bem!”³⁴ “Então vamos marcar.” Combinamos o dia exato. Os dias que antecederam a minha ida à casa dessa senhora foram de muita expectativa e ansiedade. Praticamente nem dormi direito na véspera. A viagem toda foi de expectativa e aguardo.

Chegando à sua casa, um filho de criação nos recebeu e pediu para aguardarmos numa sala. A minha expectativa era tamanha que as minhas mãos começaram a transpirar. Quando ela me chamou, fui até ela, muito apreensivo. Eu me sentei ao seu lado, junto de uma mesa pequena. Então, ela começou a manusear aquelas conchinhas, usando palavras que eu não entendia mas que não me eram estranhas. Ao mesmo tempo eu observava aquela mulher negra. Seus dedos compridos, de uma aparência tranqüila, mesmo tendo sido castigada pelos anos, me passavam uma confiança de alguém que poderia me dar as respostas para as minhas dúvidas ou busca.

Então ela começou o processo de lançar aquelas conchas sobre a mesa. Esperançoso, fiquei eu no aguardo das suas primeiras palavras. E ela jogava, conversava, parecendo ter começado um diálogo com essas conchas, imersa como em um transe de conversação. Fiquei ali, vendo aquilo tudo, esperando ansioso. Aí ela me disse: “Osum³⁵ está dizendo aqui que você vai fazer isso que eu estou fazendo aqui.” “Então diga a ela que se ela me ajudar a eu me entender e ela me orientar, eu farei o que ela

³⁴ Quando se diz que uma pessoa olha bem, isso quer dizer que ela é uma boa consultora do oráculo, do Ifá.

³⁵ Oxum, deusa das águas doces.

quer”, respondi. Volta a senhora e me diz: “Vá para sua casa que os caminhos lhe chegarão.”

De volta para casa, conversando com minha prima, fiquei me lembrando daquele momento em que estive ao lado de alguém que iria me trazer um pouco de esclarecimento para um caminho que me era totalmente desconhecido.

Os dias se passaram, o tempo passou, e o próprio destino se incumbiu de colocar situações e pessoas no meu caminho a fim de me trazer e levar informações de esclarecimento da existência de algo superior.

Mais tarde nos mudamos para Salvador na busca de uma condição de vida melhor. Conheci o universo de pessoas ligadas a uma perspectiva de vida voltada para os orixás. Munido de minhas informações e questionamentos, fui me juntando a essas pessoas e conhecendo um número maior de casas de candomblé, de orixá e de caboclos, de espíritas e kardecistas.

Fiquei fascinado pela doutrina de Kardec e pedi a um amigo para que ele me levasse a um determinado centro. Chegando lá fui muito bem recebido, mas o dirigente do espaço chamou meu amigo em particular. Ao retornar, ele me explicou o teor da conversa que teve com o superior dele. Ele me disse exatamente o seguinte: que eu era um médium muito bom mas não pertencia àquele segmento e que a minha estadia ali não seria proveitosa nem para mim nem para meus colegas.

Mais uma vez eu estava no meio de um nada, no conjunto de perguntas e questionamentos.

Comecei a frequentar uma senhora que tinha um terreiro na ladeira do Pau Miúdo. Mas não me sentia à vontade ali. Conversei com a dona da casa e ela me disse o seguinte: “Olha, cada pessoa deve encontrar seu verdadeiro caminho e aqui na minha casa você é muito querido, mas infelizmente ainda não é aqui o seu lugar.”

Mais tarde, fui informado sobre um senhor que tinha um terreiro de candomblé. Procurei me aproximar e me senti ainda mais deslocado. Decidi que ia dar um tempo.

Mas o relógio da vida não pára. Quando menos percebo, estava sendo direcionado a um senhor que era esposo de uma filha-de-santo de um grande terreiro em Salvador. Esperei um ano para conversar com este cidadão. Ao me aproximar deste senhor, percebi que tratava-se de uma pessoa que tinha um modo muito especial de ver e interpretar os orixás e os ancestrais. Para ele, eram divindades da natureza que dependiam de sensibilidade, de determinação e muita paciência. E esse aprendizado seria o início do meu novo caminho.

Comecei a ir para a casa deste senhor todos os fins de semana. Como um aluno dedicado, eu me sentava ao lado dele, das sete da manhã às quatro horas da tarde. Só parávamos para almoçar e tomarmos um banho. Apesar de exaustivo o dia, ele não se sentia cansado ao me falar sobre folhas, pigmentos, terra, elemento, água, odu, caminhos de ebó, e sempre me perguntando: “Você está me entendendo?” Eu me sentia acolhido, protegido e orientado.

Era uma festa para mim atravessar a Baía de Todos os Santos em direção à Ilha de Itaparica. Para mim era uma situação que eu achava definitiva. Mas chegou um determinado dia em que meu tio José Laureano dos Santos me chamou e disse: “Eu vou levar você na casa de meu cunhado que é um olhador,³⁶ discípulo de Martiniano Eliseu do Bonfim.” Não precisou eu perguntar, pois ele me explicou: “Eu sou Oje³⁷ e não babalorixá, e o seu caso, de agora por diante, quem tem que resolver é um pai-de-santo ou uma mãe-de-santo, mas antes eu quero saber qual o caminho a ser tomado.”

Chegando lá o senhor Domingos, que era do orixá Abaluaê, começou a jogar os búzios e confirmou para meu tio que o meu caminho era de fazer santo, sim. Achava eu que aquela decisão

³⁶ Aquele que manuseia o oráculo.

³⁷ Sacerdote de egungun, ou seja, sacerdote do culto pós-morte. É também referido como sacerdote de ancestrais.

seria a decisão para aquele momento. Pelo contrário: com a ajuda deste meu tio começamos uma grande busca para encontrar quem realmente iria colocar um ponto de esclarecimento e clareza. Juntos, então, começamos a ir procurar os babalorixás e ialorixás que nos eram indicados. Fomos na casa de pais-de-santo de Oxum, Ogum, Oxóssi, etc. e assim o tempo foi passando.

Em um belo dia resolvi ir à casa de uma senhora por quem eu tinha uma grande consideração. Comecei a conversar sobre a minha situação. Ela então me aconselhou: “Por que você não vai conversar com a mãe-de-santo?” Eu perguntei: “Será que ela está em casa?” Ela então me respondeu: “Está, sim.” Eu me entusiasmei para conversar com a mãe-de-santo. Esta minha amiga então me disse: “Vá, sim. Você, chegando no axé,³⁸ pode contar comigo como sua amiga.”

Fui em direção à mãe-de-santo e contei a ela o que estava acontecendo comigo. Então ela me falou o seguinte: “Quarta-feira você esteja aqui bem cedo que eu vou consultar Xangô e o que ele determinar, isso será feito.” Na quarta-feira marcada lá estava eu bem cedinho. Fui o terceiro a ser atendido. Daí foi feito o jogo em 26 de janeiro de 1988, data em que fui iniciado no orixá Oxóssi. Tudo foi muito rápido: a sensação de bem-estar junto às pessoas que tinham em particular as mesmas convicções de que orixá é o encontro do ser com o divino. Anos depois, após conversar com minha ialorixá após um período no qual tive várias revelações, ela me ajudou e fez com que eu me sentisse mais calmo. Foi com suas palavras, procurando entender através delas, que descobri que eu estava diante do que o *Oje* me tinha falado: que orixá é sensibilidade. E eu, sentindo a necessidade de buscar esse ser superior, continuei a minha caminhada.

Vivendo no decorrer desses anos, pude aprender com as pessoas que já tinham uma experiência de vida que o grande

³⁸Terreiro.

encontro com o seu eu-verdadeiro e as respostas de todo o esclarecimento para as nossas perguntas estão contidos em nós mesmos. É no dia-a-dia em que vivemos, tentando entender a nós mesmos, que entendemos os outros e os que nos rodeiam.

Estou aprendendo, ao caminhar da minha vida, que aos 52 anos ainda estou buscando meu caminho, ensinando às pessoas que buscam, através de uma palavra, uma resposta para as coisas que as afligem.

É olhando para este caminho que eu vivi que tento buscar uma palavra para quem me escuta.

Pai Tomás, viva Deus!

Silvia Veiga Teixeira de Freitas

Mansidez, humildade e muita luz

Em uma quinta-feira do ano de 1996, tive a oportunidade de assistir a uma sessão de mesa na Casa de Caridade Miguel Arcanjo,³⁹ a qual passara a frequentar. Após a leitura do *Evangelho Segundo o Espiritismo*,⁴⁰ de Allan Kardec, foram lidas belas mensagens e deu-se início à segunda parte dos trabalhos, com a chegada de uma entidade que identifiquei depois como sendo Pai Tomás, que se tornou para mim alvo de muito amor e carinho.

Pai Tomás chegou de mansinho e começou a falar com intensa doçura, envolvendo-nos com a sua energia, demonstrando grande elevação espiritual, embora com muita humildade, e suas palavras tocaram fundo no coração de todos os presentes.

Inicialmente proferiu uma prece suscitando a proteção divina para os trabalhos:

Pai Celestial, mais uma vez este Preto-Velho, pequenico como um grão de areia, pede que o Senhor permita que a falange de São Francisco de Assis envolva cada filho em alegria e humildade. Que a falange de Bezerra de Menezes⁴¹ possa curar os filhos de todo o mal, toda inquietude

³⁹ Situada em Niterói, RJ.

⁴⁰ Este livro faz parte do pentateuco espírita, as obras básicas do Espiritismo codificadas por Allan Kardec.

⁴¹ A falange de Bezerra de Menezes, médico dedicado aos pobres e ardente defensor do Espiritismo no final do século XIX no Brasil, é uma falange de cura.

tação, solidão, de toda dor ou amargura. Que a sabedoria do mano formoso Ramatis⁴² possa iluminá-los nos momentos de decisões. Que a luz luminosa possa envolver o camutuá⁴³ de cada filho! Que cada filho possa compreender o que está fazendo na “terra fria”, e que possa sempre confiar no Pai Celestial, que comanda todo o universo!

A partir daí, passei a admirar cada vez mais aquele Preto-Velho chamado “Pai Tomás”.

Pai Tomás nasceu na Bahia, a terra do cacau, sendo filho e neto de escravos vindos da África, como tantos outros irmãos escravizados. Nasceu e viveu em uma fazenda de cacau, onde trabalhava na lavoura. Era conhecido também por ser um rezador. A vida era de muito trabalho, mas na época do Natal e da Páscoa havia sempre uma mesa comprida e farta, onde os escravos podiam comer e beber leite com cacau, canjica com amendoim e outras coisas produzidas na fazenda. Também se fazia a feijoada com as partes do boi que os senhores não comiam.

Ele se casou com uma negra bonita chamada Joana e teve com ela muitos filhos, que foram criados com muito carinho e amor. Todos foram bons filhos. Pai Tomás nos ensina que o amor é o que faz os filhos florirem e que devemos aproveitar cada minuto de nossa caminhada para amar os nossos filhos e a nossa família; que é preciso também ter muito equilíbrio e “mansidez”, sendo mansos como um cordeiro, mas firmes como um leão.

Esse Preto-Velho gostava muito de “contar prosas” e fazer versos. Ele nos ensina, com as suas histórias, a olhar de verdade as coisas simples e belas da vida, como o Sol, a Lua, as estrelas, a ver os rios, as cachoeiras, as folhas dos galhos balançarem com o vento e também a beleza de uma flor desabrochar, como ele mes-

⁴² Entidade portadora de princípios universalistas, empreende uma aproximação entre o Oriente e o Ocidente.

⁴³ Cabeça, pensamento.

mo fazia quando via o lírio nascer no meio do pântano. Contamos que acordava bem cedo, só para ver o sol nascer, e ficava espiando o céu, até as estrelas sumirem na claridade do dia.

Em verdade, ele tenta, com tanta poesia, chamar a nossa atenção para a necessidade de vivermos com mais calma, de não corrermos tanto, pois vivemos neste mundo tão agitado e não temos tempo para nada. É preciso achar mais a natureza, ver o nosso filho mudar de voz, mudar a face, já que a passagem aqui na Terra é “pequenica”, como ele diz, e não devemos perder tempo com coisas sem importância. Devemos aproveitar a luz que o Pai Celestial nos dá, porque não há mais tempo a perder. Lembra-nos ele que todos os filhos se preparam para tudo, como comprar roupas novas, carros, casas, jóias, mas poucos se preparam para desencarnar. O mais importante é buscar o crescimento espiritual, através da fé, da “mansidez”, do equilíbrio e da caridade.

Sempre muito alegre, ele procurou ajudar com suas rezas os irmãos que o procuravam. Gostava muito de ver a natureza com toda a sua formosura e nos ensina que, para viver nesta terra, é muito importante termos alegria no coração. A nossa terra é muito florida e foi escolhida para florir cada vez mais, vivenciando o Evangelho de Jesus, nos explica.

É certo que viveu momentos de muita alegria, mas quando já estava bem velhinho experimentou uma grande tristeza, pois certo dia, sem querer, viu o senhor da fazenda dormir com uma sinhazinha negra e este pediu para que o capataz, homem rude, o castigasse. Ele não lhe explicou o motivo, só disse que Tomás tinha visto o que não deveria. Como Pai Tomás também não revelasse o que vira para o capataz, este, furioso, furou seus olhos e cortou sua língua.

Para ele, que gostava tanto de olhar o céu, as estrelas, as flores, que gostava tanto de conversar com as crianças, de contar histórias, isto foi motivo de grande tristeza, deixando-o muito

tempo revoltado com o Pai Celestial. Ele nunca contou a ninguém quem cometera aquela maldade, para proteger os seus irmãos de serem também castigados, pois certamente eles iriam querer se vingar do capataz. Pai Tomás morreu calado, e ensina que muitas vezes temos que calar para proteger a quem amamos.

Posteriormente, como ele mesmo nos conta, pensou:

Mas como preto-velho é ingrato! Preto-velho já tá veinho, mesmo! Pra que preto-velho quer olho? Pra que preto-velho quer trame-la?⁴⁴ Preto-velho já tá veinho, mesmo! Afinal, eu já vi tanta coisa bonita, já contei tanta prosa! Já vi tanto o céu, as estrelas, e se eu tô passando por isso, é que preto-velho tem que passá!

E foi somente quando deixou de sentir a revolta no seu coração e que desencarnou, muito velhinho, pôde, ao chegar no plano espiritual, entender o porquê de ele ter passado por todo aquele sofrimento. Ele soube que em outra passagem na Terra também havia causado o mal àquele irmão que se encontrava agora como o seu algoz. Somente quando Pai Tomás viu o quanto estava sendo ingrato com o Pai Celestial, e passou a aceitar a sua nova condição física, pôde se libertar de seu fardo pesado e deficiente, resgatando com isso um débito do seu passado.

A grande lição

Com essa história vivida por Pai Tomás, a qual ele sempre faz questão de narrar, nos é transmitida uma grande lição: é preciso tirar todo o sentimento de Rancor e Raiva dos nossos corações. “É preciso perdoar”, pois o perdão nos traz a *Paz* e a *Paz*, nos traz a *Saúde*, e nos traz com isso o *Crescimento!*

⁴⁴ Tramela significa língua.

A falta de perdão nos torna doentes. Muitas vezes não sabemos perdoar por causa do orgulho, por opinião,⁴⁵ e isto só atrapalha a nossa evolução.

Quando há harmonia é mais fácil passar pelas pedras do caminho. Só assim vamos vencer os momentos difíceis. Afinal, na vida, não há só as rosas, mas há também os espinhos, sendo necessário muita fé no Pai Celestial, muita humildade, perseverança no trabalho de crescimento espiritual, fazendo-se sempre, com muito amor, a caridade em todas as oportunidades. Só assim teremos paz, nos fortaleceremos, facilitando a ajuda divina nos momentos difíceis, nos momentos de desilusões.

Ele sempre nos diz o quanto é importante termos alegria, esperança, termos ilusão!⁴⁶ Uma outra frase que este amigo espiritual sempre nos diz é que “não cai nem uma folhinha da árvore sem que tenha a permissão do nosso *Pai Maior!*”

De acordo com os ensinamentos deste Preto-Velho, devemos agradecer ao Pai Celestial pelos filhos que lá atrás plantam os alimentos que depois serão consumidos por nós. Lembra que nunca devemos deixar comida no prato, já que tantos passam fome! Devemos ensinar os nossos filhos a plantar as sementes das frutas e também que, ao se derrubar uma árvore, deve-se plantar outra. Os moços de fora, ou seja, os estrangeiros, estão indo lá na Amazônia e derrubando tudo! Somos nós que temos que zelar pela nossa pátria, pela nossa terra! Hoje em dia, quem ensina os filhos a plantar? Só a tirar! Devemos juntar os curumins⁴⁷ e passar todo esse ensinamento! Precisamos aproveitar cada momento!

Também devemos procurar ter um encontro maior com nós mesmos e ter em nossa caminhada o compromisso com o cresci-

⁴⁵ Opinião, aqui, refere-se ao fato de a pessoa manter seus conceitos e idéias de uma forma teimosa.

⁴⁶ Ilusão, aqui, significa esperança, sonho.

⁴⁷ Crianças.

mento, unir a família, entrar mais em oração, fazer mais a prática do Evangelho no Lar⁴⁸ e botar mais luz na Terra! É hora de trabalho formoso! É chegado o momento da separação do joio do trigo, em que se realiza uma verdadeira limpeza neste planeta Terra! Precisamos nos preparar com fé e com a nossa mudança interior, para que ao voltarmos em novas encarnações encontremos a nossa Terra mais florida! Precisamos ajudar o Pai a fazer essa reforma, harmonizando-nos e procurando passar todo o ensinamento que recebemos para os outros irmãos que nos cercam e que ainda estão adormecidos! A maior caridade é levar a luz aos outros manos. Cada um deverá fazer a sua parte no caminho da paz e da harmonia neste planeta!

Pai Tomás e seus ensinamentos

A Casa de Caridade Miguel Arcanjo é uma casa de Umbanda, mas passou a contar também com os trabalhos de mesa, através da orientação espiritual do querido Frei Rodolfo e de Vovó Maria Conga das Almas, nossa mentora querida, a qual tudo faz para que os seus filhos busquem um maior crescimento espiritual.

Perguntamos ao Pai Tomás, em reunião realizada em março de 2005, como foi dada a ele a missão de trabalhar mais ligado à linha do Oriente. Ele nos respondeu que, como havia pas-

⁴⁸ Reunião dos familiares que desejarem participar, estabelecendo assim um compromisso com a Espiritualidade, com dia e hora marcados. Coloque uma jarra com água filtrada para fluidificar e, ao lado, um copo com água, para que as energias negativas do ambiente sejam aí concentradas. Faça uma prece, leia em voz alta e comente um trecho de um livro com ensinamentos (como *O evangelho segundo o espiritismo*). Encerre com uma prece de agradecimento a Deus e aos amigos espirituais. Por fim, beba a água fluidificada e despache a água do copo usada para captar as energias negativas no jardim, em um vaso de plantas (sem espinhos e viçosa) ou mesmo na pia em água corrente. Toda essa prática do Evangelho no Lar deverá ter o mínimo de sete minutos e o máximo de uma hora. Mesmo em viagem, faça o Evangelho no Lar onde estiver. E só o adie por motivo realmente de força maior. Fazer o Evangelho no Lar é formar uma grande corrente do Bem. (N.O.)

sado por uma grande prova na Terra, foi-lhe dada a permissão de trabalhar junto a essa corrente tão luminosa! Anteriormente, este Preto-Velho também já havia trabalhado em um terreiro na Bahia, onde teve a oportunidade de receber muito ensinamento, pois a mãe-de-santo era muito bondosa, iluminada, evoluída, e com muita humildade tinha sempre uma palavra amiga, de conforto, para dar aos manos aflitos. Assim, ele foi também evoluindo e passou a percorrer várias outras casas, conhecendo-as, e encontrou na nossa casa a oportunidade de ajudar na corrente espiritual, apesar de também participar de trabalhos em outros centros. Numa delas, por exemplo, ele participa de um grande trabalho espiritual que busca auxílio para encontrar crianças e jovens desaparecidos.

Ele nos recorda as palavras de Pai Oxalá, quando “Ele” nos disse que onde mais de dois filhos se reunirem em nome do Pai, “Ele” lá estaria presente, e assim buscaremos na sua mensagem, nas palavras e nos ensinamentos de Jesus, o verdadeiro Clarão da Vida, que serve de caminho de luz na vida das pessoas.

Nosso querido Pai Tomás nos lembra que a Umbanda florida, luminosa, também nos faz seguir no caminho do Pai. A Umbanda é *Amor*! Ela nos ampara, nos dá colo, nos dá força e coragem e nos ensina também a trabalhar cada vez mais pelos irmãos mais necessitados. A Umbanda é também *Caridade*!

No tempo em que Pai Tomás vivia na fazenda, havia o culto do Candomblé, trazido da África pelos seus antepassados. (“Ai de nós se não fizéssemos a nossa firmeza”, diz ele.) Naquela época, trabalhavam com a palha, a cumbuca, a bananeira, a árvore, o alguidar. “Ainda hoje, há muitas casas formosas de Candomblé”, ressalta.

Lembra ele que, com o progresso e a evolução espiritual, até os cientistas estão admitindo e comprovando que existe algo além da matéria.

Nos trabalhos de mesa, devemos aproveitar para doutrinar espíritos revoltados, perturbados, normalmente chefes de falanges

que são dotados de grande inteligência e que são aí trazidos para receber luz, amparo e orientação para seguirem um caminho formoso, luminoso. Também podemos estar com irmãos sofredores, necessitados de consolo, orientação, segurança, e a todos devemos tratar sempre com muito *Amor!*

É importante que cada um de nós que participa do corpo mediúnico de uma Casa Espírita pergunte o que está fazendo lá. Esclarece também que, muitas vezes, a falange espiritual utiliza a luz de um irmão que está lá no cantinho, na assistência, mas que tem bondade, equilíbrio, e este também ajuda na corrente espiritual. Quando estamos reunidos, todos são usados para socorrer os filhos mais aflitos, e as correntes de fé vão chegar até as prisões, os hospitais, manicômios ou asilos de velhinhos. Para isso é preciso muita harmonia, obediência e respeito em uma casa de luz onde se trabalha em prol da Caridade!

Se nas casas de caridade não houver filhos com amor, com equilíbrio, fé e boa vontade, como a Espiritualidade vai ajudar? A fé de todos é o que ajuda a amansar os filhos que seguem o caminho errante. Quanta caridade pode ser feita em uma casa bem orientada! Quantas mães derramam lágrimas de sangue pois não sabem onde o filho está? Quantas mães têm os filhos doentes, ou atrás das grades de uma prisão?

Ao entrarmos em uma casa espírita, podemos ter a certeza de que já estamos recebendo amparo espiritual. Pai Tomás nos ensina a mentalizar uma braçada de luz, envolvendo a todos os irmãos que necessitam de ajuda, e também as nossas casas e os nossos familiares. Há sempre muito trabalho a fazer, e podemos contar com a ajuda dos falangeiros da casa, dos caboclos, pretos-velhos e várias entidades de luz! Não há mais tempo a perder! Pai Tomás também nos lembra que os filhos mais importantes são os que têm mais humildade! Ele nos diz que ao desencarnarmos, quando chegarmos no plano espiritual, ninguém nos perguntará se éramos espíritas, ou católicos, ou evangélicos, budistas,

mas certamente nos indagará: “O que você fez de bom? Você foi um verdadeiro cristão, ou seja: seguiu os ensinamentos de Jesus Cristo? (Não importa através de qual caminho.)

Pai Tomás nos ensina que “ao abirmos os nossos olhinhos e colocarmos os nossos pezinhos no chão, pela manhã, devemos dizer com bastante sentimento a oração mais grandiosa que existe: “Viva Deus!” Esta oração, apesar de pequenina, é muito grande quando é dita bem do fundo do nosso coração! Ele pede para que ensinemos às crianças e a todas as pessoas para sempre dizerem esta oração.

E é sempre assim que o nosso amigo se despede de nós, deixando-nos a sorrir de tamanha felicidade, pelas suas palavras doces e amigas, pelos seus conselhos e ensinamentos, e pela oportunidade de mais uma vez estarmos juntos com o nosso amado Pai Tomás. “Viva Deus!”

“Pai Tomás, dizeis que és pequenico igual a um grãozinho de areia! Mas quem me dera, um dia, ser também tão pequenica, pois quem sabe assim eu poderia ficar bem pertinho de vós!”

Muito obrigada, meu Pai Oxalá, pela oportunidade de passar estas palavras que não são minhas, mas são fruto das mensagens ouvidas nesta Casa de Umbanda, nos trabalhos de mesa, das entidades queridas que vêm nos ajudar para o nosso crescimento.

Pai Tomás deixa uma braçada cheia de luz para você, leitor amigo!

Viva Deus!

Sons e vozes da África: ecos de uma religiosidade de resistência

Suely Reis Pinheiro

*Subi a serra acompanhando o Pai Xangô
no lugar onde ele mora corre água e nasce flor,
kaô!*

*Oh Iansã, Orixá da Umbanda
Rainha do nosso Gongá
Saravá Iansã lá na Aruanda, eh, parrê, parrê,
Iansã venceu demanda.⁴⁹*

O preconceito

Em meio a uma animada conversa intelectual, em minha cidade natal, Niterói, onde um dia ressurgiu a Umbanda,⁵⁰ uma amiga querida me perguntou qual era minha religião. Eu respondi que era umbandista. Ela, num misto de curiosidade e, principalmente, de sobressalto, argumentou: “Você não vai me fazer mal, vai?” Eu lhe respondi, com convicção e sem nenhum temor, de maneira sintética, o que aprendi na Casa de Caridade Miguel Arcanjo:⁵¹ “A Umbanda é do bem e se estabelece no emblema de paz e amor.”

⁴⁹ Pontos cantados de Xangô e Iansã.

⁵⁰ Embora ainda hoje se costume dizer que a Umbanda veio com os negros da África, deve-se considerar que ela nasceu dos cultos dos negros, dos nativos, dos cristianismo, dos orientais e do espiritismo. O que se afirma é que dos cultos dos africanos vieram nomes, ritual e costumes. Algumas denominações e alguns costumes também vieram dos índios. Do catolicismo a Umbanda herdou os santos, os sacramentos e alguns rituais. Já os orientais legaram os fundamentos teológicos e o kardecismo ensinou a doutrina filosófica moderna.

⁵¹ Situada em Niterói, RJ.

Mas não é só isso: ser umbandista é encontrar o que ficou escondido no nosso interior, ou seja, encontrar a humildade, a paciência, a fé, a tolerância, a fraternidade, a misericórdia e muita clareza e luz.

O brasileiro é sempre definido como povo sem caráter. Para os estudiosos da história e da literatura não há nenhuma ofensa quanto a esta afirmação. De fato, para os pesquisadores é uma oportunidade de mostrar quanto versátil é o brasileiro, povo que tem o privilégio de aglutinar várias etnias e, deste modo, usufruir as várias realidades históricas, sociais e culturais. Porém, contraditoriamente a tudo isso, nosso país continua sendo preconceituoso, e algumas pessoas teimam em negar a sua origem e formação. Os estudos antropológicos e lingüísticos se fortificam no resgate da cultura brasileira, múltipla e plural, que se orgulha de sua mistura de raças — o europeu, o índio e o negro. Em época de carnaval, quando todas as atenções se dirigem aos festejos de Momo, o país se mobiliza para mostrar e exportar sua “cultura” do samba. Grandes artistas e escritores brasileiros, conhecidos e estudados com orgulho, trazem em suas veias sangue negro, o que nunca foi empecilho para que obtivessem títulos e méritos por suas obras. Então por que a religião afro-descendente leva a marca do preconceito? O diálogo com a cultura afro deve ser apenas com os elementos incorporados ao vocabulário na culinária, na música, na dança, na literatura? E como fica a nossa diversidade, a nossa identidade?

Umbanda sem preconceito

Descortina-se na Umbanda um mundo de fé, de solidariedade, de paz, que se contrapõe aos mais diversos tipos preconceituais que existem no nosso país e que alcançam segmentos sociais, raciais e culturais. A Umbanda persevera diante de outras religiões tradicionais. Ela possui resíduos de outras religiões com outros matizes. Continua sendo vista sob idéias preconcebidas,

antes sob forma de opressão aos negros, hoje sob os valores de uma sociedade ainda preconceituosa que subverte o sistema.

Quando a Umbanda ressurgiu, outras eram as religiões do país. Em meio ao luxo e à beleza das imagens esculpturadas em madeira policromada, fonte de arte e beleza, fixa-se a Umbanda no princípio do século XX, na cidade de Niterói. O que não foi devidamente explicado, no referido encontro das primeiras linhas, com a amiga impactada, é a grande influência do catolicismo na Umbanda, religião essa, matriz para os ritos umbandistas. Além do respeito pelos seus símbolos, presentes nos altares nas figuras dos santos identificados no sincretismo, há também a similitude nas orações e invocações à Virgem Maria e ao Nosso Senhor Jesus. Daí, a aproximação e o abraçar a religião umbandista.

A esse respeito, na emblemática obra *Sobrados e mucambos*,⁵² assevera o antropólogo Gilberto Freyre:

De modo que as portas de vidro dos santuários se abriram, no Brasil, se escancararam mesmo, para deixar entrar os orixás de cajá disfarçados em S. S. Cosme e Damião; São Beneditos pretíssimos, Santas Ifigêneas retintas, Nossas Senhoras do Rosário fortemente morenas. Santos de cor que tomaram lugar entre santo-antônios cor-de-rosa e querubinzinhos louros, ruivos, numa confraternização que nem a dos homens.

A Umbanda não tem raça, dela todos participam, mas tem cor. Cor de negros, brancos, morenos, mulatos, caboclos, amarelos, ruivos. Cor das flores brancas, amarelas, vermelhas, que alegram o ambiente, além da cromática definição dos orixás: branco, azul, marrom, verde, amarelo, vermelho, rosa, roxo. E também tem cheiro: de incenso, de fumo usado pelas entidades para eliminar as energias negativas do ambiente, ou da aura das pessoas através da manipulação sábia da fumaça de seus cachim-

⁵² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1997, p. 652.

bos e charutos. E, mais importante, não se submete a divisões de classe social. Todos são bem-vindos — pobres, ricos, diplomados, não-diplomados, casados, divorciados, separados, católicos, não-católicos, evangélicos, judeus, muçulmanos, budistas. São todos filhos do Pai Maior e recebem, igualmente, todas as bênçãos.

A Umbanda prega a simplicidade e objetiva o caminho do bem, da caridade, da fraternidade, poeticamente explicado pelas linhas do seu hino:

*Refletiu a luz divina
Com todo seu esplendor
É do reino de Oxalá
Onde há paz e amor
Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que vem lá de Aruanda
Para tudo iluminar
A Umbanda é paz e amor
É um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
E a grandeza nos conduz
Avante, filhos de fé
Igual a nossa lei não há
Levamos ao mundo inteiro
A bandeira de Oxalá.*

Nos belos versos aqui apresentados define-se bem o que a Umbanda deseja: que as pessoas possam ser iluminadas na sua caminhada. A partir dos citados versos pode-se chegar a tal conceito, na reiteração de palavras que remetem à iluminação, na força significativa dos signos “luz”, “refletiu”, “iluminar”.

A polifonia no terreiro

A polifonia, termo que significa vários sons, aponta em direção ao caminho aberto pelas diversas vozes que são ouvidas

no terreiro de Umbanda. O mundo polifônico está composto de uma multiplicidade de vozes que participam do diálogo com outras vozes e outras consciências. À luz da polifonia revelam-se e ampliam-se os horizontes da Umbanda, uma vez que público, médiuns e entidades compõem um ambiente que abriga uma variedade de vozes que possibilita a manutenção de relação de igualdade entre todos, como participantes do grande diálogo de fé, no cenário de grande sincretismo religioso. O próprio nome Umbanda já se coloca dentro do sistema polifônico em seus elementos constitutivos: *aum* = divindade, divina, glória; *ban* = conjunto, regra, sistema; *dan* = lei, norma. E seu significado se traduz em Conjunto das Leis de Deus.

Como toda religião, a Umbanda também tem seus ritos. Ao se chegar à casa, a primeira obrigação dos médiuns é cumprimentar a Casa das Almas e a de Exu, que ficam no quintal, com as seguintes saudações: Salve as Almas! *Atotô Abaluaê!* e Salve Exu! *Naruê Exu!* Depois deve-se procurar a Babá, a Mãe-de-Santo, figura sensitiva que aconselha, que puxa a orelha e que é responsável pelo desenvolvimento do corpo mediúnic, com a ajuda da Guia Espiritual, nossa Vovó Maria Conga das Almas.

Todo médium, ao chegar, deverá vestir sua roupa branca, que se compõe de calça, camiseta e jaleco. E para as mulheres que recebem as entidades, a roupa se compõe de saia rodada com calças bombachas, camiseta, bata e forro. Todos levam sua guia de Oxalá individual, com contas brancas, cor de Oxalá, e duas contas nas cores que representam as cores de seus pais-de-cabeça — azul claro, amarelo, vermelho, marrom, verde, roxo ou branco cristal. Essa guia, que foi determinada por um dos guias espirituais da Babá, define os pais-de-cabeça do médium, e só pode ser tocada e usada por ele e guardada com muito cuidado, já que possui vibração específica.

No terreiro são feitas as sessões que podem ser realizadas em dias festivos ou não. No terreiro tem altar — o gongá —, água, imagens, flores, areia, atabaques, cantos em oração, alegria, velas.

Tem homens, mulheres com saias rodadas, camisão de renda, entidades e, principalmente, fé. O espaço é pequeno, simples, muito limpo; a energia que emana do lugar nos acolhe e nos dá a luz para enfrentar a nossa caminhada.

Uma bonita e grande imagem de Oxalá, nosso amado mestre Jesus, no sincretismo, acha-se situada no meio do gongá, ornado com pedras de rio. Imagem sem cruz, de semblante suave, de braços abertos acolhendo a todos. No mesmo ambiente, a nos guardar, está a imagem de Iemanjá, em tons de azul e dourado. Fazendo parte do altar, nos protegem as imagens de Oxum (Nossa Senhora da Conceição), Oxóssi (São Sebastião), Xangô (São Jerônimo) e Iansã (Santa Bárbara). Frente a essas imagens são feitas reverências pelos médiuns antes de começar cada sessão. Assim como às demais que se encontram numa outra pequena sala fora do terreiro: Abaluaê (São Lázaro), Vovó Maria Conga das Almas, São Benedito, Pai Cipriano, Santo Antônio, João Baiano, Ibeijada (São Cosme e São Damião, Doum), Nosso Senhor do Bonfim e São Miguel Arcanjo.

No centro do terreiro, cujo chão é coberto de areia da praia, há uma estrela de cinco pontas, feita de cimento, que abriga elementos da natureza, os quais não podem ser revelados. Sabe-se apenas que a estrela é símbolo de proteção e firmeza do terreiro. Os médiuns se colocam enfileirados nas laterais, mulheres à direita e homens à esquerda, do ponto de vista da assistência. Esta também é dividida, sendo reservados os bancos da direita para os homens e os da esquerda para as mulheres. E assim se festejam os orixás: em 20 de janeiro, Oxóssi; em 02 de fevereiro, Iemanjá; em 23 de abril, Ogum. Em maio, dia 13, Pretos-Velhos e dia 17, Madalena. Em junho, dia 12, Vovó Maria Conga das Almas, dia 13 Santo Antônio, dias 24 e 29, Xangô. Em 26 de julho, Nanã Buruquê, em 15 de agosto Iemanjá. Em setembro, dia 27, Ibeijada, dia 20, São Miguel Arcanjo. Em 12 de outubro, Tranca-Rua de Embaé, em 22 de novembro, Caboclo Araribóia. Em dezembro, dia 04, Iansã, dia 08, Oxum, dia 17, Abaluaê e dia

22, Pedro Mineiro. Sempre presentes nesses festejos, também se manifestam: Pai Tomás, Pai Tomé, Vovó Maria Conga das Almas, Vovó Cambinda, Vovó Luíza, Vovó Rosa Francisca, Vovó Maria Conga da Pedreira e outros guias espirituais.

Os pontos cantados

O ponto é uma oração, portanto, deve ser cantado com respeito, atenção, observadas a música e a letra original. Nele, o som e a palavra se unem em canal de evocação, em sintonia com a Espiritualidade. Emoção, vibração, alegria fazem parte da Gira, quando todos, em uníssono, com fé e entusiasmo, na cadência ritmada dos atabaques e das palmas, colaboram com a corrente da incorporação.

É chegada a hora de abrir a Gira. Cada linha tem seus pontos próprios e cada canto seu momento. A Babá inicia o canto da abertura dos trabalhos, invocando, com muita fé, ajuda divina:

*Abrimos a nossa Gira
Pedimos de coração
Ao nosso Pai Oxalá
Para cumprirmos a nossa missão.*

Com voz melodiosa e rosto iluminado, segue entoando outros pontos de abertura:

*Eu abro a nossa Gira,
Com Deus, Nossa Senhora,
Eu abro a nossa Gira,
Zamburê⁵³, Pemba⁵⁴ de Angola.*

⁵³ Zamburê é o termo africano que quer dizer Meu Senhor.

⁵⁴ Pemba é uma espécie de giz que serve para riscar pontos e outras determinações ordenadas pelos Guias, e conforme a cor trabalhada com pemba, pode-se identificar a Linha a que pertence a Entidade, ou a Linha que trabalhará naquele ponto.

É o canto com sua mistura de cor e de cheiro da defumação, incitando os filhos na fé a participar do ritual da purificação, resgate do nascimento de Jesus, nos presentes dos Reis Magos, com as ervas para a purificação:

*Estou defumando a nossa Umbanda
Umbanda cheirou a Guiné
Eu te defumo com Jesus
E Maria e José.*

E passeia-se pelo referencial da arruda, do benjoim, do alecrim, da alfazema, campo significativo da brasilidade das ervas, já que o olfato sensibiliza, harmoniza e aflora as emoções. Portanto, o convite é:

*Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e Guiné
Benjoim, alecrim e alfazema
Vamos defumar filhos de fé.*

Ainda sob os efeitos da defumação, os pontos puxados de maneira firme pelo presidente da Casa de Caridade Miguel Arcanjo, com sua voz vigorosa e entusiasmada, acompanhado pelos demais médiuns e assistentes, são, na verdade, um convite às entidades para que cheguem. Eis um dos cantos de louvor a São Jorge Guerreiro, Ogum:

*Seu Matinata, a sua capa cheira,
Cheira a cravo, cheira a rosa,
Cheira a flor de laranjeira.
Os clarins tocavam,
No raiar do dia.
O meu pai é Matinata,
Minha mãe, Santa Maria!*

E a Nossa Senhora da Conceição, Oxum:

Eu vi mamãe Oxum da Cachoeira

Sentada na beira do rio

Colhendo lírios, lírios, é

Colhendo lírios, lírios, á

Colhendo lírios

Pra enfeitar nosso gongá.

Assim, enquanto a voz da Umbanda se ouve entrelaçada na tradição negra africana que se desenha na sedução do canto, simples e puro, histórias vão sendo tecidas, histórias vão sendo resgatadas. E a unidade lingüística dos grupos religiosos conservadores se quebra e o que se ouve é a voz da pele, nas sábias palavras dos pretos-velhos. A voz negra da entidade protetora da Casa de Caridade Miguel Arcanjo, Vovó Maria Conga das Almas, com sua palavra sempre incisiva, apela ao nosso sentimento de gratidão pela grandeza da natureza, pela beleza das matas, das águas, ao mesmo tempo que nos incita a orar pela paz do planeta.

A Umbanda traz à luz uma nova estrutura lingüística e social muito modificada. A rigidez de algumas religiões existentes é substituída pela carga emotiva e envolvente do canto e da dança. Não é uma mutilação da fé, como se assevera, quando a ela se referem, de maneira pejorativa, mas um congraçamento de etnias — africana, portuguesa, indígena. O exílio pelo qual passaram os negros com a vinda para o Brasil não apagou o espírito de admiração pela vida e a esperança no mundo. A palavra, insistentemente mencionada pelas entidades negras em seus cantos, desliza nos temas recorrentes da fraternidade e da mestiçagem, e se tingem de matizes epidérmicos. Mapeia os países, põe em foco as raízes, nomes, geografia dos antepassados, a religião e tudo o que se desejou que ficasse esquecido e despojado da origem africana.

O canto e a dança, segundo o acima citado autor Gilberto Freyre, já eram costumeiros na irmandade de Santa Ifigênia, em Ouro Preto, Minas Gerais, onde festejavam os negros na Igreja do Rosário quando “(...) dia de Reis, celebravam com muita assuada sua festa, antes africana do que Católica”.⁵⁵ Então, “ouviam missa cantada, é certo; mas o principal eram as danças, ao som de instrumentos africanos”.⁵⁶ Há sincretismo maior?

Aí se pontifica a presença negra nas histórias das senzalas, da sinhazinha, do senhor, quando a injustiça campeava por todas as fazendas. E na garimpagem semântica da sessão de Umbanda se ouvem vozes africanas esquecidas do nosso vocabulário atual. É um canto polissêmico representando o regresso à África, que se configura, na realidade, como uma tomada de consciência de seus valores.

Nos pontos observa-se, ainda, um componente lingüístico afro-brasileiro que mostra, no vaivém da etnia semântica, toda uma musicalidade que, além de seduzir, convida os fiéis a ouvir, nos seus ritmados versos, o clamor das vozes d’África:

Tambor, tambor, tambor
Vai buscar quem mora longe, tambor;
Vai buscar todos Oxossis, tambor
Que eles moram na jurema, tambor.

O universo do ritual umbandista abrange não somente uma estrutura de amplidão de sons e cores, mas é também um mosaico polifônico, no qual ecoa um passado histórico do Brasil, resgate do regionalismo antropofágico. A sessão de Umbanda orquestra, assim, um coral de homens, de mulheres, dos atabaques, dos médiuns, das entidades. Apresentam-se os pretos-velhos, os caboclos, os boiadeiros, as crianças que respondem ao chamado:

⁵⁵ Op. cit., p. 43.

⁵⁶ Idem, *ibidem*.

*Quem vem, quem vem lá de tão longe
São os anjinhos de Pai Oxalá
Oh dai-me forças pelo amor de Deus, meu Pai
Oh dai-me forças pros trabalhos meus.*

Aqui se ouvem ensinamentos como

*Lá no cruzeiro das almas,
Aonde as almas vão rezar,
As almas choram de alegria,
Quando os filhos se combinam;
Também choram de tristeza,
Quando não quer combinar.*

e vozes vigorosas, vozes de pureza, inocência e alegria. Nesse entrelaçamento, ouvem-se vozes que contam histórias com veios sociológicos, filosóficos, históricos, que irmanam feições rememorativas, familiares, folclóricas, tradicionais, que se unem em total bailado polifônico. E na linha do tempo dos terreiros resgatam-se pedaços da história — nomes, cidades, revoltas, traidores, governos, senzalas, senhores, castigos, escravos. Assim, saímos do espaço referencial do terreiro e vamos para o espaço simbólico da mata, da cachoeira, dos rios, dos mares, dos campos, do interiorano.

No meio dessa mistura do simbólico e do referencial, os pontos marcam sua influente voz, em versos invocativos de cantos de louvor. São Miguel Arcanjo, anjo da justiça e príncipe da milícia celestial, patrono da Casa de Caridade que leva seu nome, assim é homenageado:

*Vem São Miguel
Com a espada e a balança
Abrir a nossa gira*

*Trazer a esperança
Derramai os vossos brilhos
No terreiro de Umbanda
E ajudai os vossos filhos
A vencer toda demanda.*

Por mais sufocada que seja, alforriada está a Umbanda. Através de sua fala rica e testamental, divulga saberes e virtudes e encaminha encarnados e desencarnados em direção à sua paz interior, com a ajuda do canto-prece a Oxalá:

*Deus nos salve a estrela guia,
Nós pedimos neste dia.
Eu vim aqui pedir a Oxalá
E à Virgem Maria
Que a glória deste dia,
Nós possamos alcançar.
E muita vibração neste gongá.*

A linguagem que serviu de pano de fundo para buscar a identidade africana, através do notável dialogismo entre o canto da Umbanda e as demais religiões, foi a fé que nunca abandonou o negro escravo. No exercício da Umbanda se realiza uma rebelião anômica, na medida em que sua voz dribla o discurso hegemônico de religiões colonizadoras e desarticula sua linguagem. A Umbanda se insere em uma temática de resistência, ultrapassando fronteiras e redescobrimdo novos adeptos.

A Umbanda entrecruza vozes do regionalismo com ecos de africanidade, e segue com total autonomia de expressão para proclamar a harmonia, a paz, a mansidão. Com a presença da mistura de termos, vozes culturais são ouvidas, sem nenhum preconceito, sempre com muita força e ressonância, como exemplo vivo de fé.

Oxum: a grande mãe que tece os caminhos da existência humana

Vanda Machado

Na primeira vez em que visitei uma comunidade de terreiro fui levada por Ana Célia,⁵⁷ para uma festa no *Ilê Axé Opo Afonjá*.⁵⁸ Era uma festa de Oxum.⁵⁹ Imagine só o impacto de quem esteve toda a vida ouvindo e cantando louvores aos anjos e santos e cantando o *Adeste Fidelis* em cada Natal. Isto mesmo, eu aprendi alguns cantos “da igreja” com Antonio Santeiro, o meu pai. Eu achava maravilhoso quando ele cantava em latim. De repente eu estava ali na festa de cinquenta anos de “feitura” de Mãe Pinguinho. Mãe Pinguinho de Oxum, Eutropia Maria de Castro, que atendia pelo nome religioso de Iya Oxum Funmixê, continua sendo lembrada por suas ações enérgicas com seus filhos. Mãe Pinguinho foi *Iya Kekeê*⁶⁰ no *Afonjá* por quase quarenta anos. A *Iya Kekeê* é uma espécie de segunda pessoa da Ialorixá.⁶¹ “Mãe Pinguinho não deixava passar nada.” Esta é uma afirmação que ainda se pode ouvir na comunidade. O que não constitui nenhuma novidade para nós, “filhos-pequenos” de qualquer comunidade do gênero. Mãe Georgete,⁶² a nossa

⁵⁷ Ana Célia é educadora, militante do Movimento Negro Unificado (MNU) em Salvador.

⁵⁸ Comunidade de terreiro em Salvador.

⁵⁹ Orixá da água doce, mãe ancestral, princípio da concepção e da solidariedade comunitária.

⁶⁰ Mãe-pequena. Segunda pessoa da ialorixá.

⁶¹ O mesmo que mãe-de-santo.

⁶² Georgete Helena dos Santos completou em 2005 noventa anos de lucidez e cuidado com seus filhos.

atual *Iya Kekeré*, mantém a mesma organização de valores, cujo significado e uso compartilhado mantêm as marcas de códigos específicos para a manutenção da tradição religiosa e de nossa essência negra. Neste caso parece que identidades são construídas e atendem a demanda de um chamado espiritual, dentro de uma perspectiva do saber fazer o que está fazendo e por que está fazendo.

O espaço do terreiro é atemporal. Os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando e imitando os seus mais velhos nos saberes e fazeres. Na verdade, esta é uma abordagem que merece ser situada dentro do pensamento negro, como modelo de educação oportuna e desveladora, porque deixa sempre algo a ser revelado pela necessidade de aprender aprendendo. Esta é a essência da forma de ensinar e aprender que me inspirou o Projeto *Irê Ayó*,⁶³ implantado na Escola Eugênia Anna dos Santos na comunidade do *Ilê Axé Opo Afonjá*, em Salvador, Bahia. É uma forma de educar que considera a necessidade de aprender oportunamente e a instabilidade dos acontecimentos cotidianos que estão em imanência. Este é o sentido para que estejamos sempre atentos a tudo que possa contribuir para a nossa busca de ser antes de aprender para ser. Aprender a ser, este é um valor básico do “povo de santo”. A cada tempo o saber de cada tempo. Um saber que tem um efeito precípuo. No terreiro, pelas vivências, aprende-se a ser o que é sendo e participando dos fazeres comunitários. Busca-se então a condição da compreensão do ser mais profundo. Uma coisa é aprender a ser sendo, outra coisa é aprender para ser. No terreiro aprende-se vivenciando oportunamente fazeres e códigos de comportamento específicos para a vida comunitária comprometida e solidária.

⁶³ Projeto político-pedagógico inspirado na dissertação de mestrado de MACHADO, Vanda. *Ilê Axé: vivência e invenção pedagógica*. Salvador: Edufba, 1999.

Para aquela líder que Olorum⁶⁴ já levou para perto dele, “cantar só de ouvido”, nada de caderninho. Gravador seria uma ofensa ao ori.⁶⁵ Os seus ensinamentos eram presenciais e continham a força da sua palavra. Impossível esquecer o seu olhar forte. Como sacerdotisa, ela se autorizou como líder dos diversos coletivos que compõem a comunidade de terreiro. Ela era a própria autorização. Iniciada por Mãe Aninha, Mãe Pinguinho de Oxum desfrutou de um prestígio indiscutível, assumindo de verdade a sua identidade de *Iyalodê*.⁶⁶ Ela continua sendo uma referência emblemática de liderança no *Opo Afonjá*. Nem mesmo a diabetes, que lhe tirara o movimento das pernas, conseguiu tirar-lhe a força do olhar que aprovava ou desaprovava quase sem palavras.

Voltando para a festa, ali estava eu, na festa de Oxum. Alegrou-me bastante ter a minha alma “denegrada”. Eu entendia muito pouco do que via. Ana Célia ia falando ao meu ouvido sobre o que estava acontecendo na celebração. Era como se estivesse traduzindo as múltiplas linguagens que desafiavam a minha percepção e a compreensão dos atos que se mostravam como uma teia dinâmica entrelaçando o presente e o passado como uma realidade contraditória de pólos implicados e interdependentes.

Perto dos olhos, perto do coração

O ambiente do barracão por inteiro me seduzia. Panos dourados que enfeitavam as paredes. Bandeirinhas no teto, flores, muitas flores. O chão era um tapete de pitanga bem verdinho, que ia estalando e perfumando com o pisar de homens, mulheres e crianças, que passavam deixando uma marca, um cheiro, uma imagem inesquecível. O cheiro da pitanga tinha o mesmo cheiro

⁶⁴ Deus criador.

⁶⁵ O mesmo que cabeça.

⁶⁶ Mulher importante, líder entre outras líderes.

dos presépios de minha infância em São Filipe, minha terra natal. São Filipe é uma cidade fumageira no interior da Bahia.

Como cheguei bem cedo, tive a oportunidade de ver a celebração desde o início. Logo começou a chegar gente, muita gente. Vieram muitos visitantes ilustres de outros terreiros. Gente dos diversos segmentos sociais, que se acomodavam do melhor jeito para participar da festa de Oxum. Reparei atentamente na apreciada elegância das mulheres e dos homens chegantes. Uma mulher alta e magra lembrava a minha madrinha Tatá, uma parenta de meu pai que era rezadeira e madrinha de muitas crianças na cidade. Mas a madrinha Tatá não era “feita”, pelo menos que eu soubesse, e por que se vestia como uma *egbome*⁶⁷ da religião dos orixás? Os homens, alguns muito sóbrios, vestiam-se portando “paletó e gravata”. Outros vestiam belíssimas roupas africanas que lhes davam um aspecto majestoso. Mas as mulheres “feitas de santo”, estas superavam a beleza de cada dia. Elas surgiam de todos os lados do terreiro, cada uma trajada mais caprichosamente.

Vivi intensamente aquele momento como um sonho ritual de fé, alegria, beleza. Tudo se mostrava com uma intensa participação da gente mantenedora e guardiã da religião dos orixás, com as características radicais da matriz cultural africana reconstruída no Brasil. Reconstrução que contou com um conjunto de etnias e de pessoas numa interação recíproca. Gente que se autorizava a presentificar vivências ancestrálicas reterritorializadas. Vivências do que foi possível manter graças ao sentido agregador do povo negro, sustentado pela oralidade e por adaptações exigidas pelo contexto social e histórico. As tensões provocadas por um repertório de valores, crenças e sentimentos entre as diversas etnias propiciaram o surgimento de uma nova identidade coletiva com características próprias e estruturante dos afro-descendentes. Uma identidade ancestralica que continua sendo construída até por conta da dinâmica dos diversos

⁶⁷ Irmã mais velha.

repertórios que se entrelaçam e se imbricam como uma rede que se alarga revitalizada pelo sentido das tradições.

O terreiro é um lugar singular e plural. Na reconstrução de um mundo ao mesmo tempo divino e comunal, vive-se ritualisticamente, mitologicamente um entrelugar onde afro-descendentes, via de regra como um segmento excluído, reconstróem significados fundados em valores tradicionais. Valores que podem ser heurísticamente definidos como uma contribuição coletiva para conquistar a capacidade de se autorizar, tanto pela individualidade preservada, quanto pelo sentido como se inscreve a comunidade na sua estrutura de símbolos e imaginário radical.

Dentre as ações simbólicas que me chamaram a atenção naquele *xirê*,⁶⁸ uma se destaca sobremaneira: era o jeito, a nobreza como as mulheres adentravam o barracão. Tudo me parecia surpreendente. Cada uma que chegava tinha uma postura alinhada da cabeça aos pés. Entravam olhando firme para frente, e só muito discretamente olhavam para os lados. Com postura impecável acomodavam-se em suas cadeiras dispostas no barracão como que num movimento quase circular.

“A festa vai começar”, informou Ana Célia. Um leve susurro fora do barracão era o indicativo de que o *xirê* estava começando. Entraram os *alabês*,⁶⁹ que tomaram os seus lugares e davam alguns toques como que afinando os instrumentos sagrados. O ogã Nezinho,⁷⁰ que também já foi chamado por Olorum, compenetrado sentou-se entre os mais novos. Do seu lado acomodou-se Darinho⁷¹ e seu filho Bié,⁷² de 7 anos de idade. A orquestra sagrada estava formada.

⁶⁸ O mesmo que festa.

⁶⁹ Ogã que toca atabaque durante os rituais nos terreiros.

⁷⁰ Nos terreiros, é importante o nome pelo qual se é conhecido. Pode ser um apelido ou o *orukó*, o nome ancestral recebido durante a confirmação. Às vezes ninguém reconhece o nome próprio da mesma pessoa. O mesmo sucede em relação aos nomes de Darinho e Bié, abaixo.

⁷¹ Darinho é ogã.

⁷² Bié já era considerado “ogã não confirmado”. Esta é uma categoria existente nos terreiros para qualquer idade. Ele é hoje um jovem músico percussionista.

O cortejo simbólico de um poder real

A assistência levanta-se. Um toque especial acompanha a entrada de um cortejo singular. Não era um toque de dança, era um toque que anunciava a chegada de alguém que se distingue, que se autoriza a ser a primeira. À frente do cortejo, caminhava Mãe Stella,⁷³ trazendo ao seu lado a filha de Oxum homenageada. Eu entendi a chegada daquelas pessoas especiais naquele espaço sagrado como uma experiência que retroage na história. O cortejo adentrava com toda a singularidade de sua história, mas não se tratava de uma “ressurreição do passado” porque não havia passado. A seguir chegaram os ogãs,⁷⁴ equedes⁷⁵ e “filhos e filhas-de-santo” mais velhos. Sentadas lado a lado, as duas líderes, duas rainhas, cada uma do seu jeito no seu “posto”.

Na iminência do acontecimento ritual, a África estava reterritorializada e se fazia exposta na cosmovisão do povo afro-descendente, do seu repertório simbólico, político e cultural. Havia todo um aparato reconstruído que se mostrava na ornamentação do barracão, na postura daquela gente que sabia o quanto aquele momento importava para as suas vidas e para a sua condição de ser, pertencer à comunidade e participar dela. A comunidade orgulhosamente contemplava as duas guardiãs da nossa religião e cultura. Elas estavam ali dignas e altivas, representando a nossa ancestralidade.

Naquela noite vivi um tempo desafiante das leis da normalidade. No final, a minha estranheza pela ignorância do ritual não me impedia de entender que eu estava participando de uma festa do meu inconsciente e do avivamento da minha ancestralidade negra. Eu estava participando de uma narrativa de uma identidade particular. Todos os meus sentidos estavam empanturrados

⁷³ Mãe Stella é Ialorixá (Mãe-de-Santo) do *Ilê Axé Opo Afonjá*, posto máximo numa comunidade religiosa de origem nagô.

⁷⁴ Cargo masculino desempenhado exclusivamente por homens.

⁷⁵ Cargo feminino análogo a ogã.

do ambiente de axé e de sua narrativa em forma de festa, gestos, canto, dança, numa recriação de fatos e histórias ritualizadas que não se perderam na travessia transcontinental. O *egbé*⁷⁶ estava reunido. Um *egbé* de muitos filhos e muitos irmãos. Um zelo primoroso pela preservação do sagrado se mostrava na festa de extrema sensualidade. Toda a sensibilidade humana simbolizada caoticamente captava e seduzia meus sentidos. Relembro a minha identificação com este acontecimento poderoso, de que ainda tenho as marcas no meu sistema perceptivo.

A chave que abre a memória de um povo são os seus mitos e rituais

Um dia, estrangeiros desterritorializados, mercadorias coisificadas, nossos ancestrais resistiram à travessia marítima transcontinental e fizeram as terras americanas parir riquezas que assustaram o mundo. Naquele momento eu tinha a impressão de que participava de um filme atemporal. A festa me seduzia. Eu não sabia o porquê. Mas eu estava muito à vontade, como se toda a vida eu tivesse experimentado aquele jeito de viver. O cenário não me causava estranheza. Era como se eu me desdobrasse em duas. Na verdade, tenho vivido por muitas vezes esta sensação indizível. Nem me sentia atriz, também não estava escondida nos bastidores, nem era barrada nas coxias. Havia uma coerência muito grande em tudo que eu via e em tudo que sentia ou pensava. Era como se a minha percepção naquele momento estivesse impregnada, não só do presente, como também de fatos históricos e de lembranças. Talvez lembranças de lutas e de estratégias de sobrevivência de corpo e alma. Ou mais lembranças de sobrevivência da alma do que do corpo. Ou, simplesmente, lembranças-memórias que na época julguei sem explicação. Estaria o impacto daquele momento associado às memórias

⁷⁶ Comunidade.

seculares das “eleições” e das festas de coroação de rainhas e reis da nossa procedência matricial? Na fala de Bosi:⁷⁷

(...) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo ativa, latente, penetrante, oculta e invasora.

Assim a experiência da festa foi como uma “rememoração” de fragmentos de vivências dialógicas que, religadas, invadiam as fronteiras de um imaginário que seria, mais tarde, parte do meu cotidiano na comunidade do *Axé Opo Afonjá* a partir de 1986, início do meu caminho religioso.

Hoje posso compreender e rever cada gesto daquele *xirê*. Todos os gestos se “presentificavam” tão naturalmente que eu podia perceber que não havia nenhum esforço abstrato para recriar uma reminiscência de origem. Havia um “tônus” vital que se encarregava de ativar uma visão de mundo singular. Tudo aconteceu no presente. No terreiro vive-se a memória de uma África “ancestrática” atualizada. A memória ancestral reorganizou a vida e a identidade coletiva dos negros escravizados no Brasil, mas sempre com algumas ressalvas, que não vamos considerar perdas.

Nessa trajetória transversal da história do negro no Brasil, vamos considerar alguns desvios como um arranjo para a reexistência. Reexistência como fenômeno de transformação cognitiva pela intersubjetividade e inter-relação de seres e saberes. Seres que, expatriados pela diáspora, resignificaram

⁷⁷ BOSI, Eclea. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 64.

seus papéis, organizando-se em torno de uma identidade ancestral. Saberes que se expressam nos enredos da história oral, nos mitos, cantigas, provérbios e falares que anunciam um *ethos* epistemológico enraizado na matriz cultural africana.

Não é difícil concordar que esta ainda é uma voz que precisa ser ouvida e considerada por suas ações coletivas e que visa corrigir qualquer forma destrutiva de princípios e valores comunitários. Nesse sentido, a matriz cultural africana vivenciada nos terreiros carrega, na sua gênese, um conteúdo simbólico, com princípios e valores que vão se reorganizando e nos organizando como que num cenário em transição, dialogando com atores para os quais viver é um ato sagrado, e nós recebemos esse legado.

Vivemos a memória de uma África, mãe ancestral atualizada. Falamos do lugar-terreiro, lugar ritualizado. Um lugar singular e plural. Aprendemos também por nossa memória o amor à terra, a ligação com a terra, que nos mantém vivos, e literalmente de pé, por sua força que nos anima e nos faz viver plantados numa cosmovisão de sujeitos universais e contemporâneos.

ANÚNCIO

Vovó Maria Conga das Almas: saberes iluminados

Tereza Marques de Oliveira Lima

*Sentada no toco,
Com seu cachimbo na mão,
Essa Preta-Velha,
Criança, tem bom coração.
Sentada no toco,
Ninguém sabe a força que ela tem.
Vovó Conga, um pedido eu lhe faço:
Vovó Conga, ilumina os caminhos
Por onde eu passo.⁷⁸*

O porto seguro

Para os muitos devotos da Umbanda que procuram um porto seguro, a Casa de Caridade Miguel Arcanjo surge como um exemplo do que pode ser a destinação correta. Por que porto seguro? Porque grande parte dos centros espíritas que existem e que se dizem umbandistas não tem um real compromisso com a doutrina e seus preceitos, gerando nas pessoas um grande preconceito e uma forte desconfiança.

⁷⁸ Ponto de Umbanda cantado para Vovó Maria Conga das Almas, na sua chegada ou saída.

Nesse panorama desalentador, surge a Umbanda praticada na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, onde se encontra a verdadeira responsabilidade na prática e na vivência da religião e da caridade. O que faz dessa casa um lugar especial está intrinsecamente ligado a seus dirigentes, não só encarnados como desencarnados. No plano espiritual, os trabalhos são regidos por Vovó Maria Conga das Almas, uma Preta-Velha sábia e querida, e no plano físico o são por Maria das Dôres Rocha, a Babá,⁷⁹ e seu esposo, Guy Rocha, que ocupa a posição de presidente.

Criança pobre, nascida em uma família católica e harmoniosa, Maria das Dôres desde seus 15 anos vem se dedicando de corpo e alma à Umbanda. Auxiliar de enfermagem, agora aposentada, artista plástica, casou, teve uma filha e um filho que lhe deram seis netos. Aos poucos foi construindo um local para fazer caridade, depois outro, até finalmente comprar um terreno na Região Oceânica de Niterói⁸⁰ — com o dinheiro arrecadado com a venda das telas a óleo que pinta. Com a ajuda de colaboradores, ali construiu a Casa de Caridade Miguel Arcanjo.

Em seu tempo “livre”, vai com o esposo — e às vezes com alguns dos médiuns — a hospitais, à comunidade hanseniana de Venda das Pedras,⁸¹ a orfanatos e asilos, sempre levando uma palavra iluminada, além das doações que a Casa recebe e repassa a esses irmãos mais necessitados. É importante enfatizar que a caridade aí feita não é paga, nem poderia sê-lo, pois o trabalho espiritual é um ato de doação de amor, tempo, dedicação, e é o próprio médium aquele que mais será beneficiado, pois esse seu trabalho o ajuda no seu crescimento espiritual.

Junto com Guy, Das Dôres encabeça as várias atividades mensais ali realizadas: uma sessão de estudos sobre o Espiritismo; uma para os jovens — normalmente para os filhos dos

⁷⁹ Babá é a dirigente espiritual de uma casa de Umbanda.

⁸⁰ No Estado do Rio de Janeiro.

⁸¹ Idem.

médiuns; duas sessões de mesa, precedidas por palestras; uma sessão de Umbanda e uma consulta que acolhe cerca de 80 pessoas. Também dirige a Escola Novo Amanhã, obra social desenvolvida pela Casa desde 1987 e a menina dos olhos não só de Das Dôres como também da Vovó, que afirma ser esse o mais importante trabalho ali empreendido, pois tem o objetivo de fazer de cada uma dessas crianças — a maioria vivendo em lares sem orientação — um filho de Pai Oxalá. Funcionando aos sábados, a obra assiste, em média, 30 famílias de baixa renda da comunidade, em um universo que envolve — direta e indiretamente — cerca de 300 pessoas, entre crianças, jovens e adultos. Além da evangelização espiritual, eles participam de atividades como trabalhos manuais, música, informática, terapias floral e psicológica, oficina de texto e biblioteca. A Casa também realiza uma reunião mensal com as mães que, como as crianças, têm acompanhamento psicológico. Enfim, é um trabalho extremamente sério, feito com muito amor, carinho, dedicação e abnegação.

Enquanto as crianças estão ali, recebem a energia da Espiritualidade, com passes e água fluidificada durante a evangelização. Para aqueles que não sabem a que estamos nos referindo, vamos abrir um pequeno parêntese. Na evangelização, trazem-se para as crianças ensinamentos sobre Jesus, nosso Pai Oxalá. Além de sua história de vida, fala-se de amor, caridade e fé. Já quanto ao passe, podemos afirmar que é a transmissão de energia de uma pessoa para outra, desde que se esteja em harmonia e equilíbrio, consciente dessa tarefa. O médium encarregado de dar o passe deverá se preparar desde a véspera, entrando em oração e recolhimento, não ingerindo carne, bebida ou fumo, nem tendo relação sexual.

O passista irá se concentrar, pedindo ao Pai Celestial que o ilumine para ajudar aquele filho. Com um movimento das mãos, sem tocar na pessoa à sua frente, percorre seus chacras,⁸² doando,

⁸² Chacras são pontos energéticos distribuídos por toda a nossa matéria. Cada pessoa tem mais de sete mil desses pontos, que partem de sete chacras consi-

assim, sua energia, a qual irá ajudar a restaurar e fortalecer o equilíbrio da pessoa que a receberá. Já a água fluidificada é a água colocada em qualquer utensílio de vidro, barro ou madeira — materiais que conduzem a energia da natureza — e que já está imantada, ou seja, já carrega em si a bênção e a força da Espiritualidade. Após o passe, é servida essa água em pequeno copo de vidro. Ao bebê-la, a pessoa também deve se concentrar, entrando em oração.

Voltando ao trabalho feito pela Casa, podemos dizer que Maria das Dôres é assim: incansável. E é também um exemplo a ser seguido. Se todas as casas de caridade tivessem uma Babá e um presidente como eles o são, chefiados por uma entidade de Luz, como é a Vovó, a Umbanda poderia mais facilmente cumprir sua missão de propagar o amor ao próximo e a caridade.

Uma escrava a caminho de sua missão

Muito do conhecimento sobre a vida dos orixás, das entidades e sua energia é passado por gerações através da força da oralidade, que mantém e perpetua as tradições afro-descendentes. Na Umbanda, além da oportunidade de os próprios guias espirituais contarem suas histórias quando incorporados no médium, esse conhecimento pode ser encontrado nos pontos cantados na Gira, palavra que designa a sessão de Umbanda. Esses pontos são orações, e devem ser entoados com muita energia, respeito e fé. Um deles nos mostra um pouco da história da nossa querida Preta-Velha:

Pai João Grande batia tambor,

Maria Conga embalava a criança do senhor...

derados básicos: coronário, frontal, laríngeo, cardíaco, solar, esplênico e sacro. Como pontos estratégicos, eles são responsáveis pelo equilíbrio físico e também emocional de nosso corpo, devendo sempre ser revitalizados com passes, florais e banhos de ervas, entre outros tratamentos.

*Pai João Grande batia tambor,
Maria Conga embalava a criança do senhor...*

*Ela sorria, ela chorava,
Pai João Grande o seu rosto enxugava.
Ela sorria, ela chorava,
Pai João Grande o seu rosto enxugava.*

Mas quem foi Vovó Conga quando estava encarnada? Como foi sua vida? Foi mesmo escrava e babá dos filhos do Senhor da fazenda? Por que ela vem na linha dos Pretos-Velhos? Estas perguntas foram sendo respondidas ao longo dos mais de 50 anos em que ela chega em Maria das Dôres, através do fenômeno da incorporação mediúnica.

Ela nos contou que em uma das suas encarnações foi uma Sinhá, casada com um dono de fazenda no tempo da escravidão. Com a morte de seu marido, que a amava muito, teve de tomar a frente dos trabalhos. Sem saber direito o que fazer, qual a conduta correta a ser adotada para dirigir os negócios do marido agora morto, foi rude com os escravos. Somente aos poucos, com a ajuda de um escravo que lhe foi abrindo os olhos, ela viu o que deveria ser feito.

Na sua última encarnação, Maria Conga foi uma negra que veio do Congo, em um navio negreiro em que os negros eram presos e acorrentados. Sua destinação foi uma fazenda no sul da Bahia onde, escrava benzedeira e parteira, deu à luz 13 filhos na senzala, morrendo em idade bem avançada. Já defensora da justiça, protegida pela escuridão da noite, ou até mesmo em pleno clarão do dia, lutava por eles e por todos os irmãos que dela precisassem.

Além do sofrimento pelo que via a seu redor, Maria Conga sofreu enquanto mãe. E sofreu muito! Viu um dos seus filhos morrer de fome pois, ama-de-leite que era, tinha de amamentar primeiro o filho da Sinhá. O ponto de Vovó que vimos há pouco

eterniza esse momento em que ela chora por nada ter podido fazer para salvar a vida de seu filhinho. E mostra também o carinho e o conforto recebidos de Pai João Grande, seu esposo e companheiro.

Também nos relata que viu uma de suas filhas morrer, vítima de gangrena, após ter sua perna amputada pelo capataz com um machado, procedimento brutal mas comum na época, quando alguém era picado por cobra. O coração de mãe sangrou mais uma vez, tempos mais tarde, quando um de seus filhos, incumbido de levar um recado a uma fazenda distante, nunca retornou. Para acalmar seu coração aflito, imaginava que ele havia fugido para outras terras, em busca de uma vida melhor. Somente soube o que havia acontecido ao desencarnar: ao encontrá-lo, ele lhe disse ter sido morto por uma onça que cruzara seu caminho.

Vovó compartilha conosco — nem para seu esposo contou o que fizera — um fato triste de sua vida, com o intuito de nos alertar. Diz ela que um dia, ao ver um dos escravos morrer vítima da crueldade do capataz, deixou-se possuir pela revolta: cavou um buraco fundo, de madrugada, no caminho que ele sempre usava, colocando mel e cobrindo-o com galhos e folhas, para despistar. Quando o capataz veio em direção ao canavial, caiu na armadilha: ferido e sem poder escapar, foi facilmente devorado pelas formigas, que vieram atraídas pelo mel. Maria Conga finaliza dizendo que teve de dar conta desse seu ato a Pai Oxalá, pois só a Deus cabe fazer justiça, e há muito já sabemos que colheremos o que semearmos. Essa é a lei do retorno.

A missão: caridade na linha dos Pretos-Velhos

Maria Conga faleceu em um dia 12 de junho. Ela chega na linha dos Pretos-Velhos, por ter sido escrava e negra na última encarnação. Como todo Preto-Velho suas virtudes são, entre outras, o amor, a humildade e a sabedoria. Por sua evolução espiritual, atua na vibração de Santa Rita de Cássia, santa de sua devoção, a quem recorria nos momentos mais aflitos. No plano

astral, Maria Conga recebeu a missão de retornar à Terra e aqui vir, ajudando encarnados e desencarnados.

Ela quase não dá mais consulta, pois suas responsabilidades agora são maiores: orienta também outras casas de caridade. Entretanto, como tem um grande laço com a nossa Casa, continua a vir quando se faz necessário. Nesses dias, não perde a oportunidade de, mais uma vez, cobrar dos seus filhos o crescimento espiritual: pergunta se estão sendo o tipo de filhos que Pai Oxalá criou para ser; se estão levando para fora da Casa os ensinamentos que ela trouxe, pois lembra sempre que a caridade é direcionada ao ser humano, independentemente de credo, raça, nacionalidade.

Conta Das Dôres, nascida em um dia 12 de junho, que ela ainda era juvenzinha quando começou a dar incorporação à Vovó Maria Conga. Pouco a pouco, a sábia Preta-Velha foi ensinando, ao pequeno grupo mediúnico que se formou ao redor dela, inestimáveis e preciosas noções sobre a Espiritualidade, sobre a responsabilidade de ser um médium, de gerir uma casa de Umbanda e zelar por todos, ajudando-os a galgar os degraus que os levarão até a Luz Maior.

Observemos sua chegada: na maioria das vezes, chega fora das sessões. Nesse momento, é impossível não notar a reverência de todos em relação à Vovó. E impossível também é não sentir a magnificência da sua presença, a força do seu ser. Ela chega em Maria das Dôres, cujo corpo magro — e já com alguns sinais dos seus mais de 60 anos — acolhe bem essa Preta-Velha, emprestando-lhe seus cabelos grisalhos, e a serenidade que dele emana. O corpo da Babá vai se contraindo, seus movimentos vão se reduzindo, a coluna vai se inclinando para a frente. Nesse curto espaço de tempo em que se processa o fenômeno da incorporação mediúnica, o ambiente parece se transformar, inundando o recinto sagrado do terreiro com paz, harmonia e muito respeito.

Enquanto Vovó — vestida com uma bata e uma saia longa e rodada, ambas na cor branca — faz suas rezas iniciais, uma das médiuns prende seus cabelos em um lenço branco de pano

de algodão, especialmente feito para ela. O presidente da Casa, o primeiro a se dirigir a ela pedindo sua bênção, traz-lhe uma pequena tábua de madeira, uma pomba branca,⁸³ um copo de vidro com água e uma vela que, depois de acesa, ficará dentro dele sobre a tábua depositada no chão. Esse ritual de firmeza completa-se no momento em que Vovó risca o ponto na madeira, como se fosse sua assinatura, sua marca, como símbolo de proteção. Feito isso, já sentada no seu banco feito de um tronco de árvore, convida todos a ficar mais perto dela: alguns acomodam-se no chão de areia do terreiro, outros, em cadeiras.⁸⁴

Sua preleção, normalmente anotada pela filha da Babá,⁸⁵ dura cerca de uma hora, abordando, entre outros temas, os problemas que a Casa estiver enfrentando. Ao final, abraça cada um dos presentes, o que na verdade se constitui em um passe, que ela dá enquanto invoca para o filho a ajuda de Santa Rita de Cássia e de Santa Bárbara, esta última sincretizada em Iansã. Vejamos a prece que ela reza, pedindo que Santa Bárbara leve para as ondas do mar sagrado os males presentes no filho de fé:

Estrela bela e matutina

Que no céu brilhou.

Jesus Cristo encontrou com Santa Bárbara Virgem e perguntou:

“Onde vais, Santa Bárbara Virgem, roncando vento e trovoadas?”

⁸³ Tipo de giz grosso, feito de acordo com determinados preceitos. É com ele que se riscam os pontos de firmeza, conjunto de sinais mágicos, identificadores de cada entidade.

⁸⁴ Para mais informação sobre a configuração do terreiro de Umbanda, ver o texto de Suelly Reis Pinheiro.

⁸⁵ Como Maria das Dôres é médium total, ou seja, não lembra o que fez ou disse durante a incorporação, começou-se de quando em quando, e com a permissão da Vovó, a gravar suas preleções, no intuito de não só Das Dôres receber seus ensinamentos, mas também de ficarem registrados para a posteridade. As preleções eram gravadas em fitas, encontrando-se à disposição dos médiuns. Atualmente, Vovó não nos tem dado essa permissão.

“Vou pras ondas do mar sagrado,⁸⁶ onde galo não canta, pinto não pia, fogo não pega e criança não chora!”

“O que vais fazer lá?”

“Vou levar toda perturbação, todo mal do filho⁸⁷ para as ondas do mar sagrado, onde galo não canta, pinto não pia, fogo não pega e criança não chora!”

Várias foram as vezes em que ensinou suas mirongas: rezas para doenças, receitas de garrafadas para depressão e fortalecimento, o conhecimento sobre o poder de cura das ervas e muito mais.

A força das ervas

Com Vovó aprendemos que soberana é a força das ervas, dessa natureza exuberante que nos foi dada por Deus. E ela nos ensina muitos banhos que podem nos fortalecer.

Começemos pelo banho de gervão-roxo (*Stachytarpheta cayennensis*), planta de um verde escuro e brilhoso, que na época de floração forma um pendão, que se reveste de pequeninas flores roxas. Esse banho é feito pedindo-se a proteção de Xangô, quando a pessoa quer se fortalecer. Muitos filhos, cujo pai-de-cabeça⁸⁸ é Xangô, usam a energia que provém desse banho sempre que acham necessário. A Umbanda nos ensina que foi este orixá — sincretizado na Igreja Católica em São Jerônimo⁸⁹

⁸⁶ Iansã, senhora dos ventos e da tempestade, é um dos orixás que integram a Linha de Povo D'Água, uma das sete linhas da Umbanda. Essa linha normalmente é evocada no fim das sessões, com o intuito de harmonizar nossas energias.

⁸⁷ Ao rezar essa oração, pronuncia-se o nome da pessoa. Vovó nos ensinou que deve-se falar a reza três vezes e repetir quantas vezes for necessário. Rezar com um copo d'água, pedir para todas as falanges que levem todas as incertezas do filho. Despachar a água do copo em uma planta formosa, sem espinho, ou na pia (água corrente).

⁸⁸ Pai e mãe-de-cabeça são os orixás que orientam e protegem cada filho de fé. São os arquétipos principais aos quais o ser está ligado.

⁸⁹ Há também o sincretismo de Xangô com São João Batista, São José e São Pedro.

— quem escreveu as mensagens de Pai Oxalá, quando encarado. Por isso há indicação de tomar esse banho quando se vai escrever algo, ou fazer uma prova, ou quando se tem uma ação pendente na Justiça.

Quando queremos acalmar nossos pensamentos e sentimentos, às vezes tão tumultuados, podemos usar o alecrim (*Rosmarinus officinalis*), a alfazema (*Lavandula officinalis*) e as rosas-brancas-de-cacho (*rosa sp.*). Já o manjerição (*Ocimum minimum*) é indicado para acalmar as crianças.

Esses banhos são tomados após o banho normal e são feitos macerando as pétalas ou folhas na água previamente morna e deixando-as em infusão, já com o fogo apagado. Após 30 minutos, coar, colocar as ervas em um papel branco a serem despachadas no jardim, sempre debaixo de uma árvore frondosa ou em um “matinho formoso”, como as entidades dizem, o que significa uma planta sem espinhos, com flores, ou bem verde, em um lugar limpo. As ervas também podem ser depositadas no mar.

Com as ervas mencionadas e a rosa-branca-de-cacho, a água é jogada da cabeça aos pés, o que não acontece quando se usam outras plantas. O importante é entrar em oração desde o início: concentrando-se, mentalizando a energia dos orixás, a força da mata que existe em cada um de nós, pedindo proteção e misericórdia a Pai Oxalá. Após o banho, o corpo deve secar naturalmente. Como estamos lidando com energia, seria bom escolher um dia em que se possa fazer um pouco de recolhimento, evitando-se as segundas-feiras — dia da semana dedicado às almas — e as sextas — dia dedicado ao povo de rua da encruzilhada⁹⁰ — pois nesses dias a vibração não é tão forte e limpa como nos outros dias dedicados aos orixás.

⁹⁰ Para nos referirmos ao povo de rua, encruzo ou encruzilhada significam a mesma coisa. Na prática, o encruzo é aquele que faz mesmo uma cruz, um cruzamento total de duas ruas. Já a encruzilhada é em forma de T.

Por que veicular aqui ensinamentos sobre esses banhos que propiciam paz e serenidade, dando-nos a força de que precisamos na nossa caminhada neste planeta de prova e expiação? Porque o conhecimento trazido pela Espiritualidade deve transpor fronteiras e chegar ao necessitado. E também porque Vovó disse, em sua preleção de 29 de janeiro de 2005,⁹¹ que uma nova doença atingirá os que guardam mágoa e rancor em seus corações. Por isso, é hora de arrancar do peito esses sentimentos. E nada melhor que recorrer à energia da natureza tomando um desses banhos!

Vovó Maria Conga das Almas: um programa de vida

Vovó alerta para a necessidade de vivermos cada momento, dedicando mais tempo a nossos filhos, olhando mais a natureza, plantando as sementes das plantas, disseminando-as como o fazem os pássaros. E de que sempre nos perguntemos: “O que eu vim fazer aqui?” Lembra que a maior riqueza que temos é a Luz grandiosa que nos foi dada por Pai Oxalá ao nascermos. É ela que temos de deixar crescer e aprender a dividir.

Vovó nos fala de amor, caridade, mansuetude, e da necessidade de o ser humano ter ilusão, palavra que em sua fala significa esperança e sonho. Suas palavras também podem trazer esclarecimento e conforto espiritual quando nos vê sofrendo em face da destruição causada por algum cataclismo na Terra.

Ela também nos ensina com parábolas, dentre as quais destacam-se a do passarinho e a do burro. Na primeira, conta que os animais da floresta ficaram muito tristes, sem saber o que fazer quando viram que um incêndio ali se alastrava rapidamente. No caos que se formou, só um passarinho ficou indo e vindo até o

⁹¹ Enquanto este texto estava sendo escrito, a mídia veiculou o surgimento da Síndrome do Coração Partido, doença que ataca aquelas pessoas que reprimem e guardam emoções e sentimentos.

rio, tentando apagar o fogo com a água que trazia no pequeno bico. Quando os outros viram isso, disseram que ele era bobo, que não iria adiantar nada o que estava fazendo, ao que ele retrucou: “Estou fazendo a minha parte!” Envergonhados, todos começaram a imitar seu gesto. E com a poderosa ajuda do elefante, o fogo foi finalmente debelado. Já a parábola do burro mostra que se pode, com muita dificuldade e tenacidade, arrastar esse animal até o rio, perto da água, mas chegará o momento em que ele terá de abrir a boca para saciar sua sede e não morrer. E a isso ninguém poderá obrigá-lo. Dessa forma, Vovó nos ensina que cabe ao homem fazer a sua parte, colaborando para um planeta melhor, mais evoluído.

Um dos temas que sempre aborda nas suas preleções é o da família, mostrando como é vital construir um lar onde existam amor, compreensão e tolerância. Para ela, a família está se dissolvendo por falta de paciência nos casais. Para que se possa atingir a serenidade dentro do lar, recomenda a todos não levar as discussões familiares adiante. Para tanto, ensina que nos comportemos como se tivéssemos a boca cheia de água. Nesses momentos, o importante é a pessoa se calar, retomando o assunto mais tarde, quando todos estiverem calmos. Aí sim, deve-se falar com tranquilidade, buscando resolver as pendências de forma equilibrada. Somente quando as divergências forem incontornáveis, quando nosso coração não suportar mais essa dor, é que se deve pensar em separação, pois a Espiritualidade nos ensina que nascemos para ser felizes.

Ela nos mostra que somos ricos, pois possuímos nossos olhos, mãos e pernas, que não venderíamos por nada neste mundo. Lembra que o grande mal do mundo moderno é a correria, a pressa, a ganância em se construir um patrimônio material, quase sempre em detrimento do espiritual. Ela nos alerta que ao morrer, nenhum bem levaremos conosco, somente a caridade que aqui tivermos feito. Quando chegarmos no plano espiri-

tual, eles não vão perguntar o que fomos na Terra, e sim o que fizemos aqui.

Vovó também traz palavras de encorajamento aos médiuns, mas sempre nos recorda o muito que ainda há por fazer. Afinal, a Umbanda nos oferece a certeza de que, em cada encarnação, nos é dada mais uma oportunidade de crescimento que não se pode desperdiçar.

A Umbanda assim nos ensina: o caminho do homem é o caminho para a Luz! Como filhos de um Deus único, somos irmãos, não importando que religião abracemos. Cada vez mais é necessário que todos se dêem as mãos, esquecendo quaisquer diferenças religiosas criadas pelo próprio homem.

Isso é um pouco do que temos aprendido com a nossa querida e sábia Vovó Maria Conga das Almas nesses muitos anos em que tivemos e temos o privilégio de conhecê-la e tê-la como nossa Guia Espiritual. Esses são seus saberes iluminados.

O amor e a alegria em nome de Nosso Senhor do Bonfim: saravá, Seu Pedro Mineiro!

Jorge Moutinho

*Brilhou uma estrela lá no céu,
Clareou Minas Gerais!
Vamos saravar Pedro Mineiro,
Que ele é de Minas Gerais!
Oh, Minas, oh, Minas,
Oh, Minas, Minas Gerais!*

*Na minha boiada, tinha 31.
Agora tem 30, tá faltando um.
Quem vem lá? Sou eu!
Quem vem lá? Sou eu!
Quem vem lá? Sou eu,
Boiadeiro, eu sou!*

*“Da onde” seu Mineiro vem?
Aonde seu Mineiro mora?
Ele mora onde o galo não canta,
O pinto não pia e criança não chora.⁹²*

Quem é esse Boiadeiro que vem de lá, onde o galo não canta, o pinto não pia e criança não chora? “Mineiro disse que era perto, o caminho me ensinou; quanto mais estrada eu ando,

⁹² Ao longo do texto, são transcritas as letras de alguns pontos (integralmente ou em parte) de Boiadeiro, da forma como são entoados nas sessões de Umbanda em que Seu Pedro Mineiro se apresenta para transmitir seus ensinamentos e dar suas orientações aos filhos da Casa de Caridade Miguel Arcanjo e aos visitantes.

quanto mais estrada eu vou. Fica logo ali, meu senhor, fica logo ali!”⁹³ Ele vem de Minas, das Minas Gerais. E com sua alegria contagiante nos ensina que o mais importante que devemos ter e sentir, uns para com os outros, é o *amor* — palavra que aparece em destaque, tamanha a intensidade com que nos fala sobre a importância deste sentimento em nosso dia-a-dia.

Para transmitir seus ensinamentos na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, sua missão seria incorporar no presidente da instituição, Guy Rocha, mas ele passou a chegar desde aproximadamente 1970 na cabeça de Maria das Dôres, orientadora espiritual (também chamada de Babá) da Casa e esposa de Guy.⁹⁴ O motivo dessa troca de “aparelho” ou “burro”, como se chama o corpo de quem recebe uma entidade na Umbanda, é que Das Dôres é médium totalmente inconsciente (qualidade rara de mediunidade) e, quando começou a incorporar entidades, ainda moça, ficou com receio de que se fizesse alguma coisa que não fosse para o bem. Assim, pedia que Guy estivesse sempre do lado dela, acompanhando os pedidos que fossem feitos às entidades que recebia, já que algumas não eram tão iluminadas na época. Tornou-se necessário que Guy ficasse perto até mesmo para esclarecer a natureza dos trabalhos a serem feitos, sempre para o bem, uma vez que, infelizmente, nem todas as pessoas que consultam uma entidade seguem o caminho das boas intenções. O casal precisou então dividir bem as funções para o perfeito funcionamento da Casa. “Se nós dois recebêssemos guias, quem é que iria atendê-los?”, pergunta Guy. Dessa forma, Seu Pedro Mineiro passou a incorporar em Das Dôres. Mas ainda hoje

⁹³ Também é um dos pontos que são entoados na falange de Boiadeiro, que chega na linha de Preto-Velho.

⁹⁴ As falas de Seu Pedro Mineiro contidas neste texto foram ditas pelo próprio, incorporado na médium Maria das Dôres Rocha, orientadora espiritual da Casa de Caridade Miguel Arcanjo (situada em Niterói, RJ), no dia 8 de janeiro de 2005. Pedimos a ele próprio a permissão para contar um pouco de sua vida na Terra e transmitir alguns de seus ensinamentos.

Guy sente a influência dele quando está prestes a incorporar em sua esposa. “Antes de ele chegar, eu sinto aquela gelada na espinha”, acentua.

Seu Pedro Mineiro foi boiadeiro em Minas Gerais, no tempo da mineração e do período literário conhecido como Arcadismo.⁹⁵ Trabalhava numa fazenda a sete léguas para cima de Mariana, na região próxima à atual cidade de Santa Bárbara e ao Santuário do Caraça, já naquela época cuidado pelos padres ou “moços de batina”, como ele chama. “Era uma fazenda enorme, passava-se por um riacho”, recorda. Estava-se em pleno ciclo do ouro. Bastava mexer na terra e saía pedra formosa. A água caía com clareza, brilhando. Havia muita riqueza, que os portugueses vieram e “levaram tudo”, como diz Seu Mineiro.

Ele conviveu com os poetas árcades, entre os quais a história registrou os nomes de Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa e Inácio José de Alvarenga Peixoto. Lembra-se bem da menina Maria Dorotéia Joaquina de Seixas Brandão, a famosa Marília, celebrada e popularizada por Gonzaga no longo poema “Marília de Dirceu”. Recorda ainda que um desses poetas tocava flauta. “Procura no livro aí que deve estar...”, diz. Trata-se de Manoel Ignácio da Silva Alvarenga, como consta, de fato, em livros sobre o assunto. Na mesma época, também despontava em Minas o talento de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

A pessoa mais famosa com quem manteve um contato mais estreito, no entanto, chamava-se Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, uma vez que Seu Mineiro vivenciou o impor-

⁹⁵ O Arcadismo foi o estilo que caracterizou a literatura brasileira ao longo do século XVIII. Reagia contra os excessos do Barroco e pregava o regresso à simplicidade e à ordem, num ideal de classicismo e razão. O nome deriva da Arcádia, a célebre região da Grécia onde viviam os pastores. Seus poetas cultivaram uma poesia com muitas referências à vida campestre e à mitologia grega.

tante acontecimento histórico conhecido como Conjuração (ou Inconfidência) Mineira (1789).⁹⁶ Ele diz que Tiradentes era metido a herói e mandou-o abrir o olho com relação a Joaquim Silvério dos Reis, que iria traí-lo — e de fato o traiu. “Eu era novo, mas já gostava de ficar observando as coisas!”

É aquela história, como ele sempre nos ensina, referindo-se a um ditado já antigo na época em que o próprio Seu Mineiro viveu na Terra — afinal, como marcador de boi, muito ouvia do moço da fazenda onde trabalhava: “Se você acorda com Pedro, se você dorme com Pedro, se você abraça Pedro, se você bebe com Pedro... *olho no Pedro!*” Ele se cansou de falar isso para Tiradentes, mas o lado heróico do “mártir da Inconfidência” não deixou que tal advertência fosse levada em consideração. “Vocês têm que ser bondosos, mas ter cuidado”, nos alerta Seu Mineiro. Este é um dos seus principais ensinamentos, como bom mineiro que é: confiar desconfiando.

*Ele é carreiro, da estação da Leopoldina
Tava carreando boi, para a cidade de Minas.
Oh, Mineiro, ê! Oh, Mineiro, ah!
Que banda boa como a de Minas não há!
Eu botei meu boi na canga,
Quero ver quem vai tirar.*

Seu Pedro Mineiro é celebrado especialmente em 22 de dezembro, dia em que desencarnou. Na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, a sessão de Umbanda próxima a essa data é

⁹⁶ Movimento de inspiração liberal e republicana articulado na capitania das Minas Gerais em fins do século XVIII. Entre os planos dos conjurados, estava a proclamação de uma república com capital em São João del-Rei. A conjuração, sem a devida consistência, foi desbaratada pela Monarquia.

uma verdadeira reunião de alegria, fortalecimento e energia, com cantoria, palmas e atabaque, marcando o encerramento das atividades do ano.

Ele viveu 33 anos e desencarnou sete anos depois que Tiradentes morreu (1792) — portanto, fez sua caminhada na Terra no período de 1766 a 1799. “Ia fazer 34 anos quando desencarnei”, conta. Certo dia, um companheiro dele, cheio de marafo (bebida alcoólica), estava brigando com uma mulher (ou rabo-de-saia, como chama) e queria abusar dela. Ao tentar defendê-la na briga, Seu Mineiro foi atingido pelo infincador (nome que se dá a um objeto cortante como punhal ou faca) de seu companheiro. Mas não morreu do golpe; como o punhal estava sujo, morreu dias depois, devido à infecção provocada pela grande quantidade de pus que saía da ferida.

Seu Mineiro não se casou (ou “fez casador”, como diz) porque gostava de um rabo-de-saia “formoso”; como não pôde se casar com ela, resolveu não se casar com ninguém. Também não teve filhos. “Meus filhos eram minha boiada”, afirma. Não sabia ler nem escrever; só sabia contar a boiada, o que era suficiente. “Eu contava a minha boiada com amor”, ressalta, ao ensinar a importância do amor para se fazer qualquer coisa.

Apesar de não ter se casado em seus quase 34 anos de existência na Terra, ele diz que aproveitou muito com as “cabrochas”: “No meu tempo, pra ver os tornozelos das mulheres, tinha que esperar elas subirem no burrico. E quando se abraçava a cabrocha e se fazia ‘beijador’, já estava se aproveitando.” Hoje em dia, ele lamenta o fato de que as pessoas mal se conhecem e às vezes já vão para cima da tarimba (cama) no próprio dia: “Nos tempos passados, nós respeitávamos o rabo-de-saia e o rabo-de-saia se dava o respeito, o que não acontece hoje.” É uma séria advertência a levarmos em conta nos dias atuais, em que importantes valores morais muitas vezes ficam em segundo plano no relacionamento humano, indo o respeito por água abaixo.

Na fazenda em que trabalhava, o fazendeiro tratava bem os empregados que cumpriam suas obrigações. Seu Mineiro saía todo dia de manhã cedo para tocar boi. Ele conta com satisfação que usava um chicote formoso e que tocava berrante. Ainda hoje, na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, as suas insígnias (os seus objetos ou as suas “armas”) são um chapéu, um chicote e um ferro de marcar boi, utilizados apenas em casos especiais. Nas sessões, ele costuma fumar charuto e tomar vermute — atualmente em quantidade bem mais reduzida do que em tempos passados, em função da sua evolução espiritual.

Sua mãe era preta e o pai branco, empregado de outra fazenda, que dormiu com ela. É por isso que ele diz que não é preto nem branco: é mulato.

Seu Mineiro não teve irmãos. A mãe, Sebastiana, desencarnou cedo, ele era criança. Então foi criado solto na fazenda. Não conheceu seu pai. Só sabe que era um moço da outra fazenda e que tinha a pele branca. Não sabe quem é ele e também não quer saber. Mas não guarda mágoa disso: “Eu fui um filho sem pai, mas não fiquei revoltado. Porque eu tive uma mãe que me agasalhou muito⁹⁷ quando eu era moleque, e o moço da fazenda amparou minha mãe.”

Melhor lição de amor, compreensão e reconhecimento do que essa?

*Oh, Mineiro velho,
Trabalhador da fazenda,
Se seu carro está na lama,
Seu Mineiro está na venda.*

“Eu era um mulato bem formoso, alto, forte. E sempre fui um espírito muito alegre”, afirma Seu Pedro Mineiro. Essa ale-

⁹⁷ Cuidou muito dele, o amou muito.

gria é uma das principais características nas sessões em que ele chega, trazendo sempre uma palavra de amor, bondade e encorajamento — porém, quando necessário, chamando severamente a atenção de quem quer que seja quando vê que algo está errado, estimulando e orientando todos a seguir sempre no caminho do bem. Ele nos esclarece que, em nossa caminhada, nós podemos vencer por dois caminhos: o caminho da dor e o caminho do amor. Vamos, então, vencer pelo caminho do amor.

Seu Pedro Mineiro adora cantar e dançar e estimula os filhos da Casa a fazer o mesmo; afinal, as reuniões são de alegria, e quem canta e dança não só os seus males espanta como também, principalmente nas sessões, está fazendo suas preces em contato direto com a Espiritualidade, por meio da vibração do som e da energia das letras e das melodias dos pontos que são entoados.

Na época em que esteve encarnado, Seu Mineiro lembra que lamentavelmente já havia inimigo — e Tiradentes sofreu por causa disso. Hoje, nós que temos a alegria de conhecer esse querido Boiadeiro, saibamos que podemos recorrer a ele, conforme o nosso merecimento, para vir em nosso socorro na iminência de uma situação perigosa, como ensina o ponto a seguir, muito cantado nas sessões de Umbanda:

*Tava dormindo, na beira do mato.
Tava dormindo, na beira do mato,
Quando Umbanda lhe chamou, pra trabalhar.
Quando Umbanda lhe chamou, pra trabalhar.
Acorda, Seu Mineiro, vai vigiar!
Acorda, Seu Mineiro, vai vigiar!
O inimigo está de pé, na porteira do curral.
O inimigo está de pé, na porteira do curral.*

*Ponha a mão nas suas armas, vai guerrear.
Ponha a mão nas suas armas, vai guerrear.
Põe o inimigo pra fora, para nunca mais voltar.
Põe o inimigo pra fora, para nunca mais voltar.*

Que esse iluminado Mineiro sempre possa vigiar nossos caminhos, guerreando quando necessário, e pondo qualquer inimigo porteira do curral afora!

*Joguei meu laço, pra laçar meu boi.
Joguei meu laço, pra laçar meu boi.
Já licei um, ainda faltam dois.
Já licei um, ainda faltam dois.*

O amor é o sentimento mais importante para Seu Pedro Mineiro — e sempre foi com amor que ele contou sua boiada, como dito há pouco. De modo que, por mais numerosa que fosse, se estivesse faltando um boi ele ia atrás buscar, o que nos lembra a “Parábola da Ovelha Perdida”, narrada no Evangelho de São Lucas, capítulo 15, versículos 3 a 6:

Quem de vós que, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la? E depois de encontrá-la, a põe nos ombros, cheio de júbilo, e, voltando para casa, reúne os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: Regozijai-vos comigo, achei a minha ovelha que se havia perdido.⁹⁸

⁹⁸ *Bíblia sagrada*. Edição Claretiana. 103ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1996, p. 1369.

Entre cem bois ou ovelhas, um pode parecer mesmo não fazer falta. Mas faz, sim, e muita. O amor nos ensina. E se isso acontecesse, o próprio Seu Mineiro deixava bem guardados os 99 bois e saía decidido em busca justamente daquele que estava faltando.

*Seu Sertanejo, toque a viola,
Não deixe o dia vir me consolar.
Toque pro Sol, toque pra Lua,
Só não pode parar de tocar.
O que não pode é parar de tocar,
O que não pode é parar de tocar.*

*Fazenda boa, fazenda da Embaúba
Mineiro velho, no tempo que era rapaz,
Ele chegava na estação da Leopoldina com sua viola,
E cantava pro seu capataz:
Oh, Minas Gerais! Oh, Minas Gerais!
Quem te conhece, não esquece jamais!
Oh, Minas Gerais!*

A viola foi uma grande companheira para Seu Pedro Mineiro. “Eu gostava de tocar viola, de cantarolar, fazer cantador. Existe coisa melhor do que sentar embaixo de uma árvore e tocar viola? A melhor coisa que tem é tocar viola. A viola faz brotar coisa formosa dentro de você”, ensina. Cantava as canções que ele mesmo compunha, sempre envolvidas por um tom de muita alegria, como esta:

*A minha viola veio da mata virgem
A viola minha veio da mata virgem
Vou tocar viola,
pra segurar rabo-de-saia...*

“Minhas músicas eram tudo assim, formoso. Eu compunha com os manos meus. Tempo bom, meus filhos!” Como ele não sabia ler nem escrever, se fosse preciso alguém escrevia para ele. Mas isso não parecia ser muito necessário: “Nos tempos passados não precisava escrever no papel. Você guardava tudo no ‘camutuá’.” (ou na cabeça, na linguagem que ele utiliza) Até boi ele contava de cabeça, e não nessas “caixas” que existem hoje, como diz, referindo-se aos computadores. “Hoje vocês têm tanta coisa e não guardam nada no ‘camutuá’!” E aproveita para cantar outra de suas canções, que interpretava prazerosamente nas velhas Minas Gerais, acompanhado de sua viola:

*Eu sou Mineiro
Lá de Minas Gerais,
Andei terra, andei mato,
Andei riacho,
Andei terra, andei mato,
Andei riacho,
Pra galgar⁹⁹ minha boiada.
Eu sou Mineiro
Lá de Minas Gerais,
Andei mato, andei terra,
Atravessei riacho.
Eu sou Mineiro
Lá de Minas Gerais,
Andei mato, andei terra,
Atravessei riacho.*

*Você me chama de Mineiro,
Mas eu não sou Mineiro, não.
Eu sou é tocador de gado,
Mineiro, sim, é meu patrão.*

⁹⁹ Galgar, aqui, tem o sentido de alcançar a boiada, chegar até onde ela está.

Qual é a missão de Seu Pedro Mineiro? “A minha missão é fazer caridade para eu evoluir”, afirma. “É amparar vocês, aconselhar vocês.” A importância da dedicação à caridade nos lembra o que escreveu São Paulo na Primeira Carta aos Coríntios, capítulo 13: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine” (versículo 1); “A caridade é paciente, a caridade é bondosa” (versículo 4).¹⁰⁰ Recordemos ainda o que diz o espírito Meimei, a qual é conhecida na literatura espírita pela suavidade de suas palavras: “A caridade é ornamento celeste das almas que aprenderam a caminhar com Deus. Luz Excelsa nas noites dos sofrimentos humanos, emana da Bondade Pura e é farol que aponta rotas de redenção e paz.”¹⁰¹ Assim é a caridade em Seu Pedro Mineiro: sempre associada à alegria, à bondade, à humildade e ao amor, o que não quer dizer que ele não seja firme com os filhos quando necessário.

Como o mundo está atualmente, Seu Mineiro não tem o desejo de reencarnar. Mas sabe que não é ele quem determina isso: “Quando, um dia, esse Pai Senhor do Bonfim achar que eu não preciso mais incorporar, ou eu vou ficar no plano espiritual ou eu volto pra Terra.” E continua: “Mas pode me dar castelo, rabode-saia, pataco (dinheiro), corre-corre (carro), ouro, que eu não queria voltar pra Terra.” Ouvindo isso, podemos pensar: quantas coisas a humanidade precisa fazer em benefício de um mundo melhor, já que conhecemos quem saiu daqui e não deseja voltar? Muitas, sem dúvida. Basta olhar à nossa volta e ver que há muitas coisas erradas, mas que podem ser consertadas. É necessário, no entanto, se conscientizar de que nunca é tarde para começar

¹⁰⁰ *Bíblia sagrada*. Edição Claretiana. 103ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1996, p. 1477.

¹⁰¹ Citação constante no boletim *Serviço espírita de informações* (SEI), do Lar Fabiano de Cristo, edição de 8/1/2005, nº 1919, com a indicação de pertencer ao livro *Centelhas da vida*, psicografado por Eurícles Formiga e editado pelo Instituto de Difusão Espírita.

— basta cada um fazer a sua parte, dar o primeiro passo, especialmente quem ainda não despertou para a necessidade de todos trabalharmos por um mundo mais fraterno e formoso.

Aprendemos com Seu Pedro Mineiro que, para ajudar a construir esse mundo melhor, é preciso solidariedade, cooperação, divisão de tarefas em prol de um objetivo comum, sempre com humildade. É preciso preparar os filhos para o dia de amanhã. E ele alerta: “Antes de qualquer coisa, mesmo bondade, equilíbrio e mansidez (mansidão), você precisa de *amor*.” É disso que o ser humano mais necessita hoje, como ele afirma: “O ser humano está precisando hoje de ter mais *amor* dentro dele. É preciso todos se ajudarem mais uns aos outros. É preciso *amor* pra fazer as coisas formosas. Isso você não perde nunca.”

Como diz o espírito Emmanuel, psicografado por Chico Xavier: “Guia teu arado no bem dos semelhantes e milagres de amor colherás do sulco da terra.”¹⁰² Assim, que todos possamos, na companhia desse querido Boiadeiro, plantar cada vez mais *amor* em nossos corações.

*Lá na fazenda, quando chega a tardinha,
A passarada fica logo a gorjear,
Agradecendo a Oxalá por mais um dia,
Por conta de uma Ave-Maria,
Na esperança de um luar.
Aguazinha corre mansa por detrás,
Quanto mais Mineiro cala,
Tanto mais Mineiro faz.
Ai, ai, seu moço, ele é de Minas Gerais.
Ai, ai, seu moço, ele é de Minas Gerais.*

¹⁰² Citado no livro *Dicionário da alma* (Brasília: Federação Espírita Brasileira, 1971, p. 25), reunindo mensagens de espíritos diversos psicografadas por Francisco Cândido Xavier.

Como bom mineiro, sua prosa é profunda, mas de fácil entendimento. Abençoando seus filhos sempre em nome de Nosso Senhor do Bonfim, ele transmite seus ensinamentos com a inseparável marca da alegria e do amor, amparando e aconselhando todos que se dirigem a ele nas sessões.

Segundo Seu Mineiro, viver não é algo difícil. “Pra que os filhos ficam arrumando confusão? A vida é tão fácil de viver. Eu vivi sem mãe, nem pai, contando meus bois...”¹⁰³ Que saibamos ouvir suas orientações e aplicá-las em nosso dia-a-dia, de modo que cada um de nós possa se tornar, cada vez mais, um filho melhor de Pai Oxalá, vencendo pelo caminho do amor. Afinal, como ele mesmo diz, “com amor você chega aonde quer chegar”.

Deixemos que Seu Pedro Mineiro, com sua infinita sabedoria, nos ampare e nos fortaleça em nossa caminhada, com suas palavras que sempre nos iluminam — e nos emocionam:

“Eu não tive pai, não tive mãe, não fui doutor, nem professor, mas sou feliz, porque sou um filho de Pai Oxalá! Que Nosso Senhor do Bonfim abençoe e ampare meus filhos!”

¹⁰³ Seu Mineiro diz, aqui, que viveu sem pai nem mãe pelo fato de não ter conhecido o pai e por sua mãe ter desencarnado cedo, o que o levou a seguir sua caminhada terrena sem o apoio dos pais carnis. No entanto, ele faz questão de ressaltar o grande amor que recebeu da mãe, no curto período em que os dois viveram juntos na Terra. Como já dito, com esse extraordinário amor ela o “agasalhou” muito na infância. Ele chega a dizer que sua mãe “foi a mãe mais formosa da Terra”.

Mãe-Criadeira: a construção do cuidado e do respeito pelo humano e pela vida nas tradições religiosas de matriz africana¹⁰⁴

Marco Antonio Chagas Guimarães

Nas religiões de matriz africana, a linguagem e a aprendizagem são, principalmente, analógica e oral. Aprendemos formas de ser e viver através dos rituais, da atmosfera que compõe o espaço do terreiro, que chamamos *egbé*, e das redes de relações interpessoais que nele se estabelecem. No dia-a-dia do *egbé*, com suas ervas e árvores sagradas, seus espaços onde habitam os Orixás, sentimos e compreendemos variações do movimento do existir. Esses registros estão, por exemplo, na “feitura de iaô”, momento de nascimento ritual do ser comunitário; no tempo de amadurecimento dos iniciados, porque quanto mais “velhos de santo”, mais portadores de *Axé*, energia vital; no *axexê*, cerimônia que ocorre quando os iniciados morrem, e através da qual é criado um campo de transição para sua volta do *aiyé* (terra) para o *orum* (céu/infinito), e de elaboração do luto para os que aqui ficaram.

No cotidiano do *egbé*, sentimos e compreendemos que a vida é constituída de momentos de plácida calma em que “nada parece acontecer”, sendo possível ouvir o vento soprar, uma folha cair, e momentos de intenso dinamismo, quando o toque vigoroso dos atabaques cria as condições necessárias para que se

¹⁰⁴ Este trabalho é dedicado à memória de Firmina Basília dos Reis. Mãe Firmina de Yemanjá, minha Mãe-criadeira que, se com sua volta para o *Orum* deixou uma saudade muito grande no coração de seus filhos, deixou também, incorporados em nós, a vivência e o registro de uma capacidade de cuidar e de respeito pelo humano e pela vida.

reatualize o contato com os *Orixás/Bankisi/Voduns*. Este conhecimento, incorporado e então traduzido pela palavra e pelo comportamento afetivo dos nossos mais velhos, nossos *egbomi*, nos apresenta formas dignas de nascer, crescer, amadurecer e morrer, nos ajudando a compreender e lidar com a vida, suas alegrias, impasses e contradições.

Entendo que a tradição do terreiro tem essa possibilidade, porque está alicerçada em uma ordem simbólica que compreende que a vida só pode existir a partir de um sistema inter-relacional, de trocas, no qual cada componente deste sistema que é constituído de homens, divindades, antepassados e de elementos do reino vegetal, animal e mineral, é não só necessário, mas fundamental para a manutenção do todo. Esta dinâmica que integra sistemas de suporte/acolhimento e sistemas de limite não-invasor nos permitiria adquirir formas de organização subjetiva, auxiliando-nos a elaborar os conflitos, os paradoxos naturais que se originam entre aquilo que necessitamos, desejamos, e aquilo que é possível ser obtido em função dos limites da realidade. No interior desse sistema, iniciados e adeptos, a partir de uma aprendizagem analógica, oral e afetiva, têm a oportunidade de amadurecer e cumprir seu destino.

Podemos perceber o saber do terreiro através dos códigos que compõem o *egbé*, o barracão, os “assentos”¹⁰⁵ dos orixás, as danças, os mitos. Auxiliado pelas mães-criadeiras, um elemento desse sistema, vou tentar mostrar como essa tradição religiosa nos permite aprender a amadurecer, transmitindo e recriando a história de nossa raiz africana.

A mãe-criadeira, que é chamada no terreiro de *Jibonã*, *Ajibonã* ou *Yá Ojubonã*, é um termo que vem do iorubá *Yiá*

¹⁰⁵ Os assentos, ou assentamentos, são representações materiais dos Orixás. “Moram” nos *ilê-Orixá* (quartos de santo) e em lugares sagrados, no espaço do *egbé*, como é o caso do Orixá Iroco, que tem em uma árvore a ele consagrada seu assento e morada.

Oju Bi Onan, e tem como tradução “a mãe que abre os olhos para o caminho”, ou “a mãe que leva ao caminho do nascimento”. Esse “cargô” é ocupado por uma mulher, iniciada, que tem a responsabilidade de cuidar dos iaôs durante a iniciação.¹⁰⁶ Ela está presente desde a chegada do novo filho à comunidade para o início da “feitura do santo” — gestação comunitária — passando pelo momento do “dia do nome” — parto comunitário — até o final do processo, quando o novo iaô retorna para sua casa e família de origem. Nesse complexo processo ritual o iniciado fica no terreiro por um período aproximado de vinte e um dias, quando vive e absorve novos códigos culturais, afetivos e adquire uma nova família mítica e humana. É preciso dizer que a mãe ou o pai-de-santo são elementos fundamentais na iniciação, porque a eles cabe a manutenção e a transmissão da visão de mundo da comunidade, a memória individual e coletiva do grupo. Entendo, contudo, que a tradição do terreiro em sua psicologia do amadurecimento, através da mãe-criadeira, facilita a criação de uma “atmosfera”, de um campo intersubjetivo para que o “iaô/feto” tenha as condições necessárias para viver o campo de liminaridade que é a iniciação, e construir um outro “ser e viver” no mundo. Costumo dizer que, simbolicamente, a mãe ou o pai-de-santo são o corpo comunitário que gesta o iniciado, enquanto a mãe-criadeira é o útero-continente, onde esta gestação se processa. Conversando conosco, elas vão mostrar como vivenciam e compreendem o processo de nascimento no terreiro.

A iniciação visa tornar o novo membro comunitário representante de uma energia cósmica¹⁰⁷ e descendente de

¹⁰⁶ A mãe-criadeira pode ser escolhida pelo Orixá principal da casa, ou pela mãe ou pelo pai-de-santo, em geral, entre as mulheres do terreiro que já completaram sete anos de iniciação.

¹⁰⁷ Chamamos Orixá, em comunidades de origem iorubá (ijexá, ketu); *Nkisi*, em casas de origem bantu; e Vodum, em casas de origem jeje.

uma “nação”.¹⁰⁸ Isso só é possível por meio da iniciação, quando não só absorvemos o saber através do conhecimento racional, mas também da linguagem afetiva. Essa linguagem vai sendo absorvida por intermédio da inter-relação com a mãe ou o pai-de-santo, com a mãe ou o pai-pequeno¹⁰⁹ e com a mãe-criadeira. Vai sendo também introjetada pelo odor e pela tessitura das ervas que serão passadas em nosso corpo, pelos banhos e preparos que tomamos ou ingerimos, pelo sabor dos alimentos, pelos diferentes formatos que nosso corpo e interioridade descobrirão e absorverão. Entendo que essa “atmosfera relacional” permite que, durante o processo iniciático, possamos, temporariamente, ir nos separando da identidade que até então nos caracterizava como pessoa, vivamos uma gestação comunitária e, então, tenhamos a oportunidade de viver um outro processo de nascimento. Entendo que a tradição de matriz africana, compreendendo a importância que este processo de nascer de novo possui, institui a iniciação como regra básica, dando-lhe, inclusive, a “qualidade de sagrado”. O papel da mãe-criadeira é uma evidência da complexidade e da organização desse sistema, já que, semelhante à mãe “comum”, ela é também tomada por um profundo sentimento de identificação com os iniciados que passa a criar. Podemos dizer que, em sua prática de cuidados, a criadeira cuida não só da alimentação, das roupas, do fazer companhia aos iaôs, mas, e sobretudo, da pessoa do iniciado como um todo, de seu corpo, assim como de sua interioridade.

Para dar a elas a palavra e compreender a natureza do vínculo que se cria, vou começar por dizer que faz parte do dia-a-dia dos iaôs “recolhidos” tomar banho ritual muito cedo, antes do nascer

¹⁰⁸ Essa identificação está relacionada a um operador básico que é a ancestralidade, que, por sua vez, integra a origem mítica, portanto sagrada, e a origem histórica, portanto cultural. Ser de uma nação é pertencer a uma terra, a uma cultura, a uma raiz sagrada e humana.

¹⁰⁹ Assessores diretos da mãe ou do pai-de-santo.

do sol. A mãe-criadeira, portanto, acorda antes de seus iaôs, vai à cozinha e deixa preparado o *dengué* (mingau ritual). Volta ao “quarto do axé”¹¹⁰ (*rondemil/bakisse*) e começa, com cuidado, a acordar seus filhos. Como diz Mãe Obasse:¹¹¹ “Na hora de acordar o iaô, tem que ter cuidado, para ele não assustar...” Segundo ela, é necessário chamar-se o iaô pelo nome ritual, baixinho... Exemplificava-me ela, num quase sussurro: “Iaô de Oxum..., iaô de Ogum..., *dofono...*, *dofonitim...*” Mãe Estelita sempre tinha um modo especial de acordar os seus filhos, dando-lhes toques leves na sola dos pés, chamando seus nomes rituais, pedindo que acordassem, aproximando-se deles e abençoando-os!... Como representantes de uma maternidade ancestral de matriz africana, elas sabem que o campo de liminaridade entre o sono/sonho e a realidade deve apresentar o limite, aqui representado pelo acordar e tomar o banho, mas deve ser mediado pelo cuidado e o afeto... sem invasão.

Após acordados, os iniciados são levados por ela para o banho ritual, que sempre é dado “no tempo”, ao ar livre, em local sagrado no terreiro. Enquanto a comunidade dorme, os iaôs, guiados pela mãe-criadeira, formando “um cortejo”, vão para o banho e voltam para o quarto onde estão recolhidos, já com suas

¹¹⁰ Espaço onde os iniciados ficam recolhidos.

¹¹¹ As falas aqui apresentadas foram colhidas por mim para um trabalho acadêmico e por esta razão, naquele momento, os nomes reais das mães-criadeiras foram substituídos. Incentivado pelas organizadoras deste livro, como forma de prestar a devida homenagem a elas, por sua dedicação, generosidade e sabedoria, gostaria de evidenciar que Mãe Obasse era Geni Onório da Silva, *Aunkokelê*, filha de Zazi (Xangô), que foi para o *Orum* em 1991. Mãe Cota era Iraci Onório da Silva, *Makota Jingüê*, filha de Kavungo (Obaluaie) e que Olorum chamou em 1998. Mãe Carê é Iriguai Onório da Silva, Mãe Nini de Oxum, hoje Ialorixá. Estas três mães-criadeiras, irmãs consangüíneas, foram filhas-de-santo do Babalorixá Mirinho D’Oxum (Nilópolis, RJ), filho-de-santo de Rufino do Beiru de Salvador, Bahia. Mãe Estelita era Mãe Firmina de Iemanjá, que Olorum chamou em 1989, e a quem dedico este trabalho. Ela foi, por 24 anos, mãe-criadeira em minha casa de santo, terreiro do Babalorixá Zezito de Oxum (Caxias, RJ), filho-de-santo de Severiano de Logun Edé da Plataforma, Salvador, Bahia.

roupas trocadas e secas, por ela anteriormente lavadas e passadas. O mais rápido possível ela corre para a cozinha para trazer o *dengué*, porque sabe que, além da fome, seus iaôs precisam ser aquecidos, já que o banho ritual tem a temperatura ambiente, sendo, às vezes, bastante frio.

Dependendo do tempo que levou esse processo e do número de iaôs recolhidos, a criadeira pede que eles durmam um pouco mais e ela mesma volta a dormir até que o dia amanheça. Essa prática diária permanece até o “dia do *orunkô*”, ou “dia do nome”, chova ou não, faça frio ou calor. Diz Mãe Estelita sobre esse cotidiano:

O que eu penso é aquilo adaptado, que eu tenho que acordar às quatro horas da manhã, tenho que fazer o denguezinho, deixar as roupinhas limpinhas, se o iaô precisar de alguma coisa eu fazer. Você sabe como é, a comidinha é comigo, a rezinha da comidinha é comigo...

Podemos observar no falar de Mãe Estelita que, ao utilizar o diminutivo para se referir às suas práticas de cuidado, uma linguagem que as mães têm com seus bebês, evidencia como “sente e compreende no seu interior” a forma de cuidar de seus filhos que estão sendo criados/gestados.

Quando amanhece o dia, a criadeira, novamente, acorda antes dos iniciados para preparar o café da manhã ritual. Mãe Cota comenta assim suas atividades:

Acorda cedo, dá o banho, depois vê se tem alguma roupa para colocar de molho, aí vai ver o chá.¹¹² Vai rezar. Aí nessas alturas já tem que apressar para fazer a comida dos iaôs, antes que eles comecem a bater paó (palmas rituais) pedindo o almoço.

¹¹² Forma como é comumente chamado no terreiro o que aqui nomeei de café da manhã.

É parte do processo iniciático um momento do dia dedicado às “rezas rituais de fundamento”. Elas são “puxadas”, proferidas, em dialeto africano, pela mãe ou pelo pai-de-santo, no espaço onde os iniciados estão recolhidos. Duram em torno de 50 minutos e, como o nome evidencia, são reconstrutoras do alicerce individual e coletivo do grupo, porque um momento de reatualização e transmissão da memória e ancestralidade comunitária. Acompanhando seus filhos está também a criadeira.¹¹³ Continua Mãe Cota: “Vem a rotina e a tarde passa rápido, e vem o café da tarde e o jantar, e vem o defumador e vem a reza; quando chega dez horas da noite, que acabou tudo, você tem vontade de desmaiar.”

Apesar de ser um dia intenso, as mães-criadeiras vivem esse período com carinho, o que fica muito evidente em suas falas. Diz Mãe Carê:

Quando eu crio um barco,¹¹⁴ eu fico muito apegada. Pra mim é a mesma coisa, eu tomo aquela pessoa como um filho meu. Meu dia é todo em torno deles (os iaôs). Eu pegava e levava meus filhos pra roça, pra eu poder cuidar de todos ao mesmo tempo.

Conta Mãe Estelita:

A pessoa (o iniciado) vai entrando pra casa e a gente recolhe e a gente cria, a gente tem uma amizade igual, mesmo os nossos filhos de sangue. A coisa é mesma assim, você se levanta cedo, você lava tudo direitinho, você cozinha tudo direitinho, a gente não faz comida assim, assado, talvez o iaô não saiba, mas é porque tem que ser aquela mesma. Este negócio de iaô prende muito a gente.

¹¹³ As rezas de fundamento podem ocorrer depois do banho da madrugada, ou em outro momento durante o dia, já que cada nação tem seu próprio formato ritual.

¹¹⁴ Barco é a forma como chamamos no terreiro um iaô ou um grupo de iaôs recolhidos para iniciação. Criar um barco é cuidar de um ou de um grupo de iaôs.

Termos como “eu fico muito apegada”, “eu levava meus filhos pra roça” (para o terreiro), no dizer de Mãe Carê, ou como “este negócio de iaô prende muito a gente”, exprimem um mesmo sentimento de ser capaz de abrir um espaço em suas vidas, em suas interioridades, para receber e criar os novos filhos.

A iniciação tem como um dos seus pontos importantes o “dia do nome”, quando, simbolicamente, se processa o parto comunitário do iaô em presença da comunidade e de convidados adeptos da tradição do terreiro, ou não. Numa celebração ritual, os iaôs serão trazidos por “um cortejo” organizado e orientado pela mãe ou pelo pai-de-santo, mas “puxado”, guiado, pela mãe-criadeira. Compreendo que o “cortejo”, simbolicamente, representa um cordão umbilical comunitário, já que os iaôs estão pela primeira vez “sendo paridos” do quarto do axé e trazidos para a vida comunitária. Este “cortejo” é encabeçado pela *Yiá Oju Bi Onan*, que intermedeia o encontro dos iaôs com o mundo “abrindo o caminho de seus filhos para o nascimento”. Entendo que esta cerimônia é envolvida de cuidados especiais, porque os iaôs estão, simbolicamente, nascendo, e, portanto, convivendo com o limite natural de separação do campo gestacional que é a comunidade. Como “bebês”, frágeis, necessitam de um processo de acolhimento e proteção para que esse momento seja registrado como uma vivência sem encontros inesperados, sem ruptura da continuidade de existir e, portanto, sem traumas. Entendo também que o processo de iniciação permite aos iniciados a construção de uma vivência de segurança, de pertencimento, de sustentabilidade subjetiva. Essa vivência pode no futuro ser acionada quando situações conflitantes naturais da vida forem experienciadas e provocarem situações de vulnerabilidade. A qualidade do vínculo que se estabelece pode ser percebida na emoção comentada pelas criadeiras com relação ao “dia do nome”. Diz Mãe Carê:

O dia da “saída” é o mais bonito, mas é o pior dia. Eu fico emocionada e fico preocupada. Nesse dia não tem mais nada que me envolva, eu fico o dia todo ligada nisso. É muita emoção. Eu faço questão, eu tenho orgulho de trazer o iaô para o barracão. Depois do nome eu me sinto uma pessoa tão maravilhada quanto a mãe ou o pai-de-santo, eu me sinto mãe-de-santo. É como ter um filho passando de ano, ou no vestibular, ou se casando. É o mesmo sentimento de ganhar na loteria.

Ouçamos Mãe Estelita:

Eu acho importante a hora do nome. Meu filho, eu fico tão tensionada! Isso acontece com todos, porque todos são meus filhos, eu considero assim, são os meus filhos! Então eu fico muito feliz, assim na hora que eles “saem”, assim todo bonitinho, todo arrumadinho, que dá o seu recado bonitinho, eu me sinto muito feliz...

A qualidade de sagrado que é dada pela tradição do terreiro a essa celebração do ato de nascer, impregnada que está de cuidado e respeito, é introjetada pelas mães-criadeiras e evidenciada quando falam, como Mãe Carê, sobre emoção, preocupação, orgulho, o fato de passar no vestibular, ver um filho se casando, ou ainda quando Mãe Estelita nos mostra sua felicidade de ver cada um de seus filhos “sair”, ou nascer... Porque, na democracia afetiva de seu coração e sua interioridade, não importam cor, idade, gênero, escolha sexual; o envolvimento, como ela esclarece, “acontece com todos, porque todos são meus filhos, eu considero assim, são os meus filhos”.

Essa lógica de um “saber cuidar”¹¹⁵ e respeitar o humano e a vida que é recriada e transmitida em comunidades de terreiro pode ser também observada em uma experiência vivida por

¹¹⁵ Aproprio-me aqui do título do livro de Leonardo Boff *Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

mim, no *Ilê Omi Oju Arô*.¹¹⁶ Naquele dia, como a tarde estava quente e abafada, o grupo que participava da oficina decidiu que nosso encontro se daria sob a sombra do pé de Iroco. A Ialorixá da Casa, Mãe Beata de Iyemonja — uma mulher negra, baiana, e que antes de abrir seu barracão foi mãe-criadeira em importantes casas de Candomblé do Rio de Janeiro — seus iaôs, egbomis, ogãs e equedes presentes, e nós, componentes do projeto, um pouco seus filhos também, nos acomodamos fazendo um círculo em torno da árvore sagrada onde habita o Orixá Iroco.

Alguns momentos depois de começada a oficina, no colo de sua mãe, veio fazer parte do círculo a bisneta de Mãe Beata, bebê de mais ou menos dois meses de nascido, que estava vindo pela primeira vez ao terreiro. Depois de algum tempo da chegada da mãe com o bebê, Mãe Beata se ausenta do grupo por instantes e retorna trazendo em suas mãos um travesseiro grande e um balaio, dos que costumamos usar para “presentes” de Iemanjá e Oxum.¹¹⁷ Sem interromper a oficina, senta-se em sua cadeira, coloca o balaio ao seu lado no chão e, no interior dele, repousa o travesseiro, ajeitando-o com cuidado para ficar bem nivelado. A seguir pega o bebê, que dormia no colo da mãe, coloca-o com delicadeza sobre o travesseiro e volta a se dedicar ao que continuava sendo apresentado por um dos membros do projeto. Percebi que os filhos da casa acompanharam com “sutil comção”, um misto de interesse e satisfação, o comportamento da Ialorixá.

¹¹⁶ Essa vivência ocorreu em 2003, num dos dias em que a equipe do *Projeto Atô-Ire: Religiões Afro-Brasileiras e Saúde*, do qual eu fazia parte, desenvolvia uma oficina de capacitação em saúde integral, nessa casa de axé.

¹¹⁷ Faz parte do ciclo anual de atividades do terreiro dar “presentes” a Iemanjá e Oxum. Esses presentes constituem-se de flores, perfumes, sabonetes, pentes, espelhos, bonecas pequenas, bilhetes de agradecimento, ou pedidos. Os presentes, que são semelhantes, variando em sua cor — amarelo e branco para Oxum e branco, verde-água e azul bem claro, para Iemanjá — e preparados em celebração ritual no terreiro, são postos em balaio e levados pela comunidade para serem colocados no mar, quando dedicados a Iemanjá, e no rio, quando dedicados a Oxum.

Porque tomado pelo mesmo sentimento, terminada a oficina, perguntei a alguns dos filhos de Mãe Beata presentes como tinham compreendido e sentido o que acontecera momentos antes. Obtive então, como resposta, que aquela era uma atitude comum de Mãe Beata para com os bebês da comunidade, fossem eles filhos dos filhos-de-santo ou parentes consangüíneos dela. Segundo disseram, ela sempre pegava seu próprio travesseiro, e/ou suas almofadas, para aninhar os bebês que chegavam ao terreiro, os quais ficavam sob sua guarda e atenção, enquanto as mães se ocupavam com suas tarefas. Verbalizaram também a satisfação que o comportamento dela lhes trouxera, sentindo-se muito bem com essa forma de cuidado da Ialorixá, reforçando que “era mesmo mãe de cada um de seus filhos”.

Essa experiência mostra que Mãe Beata, sempre mãe-criadeira, por ter introjetado nela mesma o saber da tradição negro-brasileira, nos ensinou como criar uma atmosfera de acolhimento e respeito, construindo uma vivência de continuidade e tranqüilidade para o bebê e, diria eu, para os “eu/bebê” de cada um dos filhos presentes. Entendi o travesseiro como metáfora do seu próprio corpo e de sua atitude como um “saber cuidar”. Entendi também que, nesse momento único e particular, através da figura da Ialorixá, se reatualizava uma lógica do saber de matriz africana — a mesma que cada um de nós, filhos desta tradição, teve a possibilidade de viver no momento em que foi recolhido e gestado no quarto de *axé/ronkó/bakisse* durante o período de nossas iniciações. Compreendi que, ao presenciarem essa atitude, os filhos-de-santo ali presentes puderam acessar e reviver seu próprio tempo de iaôs/bebês durante sua feitura de santo, se nutrir daquela lembrança e reforçar um campo de sustentabilidade subjetiva. Essa vivência, que chamei de “sutil comoção”, e que fez com que o tempo parasse um pouco para cada um de nós, certamente nos remeteu para momentos arcaicos de nossa própria relação mãe/bebê, e permitiu que em nossa “volta” estivéssemos mais fortes e integrados.

Tal vivência, que não foi falada, mas intensamente vivida, é parte de uma lógica segundo a qual não se vive só pela racionalidade, mas também pelo sentir, pelo perceber, sobretudo pelo trocar. Entendo que o encanto, o mistério que se processa na interioridade das mães-criadeiras, que se explicita e traduz através de suas práticas de cuidado, acolhimento e limite adequado, que faz com que elas desenvolvam uma profunda capacidade de identificação por seus iaôs/fetos e seus iaôs/bebês, está na lógica que constitui a visão de mundo do saber do terreiro. Um saber trazido por homens e mulheres africanos, que foram a força de trabalho que construiu grande parte do país em que vivemos e que ainda hoje, depois de alguns séculos, é capaz de nos apresentar formas dignas de ser e viver. Entendo que essa forma de ser e viver que institui o cuidado, o respeito e a celebração da vida, dando qualidade de sagrado a processos do existir, como o nascer, o amadurecer e o morrer, ancora-se numa lógica de matriz africana que está viva nos terreiros. Essa lógica mostra que a vida só pode se processar a partir de uma cadeia ecológica de trocas, ressarcimentos, reparações, em que cada elemento do sistema, numa parceria inter-relacional, é não só necessário, mas fundamental para a manutenção do todo.

Para terminar, vamos ouvir e guardar os ensinamentos de Mãe Estelita, nos mostrando como compreende e vive o processo de feitura de iaô: “Eu acho que é assim. É um umbigo, não é? Meu e dele (o/a iaô). Ele porque recolhe, eu porque crio.”

Em sua generosa e sutil sabedoria negro-brasileira, Mãe Estelita nos ensina que só é capaz de falar em “umbigo”, em “recolher” e em “criar” quem teve a capacidade de se dispor a ser uma interioridade placentária, uma rede de sustentação, um campo fértil e generoso para o desenvolvimento de sementes, potencialidades e subjetividades...

Decifrando o Candomblé Bantu

*Anselmo José da Gama Santos (Minatojy)*¹¹⁸

*Taata dya Nkisi*¹¹⁹

1. Candomblé: o chamado

As religiões de matriz africana, adaptadas à realidade brasileira, têm singularidades que as fazem únicas, em sua forma, no mundo. Vou falar aqui ressaltando a cultura Bantu, dos Candomblés de Angola/Congo, a que dedico minha vida religiosa há 30 anos.

Para podermos entender melhor a cultura africana, é preciso que deixemos de lado alguns conceitos que herdamos da cultura ocidental, precisamente a portuguesa, que é totalmente oposta à cultura africana no que diz respeito aos valores que construímos religiosamente, e também aos que utilizamos para o nosso crescimento e amadurecimento durante a vida.

Primeiramente temos que entender que o indivíduo não escolhe a religião do Candomblé: sabiamente o *Nkisi* (nomenclatura das divindades na cultura Bantu) já é designado por *Nzambi* (Deus Supremo) determinando o *ufulame* (destino) de cada ser humano na Terra. Partindo desse princípio entendemos, então, que existe uma grande diferença entre o “ser” e o “querer ser”.

¹¹⁸ MINATOJY é o nome que recebi religiosamente após a iniciação. Para nós da cultura Bantu (Congo/Angola) o processo iniciático significa renascimento; logo, precisamos de um novo nome para podermos assumir nossa nova vida religiosa. Fora do Candomblé, civilmente, me chamo Anselmo; dentro do Candomblé, religiosamente, me chamo Minatojy.

¹¹⁹ TAATA DYA NKISI é a forma de se chamar pai-de-santo ou sacerdote em língua Kikongo.

Enquanto aquele que é escolhido nem se apercebe da situação, “sintoniza com a alma do infinito acreditando naquilo que faz e não no que julga conveniente”, aquele que “quer ser” “busca a satisfação do próprio ego, quer ter o que não possui, ser o que não é, engana e mente por doença da alma.”¹²⁰ Logo, os seguidores do Candomblé não acham a salvação na sua religião, eles são simplesmente escolhidos pelo *Nkisi* para que sejam instrumentos de transformação e de ajuda aos seus irmãos na Terra, fazendo com que seu compromisso com o outro seja realmente de grande significado e importância para o seu próprio crescimento.

Encontramos com muita frequência, entre os adeptos das religiões de matriz africana, um certo ar de que não estão praticando a religião por escolha própria e sim por imposição das Divindades, mas na realidade o que acontece é que por falta de conhecimento, por falta do hábito religioso africano, e devido à nossa cultura ocidental, não entendemos na sua plenitude as mensagens enviadas pelas Divindades para que possamos aceitar e praticar a religião do Candomblé.

A minha própria história reflete o entendimento equivocado que muitas pessoas têm da religião do Candomblé. Sou o 13º filho de uma família de classe média com valores católicos muito fortes; porém, desde muito cedo, eu vinha tendo algumas sensações que não eram consideradas como aceitáveis para os padrões religiosos da minha família. Como sempre vivi à margem das religiões de matriz africana, apesar de ser afro-descendente de pele parda mais para a branca, a imagem do Candomblé que me passaram era a de uma coisa do mal, marginalizada, suja e perigosa. Com tantos atributos negativos assim, era compreensível que eu tivesse medo daquelas sensações, muitas vezes achando

¹²⁰ Essas palavras são de um texto que li e que aplico em minha vida. Intitula-se “Sábios e sabidos”, e consta como sendo de autor desconhecido.

que eu era realmente uma pessoa do mal, e que estaria sujando minha família ao aceitar a religião do Candomblé. Mas a sabedoria que existe no *Nkisi* não tardou a esclarecer as minhas dúvidas e, quando eu menos esperava, ao visitar a casa de um amigo seguidor do Candomblé, para minha surpresa fui tomado pela energia de *Dandalunda* (Senhora das águas doces) que, de uma forma contundente, jogou-me ao chão num transe fortíssimo, manifestando sua intenção de ser iniciada e de que a partir daquele momento o meu corpo seria a sua mais nova forma de contato com seus seguidores na Terra. Minha iniciação se deu no ano de 1975.

Como podemos observar, o Candomblé não é uma religião de conversão e sim uma religião de chamamento, pois se não fosse da vontade do *Nkisi Dandalunda* eu jamais entraria para o Candomblé, pois só a minha vontade não seria suficiente para que eu me tornasse iniciado na religião. Outra coisa muito importante de se esclarecer é que na Igreja Católica, por exemplo, você pode escolher o santo de sua simpatia e considerá-lo como seu protetor, na religião evangélica você se converte e aceita um Salvador a partir daquela data da conversão, ao passo que na religião do Candomblé você nasce com o *Nkisi* que Deus lhe concedeu ao nascer.

Todas as pessoas precisam passar pelo processo iniciático no Candomblé, pois a iniciação não é nada mais nada menos do que o equilíbrio das energias da natureza que *Nzambi* lhes concedeu, ou seja, essas energias estão dentro das pessoas em forma bruta, precisando de lapidação para que se tornem um grande e belo *Nkisi*; logo, é equivocado dizer que alguém já nasceu iniciado ou que alguém não precisa ser iniciado, seja por que motivo for. Isso não é verdade, pois os laços de irmandade verdadeiramente se estabelecem com a energia das mãos de quem vai iniciar o indivíduo. Por esse motivo a irmandade dentro das religiões de matriz africana é mais forte, pois, enquanto nas outras religiões

as pessoas se consideram irmãos por serem pressupostamente filhos de um mesmo Deus, no Candomblé a proximidade é maior pois somos filhos da mesma *Mão*. É nesse solene momento da iniciação religiosa que se dá o maravilhoso encontro do *Nkisi* com seu Filho para que, através dessa relação, se concretize uma filiação divina com as bênçãos de *Nzambi*, deixando claro que o Candomblé, acima de qualquer coisa, é uma religião comunitária e uma religião de troca, pois todos precisam de todos indistintamente.

Para os seguidores do Candomblé, a iniciação significa um renascimento. Por isso, nos Candomblés de Angola/Congo, todo iniciado recebe uma *dijina*, ou seja, um nome religioso na língua falada nessas nações, geralmente Kikongo ou Kimbundo (as mais conhecidas), para que ele seja realmente um novo ser. Através da iniciação, com todos os ritos pertinentes, os indivíduos iniciados passam a contar com uma proteção que faz com que outras energias (espíritos de mortos, entidades negativas, cargas negativas, etc.) não se utilizem do corpo daquele iniciado sob nenhum pretexto, devendo apenas ser possuído pela(s) divindade(s) para a(s) qual(is) ele(a) foi iniciado(a).

2. Candomblé: uma relação de amor

Após o processo de iniciação passamos a manter uma nova relação com nosso *Nkisi* e com nossos irmãos, pais, madrinhas, mães-pequenas, mães-criadeiras e todas as demais pessoas com as quais manteremos uma relação religiosa durante o resto da vida; afinal, Candomblé não é apenas para uma parte e sim para toda a nossa vida.

Nossa religião conta com um forte código de ética, padrões hierárquicos definidos e muito amor e respeito pelas atividades que desenvolvemos. Apesar de propagarmos uma cultura oral, esses valores estão implícitos nas relações desenvolvidas entre os seguidores e o Terreiro. Essa relação deve sempre ser vista como

forma de humildade e nunca como submissão, pois os adeptos do Candomblé são livres para pensar, sem precisar se submeter aos caprichos daqueles que deturpam nossa cultura visando seu próprio ego.

Essa forma de se manter a tradição da cultura africana muitas vezes é mal interpretada até mesmo pelos próprios seguidores do Candomblé, na medida em que fazem um paralelo entre as culturas ocidental e africana e muitas vezes interpretam valores de forma indevida. Por exemplo, para a cultura ocidental herdada por nós, onde existe música, dança e comida existe uma festa, mas para a cultura africana do Candomblé a música é sagrada e tem a finalidade de chamar as divindades, a dança é uma forma de rezar com o próprio corpo e a comida é a forma de o *Nkisi* interagir com a comunidade, pois, além do alimento do espírito, o Candomblé proporciona o alimento para o corpo físico, e em vez de uma festa temos uma celebração religiosa. Dessa forma podemos perceber que as diferenças são sutis, porém, muito importantes para o entendimento dos ritos que são praticados em nossa religião. Acredito sinceramente que não exista outra forma de expressão religiosa que acolha o ser humano com tanta magnitude quanto a religião do Candomblé. Aqueles que obtêm a graça de conviver num terreiro de Candomblé são pessoas privilegiadas por participar diretamente do processo de construção da identidade religiosa de tantas quantas forem as pessoas iniciadas naquele terreiro. É de extrema importância e crescimento pessoal, para você, poder participar do nascimento e crescimento religioso do seu irmão. Muitas vezes você fica surpreso ao ver o crescimento do outro de uma forma tão intensa que naquele momento você entende perfeitamente o sentido da iniciação como uma forma de renascimento.

O que também confunde muito as pessoas no que diz respeito ao entendimento do Candomblé é a relação de afetos que todo ser humano carrega em si. Dentro do Candomblé apren-

demos a praticar o amor fraternal, o amor de irmão, o amor de filho, o amor de pai e não o amor carnal ou sexual, que dentro da hierarquia do Candomblé não é tolerado entre seus seguidores. A relação sexual entre irmãos, pais e/ou parentes mais próximos de santo é considerada incesto e uma grande ofensa às divindades que zelam por nossa vida. Este é um ponto de questionamento dentro do Candomblé, pois Candomblé é uma religião extremamente receptiva ao ser humano. Para o Candomblé não importa a sua condição sexual, importa apenas que você seja um ser humano e que se dedique e ame o *Nkisi*; porém, muitos seguidores do Candomblé interpretam essa regra de forma tão simplória e equivocada que acabam por trazer sua sexualidade para dentro do Candomblé, e em muitos casos causando desequilíbrio para os terreiros, pois o Candomblé, apesar de receptivo, de forma alguma é permissivo ou admite a convivência religiosa com promiscuidade.

Os laços entre um iniciado e seu *Nkisi* são definidos pelo próprio iniciado, sendo da responsabilidade deste todas as informações recebidas durante seu período de confinamento para o procedimento da iniciação. O Candomblé não tem pretensão de se fazer a melhor religião para as pessoas; cada pessoa deverá fazer do Candomblé a melhor religião para si. As obrigações que são imputadas aos iniciados (um ano, três anos, sete anos, 14 anos e 21 anos) de forma alguma conferem ao detentor dessas obrigações o grau de sacerdote. Essas obrigações são inerentes a todos os iniciados; entretanto, no decorrer do caminho, existirão aqueles escolhidos para dar continuidade à tradição religiosa, tornando-se dessa forma um sacerdote ou uma sacerdotisa da religião de matriz africana, o que comumente se chama em nossa sociedade de pai-de-santo ou mãe-de-santo. Para essas pessoas, o preparo religioso, equivalente ao de um padre ou pastor, que freqüentam um instituto de teologia até sentirem-se prontos, é o aprendizado no terreiro do qual o sacerdote se origina. É ali,

junto aos seus mais velhos, que elas vão amadurecer espiritualmente e pessoalmente para poder então sentir-se preparadas para enfrentar os desafios que o sacerdócio certamente as fará enfrentar a cada dia.

Os indivíduos são sagrados sacerdotes da religião e não profissionais do Candomblé. Hoje, devido ao mercantilismo galopante, à falta de conhecimento, à falta de valores éticos para manter uma tradição religiosa, temos o desprazer de assistir ao derrame de informações falsas, previsões falsas, imaturidade pessoal e espiritual em diversos pseudo-sacerdotes de nossa religião que, muitas vezes, atrás de cinco minutos de fama ou por qualquer punhado de dinheiro vendem nossa tradição, maculam a imagem de uma religião pela qual nossos antepassados sofreram tanto, inclusive dando a própria vida, para defendê-la e trazê-la até os nossos dias. Entretanto, os laços de amor sempre acabam falando mais alto e essas pessoas, que não constroem uma base religiosa sólida e que são imediatistas, acabam sumindo tão inesperadamente como surgiram.

Outro elemento do Candomblé que é objeto de muita curiosidade e de muita mistificação é o Jogo de Búzios. Esse oráculo é um instrumento recebido religiosamente pelo Sacerdote (que tenha nascido com o dom da visão) através de obrigações próprias e que o auxilia nas suas batalhas diárias em favor do ser humano. Para que o cidadão possa ter sucesso em sua missão jogando os búzios, é necessário, além do aprendizado teórico que se tem no Candomblé, que sua espiritualidade esteja abençoada pelos *Bankisi* (plural de *Nkisi*), para que realmente possa ajudar os seres humanos que o procurarem, funcionando como intermediário entre o nosso mundo físico e o mundo dos *Bankisi*. É um grande equívoco que pessoas sem o mínimo de respeito, amor e carinho pela religião, e sem o conjunto “Aprendizado-Dom”, possam utilizar esse instrumento de forma tão enganosa, o que certamente tem contribuído para manchar nossa reputação, ao

tratarem o Jogo de Búzios de uma forma vil e perigosa, causando desconfiança nas pessoas e reforçando o estigma negativo que ainda paira sobre as religiões de matriz africana. O que falta a essas pessoas é o elemento principal que move todos os valores do Candomblé: *amor e conhecimento*. Sem isto, as atividades desenvolvidas não têm sucesso.

3. Cultura Bantu e Caboclos

A cultura Bantu foi a primeira cultura africana a desembarcar no Brasil a partir do século XVI. Esse povo, que se tornou sofrido com a perda de seus valores religiosos, de sua fé, de seus bens materiais, e que foi tratado de forma desumana, absorveu a cultura local de forma harmoniosa — pois visando amenizar a dor da escravidão, todos os conhecimentos culturais e religiosos eram divididos com os indígenas, que eram os nativos do Brasil, ou seja, os donos da terra, com quem os povos Bantu passaram a manter uma relação cordial e fraterna. Dessa amizade surgiu uma grande troca de conhecimentos, na medida em que a cultura ameríndia é muito parecida com os ritos africanos, e logo houve um reconhecimento entre seres de continentes diferentes, mas que amavam e cultuavam as mesmas divindades da natureza: Lua, Sol, chuva, rios, cachoeiras, matas, trovões e mais um sem-número de trocas que foram praticadas entre os negros africanos e os índios brasileiros.

Durante muitos anos a cultura Bantu foi relegada ao esquecimento, sob o pretexto de que não tínhamos cultura própria, língua própria, rituais próprios, que tudo o que tínhamos era emprestado da cultura Yorubá. Essa má versão da história deve-se a um pequeno contingente de antropólogos, sociólogos e historiadores que, ao começarem suas pesquisas sobre Candomblé, detiveram-se num grupo Yorubá, grupo este que começou a chegar ao Brasil a partir do final do século XVIII e, ao chegar, já encontrou consolidada a cultura Bantu.

Hoje, quando os Sacerdotes da cultura Bantu se levantam para mostrar seus valores, basta olhar para a nossa história e verificar quanta herança africana Bantu nós temos, como por exemplo: samba, capoeira, congada, maculelê, maracatu, zampiapunga, entre tantas outras manifestações culturais; o sangue africano encontrado nos afro-descendentes contemporâneos é de origem Bantu; o maior herói da raça negra, *Zumbi dos Palmares*, é de origem Bantu; e por que não lembrar que mais de mil vocábulos oriundos das línguas Bantu hoje estão incorporados à língua brasileira? Sim, língua brasileira, visto que o nosso idioma é muito diferente do português que se fala em Portugal, e esta malemolência encontrada na língua brasileira deve-se também à influência Bantu.

Não bastasse isso tudo, os historiadores e antropólogos já estão descobrindo também a cultura religiosa Bantu, para a qual, sem dúvida, é mais difícil encontrar subsídios para pesquisas do que qualquer outra etnia africana. Hoje, nossos *Ngomas* (atabaques) soam mais alto para louvar os *Bankisi* (plural de *Nkisi*): *Mpoombo Nzila* (Exu), *Nkosi Mukumbi* (Ogum), *Mutalombô* (Oxóssi), *Katendê* (Ossaim), *Nzaze* (Xangô), *Kavungo* (Obaluaíê), *Nsumbo* (Omolu), *Kitembo* (Tempo), *Dandalunda* (Oxum), *Kayala* (Iemanjá), *Bambulusema* (Iansã), *Zumbarandá* (Naná), *Lembarenganga* (Oxaguiã) e *Lembafurama* (Oxalufã). Apesar de algumas correntes do Candomblé de Angola/Congo definirem o *Nkisi* como *Nkisi* e o Orixá como Orixá, ou seja, Oxum é Oxum e Dandalunda é Dandalunda, e assim sucessivamente, sem esforço podemos desmistificar esse conceito citando o exemplo da palavra água (em português), *water* (em inglês), *omin* (em Yorubá) e *amazã* (em Kikongo), afinal estamos falando do mesmo elemento H₂O, só que nos expressando em línguas diferentes. Dessa forma, todas as etnias africanas e mais a indígena se entenderam de forma completa, reservando a cada uma o direito aos seus ritos próprios.

O Candomblé que praticamos é o Candomblé brasileiro. Por falar nisso, até a palavra que define a religião de matriz africana no Brasil é Bantu: Candomblé é derivada da palavra *Kandombelé*, que significa lugar de oração; logo, não existe no Brasil uma casa de Candomblé que se possa dizer pura, pois todas sofreram interferências de outras etnias. Em cada casa de Candomblé do Brasil sempre existirão elementos de outras etnias, pois foi com a dor da escravidão que todos os marginalizados se aproximaram, se uniram e se socorreram, trocando, dessa forma, informações valiosas para a manutenção da Tradição e da Fé que vingou através do Atlântico e que chegou aos dias de hoje.

Todo o encanto do nosso *Nkisi* uniu-se ao encanto dos rituais indígenas, e através dessa troca existe nos dias de hoje uma grande aproximação da cultura indígena com a cultura do Candomblé; porém, devemos entender que, apesar de muito próximas, as culturas africanas e indígenas são diferentes entre si. Os Caboclos que habitam os nossos Candomblés nos dias atuais são os encantados que representam a mata, a pujança de nossos nativos que morriam mas não se deixavam escravizar e a luta de muitos indígenas para receber e abrigar em suas aldeias os foragidos do esquema covarde da escravidão. Nesse momento as culturas se deparam, interagem e se respeitam, porém, cada uma mantendo a sua tradição.

Muitas pessoas hoje fazem uma confusão com essas culturas, achando que Caboclo tem *Tata* (Ogã), *Makota* (Equede), assentamentos, recebe oferendas animais, entre outras coisas que são peculiares da cultura africana. O Caboclo é autônomo; na cultura indígena não existe processo de iniciação nos moldes da cultura africana. Os Caboclos são representados, no Candomblé, em árvores com grandes laços de tecido estampado. Normalmente sua festa é com muita fruta, raízes, e sua bebida é uma bebida tradicional indígena chamada Jurema. Os Caboclos são os encantados que auxiliam na condução das casas de Candom-

blé, hoje encontrados em todas as nações, porém, com um forte reconhecimento e aceitação nos terreiros de Angola/Congo.

O Candomblé reverencia e respeita muito a presença do Caboclo em nossos terreiros, e esta união é fundamental para o equilíbrio da casa.

4. Candomblé como realização pessoal

Ser uma pessoa realizada e feliz na religião do Candomblé faz parte do meu dia-a-dia. Tive um caminho de muita conscientização para que pudesse amadurecer minha vida religiosa. Hoje agradeço imensamente ao *Nkisi Dandalunda* e ao *Nkisi Tempo* por terem conduzido meu caminho de forma justa e serena, aos meus antepassados Manuel Severiano de Abreu (Jubia-bá), João Alves Torres Filho (João da Goméia) e Altanira Maria Conceição Souza (Mirinha de Portão).

Tenho 30 anos de iniciado no Candomblé e só aos 21 anos comecei a dirigir o Terreiro Mokambo — *Onzó Nguzo Za Nkisi Dandalunda ye Tempo* — no bairro Vila Dois de Julho, em Salvador, na Bahia, terra de uma energia ímpar que me revitaliza a cada situação difícil que se apresenta. Tive tempo de correr atrás do meu sonho: estudar, trabalhar, viajar, passear, para que quando eu fosse chamado à responsabilidade estivesse pronto para dedicar-me ao *Nkisi Dandalunda* de corpo e alma na ajuda ao ser humano. Sinto-me feliz e gratificado em poder representar meu *Nkisi* com responsabilidade e dignidade, ajudando a tantas pessoas que batem à minha porta buscando socorro material e espiritual.

Sou um ser humano privilegiado por poder sentir em mim a energia do Caboclo Pena Dourada, encantado da minha vida que deu o nome à entidade Associação Beneficente Pena Dourada, criada para dar manutenção ao Terreiro Mokambo — através dos associados, das doações e dos projetos sociais que desenvolvemos em prol dos adolescentes, cujos projetos já mudaram

para melhor a qualidade de vida de tantas pessoas — e para que pudéssemos manter nosso Terreiro de forma digna e respeitosa sem mercantilizar nossa religião.

NGEEMBA YA NZAMBI KAKALA YEENO!

(A Paz de Deus Esteja com Vocês!)

Posfácio

Presença de Oxóssi, de encantados e encantadores

Denise Pini Rosalem da Fonseca

Era um vez um reino encantado sobre o qual havia pousado uma imensa e aterradora ave.

A invasora era realmente muito grande, tão pregnantante que cobria com sombra todas as terras e remetia às sombras todas as culturas. E porque fosse tão obscura que tapasse todas as luzes, destruía as colheitas e murchava todo pão. E havia fome e se perdia a esperança.

A ave era realmente pavorosa, tão intimidante que imobilizava todos os aldeãos e dizimava todas as aldeias. E porque fosse tão atemorizante e castradora, obstava todos os diálogos e calava todos os anúncios. E havia solidão e se perdia a devoção.

Mas esse reino encantado estava sob os cuidados de um rei de poderosas providências, quem pronto mandou chamar os seus melhores soldados. Convocado, o caçador das vinte flechas — Oxotogum de Idô — se apresentou, resoluto, para enfrentar a antipática, mas falhou em duas dezenas de intentos.

Chamou então, o mesmo rei, os mais proficientes dos seus protetores. Imediatamente os arqueiros das quarenta e das cinquenta flechas — Oxotogi de Morê e Oxotadotá de Ilarê — lá estavam, para frustrarem e serem frustrados duplamente.

Tudo parecia perecer. Quanto poder! Tanto pesar!

Foi quando o rei, em sua magnificência, fez surgir do seio da floresta um guerreiro de escassos, porém, grandiosos recursos —Oxotocanxoxô de Irém. Apenas uma seta liberou: a única que possuía. O instrumento descreveu uma trajetória precisa e libertadora, exemplar em sua retidão e singela na sua certeza, atingindo o monstro no seu cerne. Ao mesmo tempo que se consumia a besta, e nos céus se abriam incontáveis caminhos para a luz, o guerreiro misterioso voltou para o interior da mata, deixando no seu rastro apenas evidências da sua presença.

...e as aldeias se repovoaram, e os aldeãos se reencontraram, e as culturas voltaram a desabrochar em presença de tanta luz e se anunciava que havia pão e vida para todos.

Viva o rei! E viva o encantador “caçador Oxô, querido por todos”, que no idioma local era o mesmo que Oxóssi.

Tenho viva na memória a voz pungente de Petrô contando esta mesma lenda, não me lembro bem em que ocasião, mas estou convencida de que seria uma apresentação do Projeto Irê Ayó. Por que será que ele, um ogã de Ogum e apaixonado confesso pela filha de Oxum, mentora daquele projeto, escolheria uma passagem de Oxóssi para aquela ocasião?

Claro que já tenho algumas hipóteses, mas antes de falar sobre elas voltemos à floresta e contemos outra lenda, desta vez da tradição ancestral chinesa, já que estamos a fechar um livro de reveladores contos e fabulosas realidades que emanam de muitas tradições religiosas.

Era uma vez uma floresta encantada. Naquela floresta havia um pequeno e solitário leãozinho, um majestoso bebê, cuja família havia sido destruída por um terrível invasor. Sua vida também corria perigo, pois sua inocente imaturidade, agora órfã na floresta, não lhe permitiria resistir aos ataques dos seus predadores. Em sua generosidade, a providência fez com que os caminhos daquele adorável neonato se cruzassem com os de uma família de burros que circundava a floresta. Grande e acolhedora família!

Adotado por pai, mãe e irmãos, nosso leãozinho cresceu em um ambiente de amor, mamou em tetas das quais sorveu ávido o alimento e aprendeu a respeitar os ensinamentos e as disciplinas da família que acreditava ser sua. Dessa maneira, ele circulava sereno entre seus irmãos pelos terrenos onde seus familiares se sentiam mais seguros.

Cresceu assim, um pouco *gauche*, fora de esquadro, coitado, mas bem feliz. Saiu esquisito, inábil mesmo para as coisas de burros, insatisfeito com os pastos, com uma inaceitável aptidão para a caça e uma fascinação quase incontrolável pelas margens de rios. Mas, por respeito à sua família, ele reprimia seus impulsos avessos e se mantinha longe da água e das caçarias.

Um certo dia, estando a pastar junto aos seus, ele foi visto por um sábio leão que passava pelo outro lado do lago que separava a floresta dos pastos. O já idoso animal não conseguiu compreender o que via. Deu um jeitinho, correu até um certo risco, ao se expor aos caçadores, fez a volta no lago e se aproximou do nosso jovem leão.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — e já perguntou novamente, sem esperar pela primeira resposta:

— O que você está fazendo aqui?

O leãozinho, agora um magnífico jovem bem crescido, não entendeu aonde o visitante estava querendo chegar e respondeu que estava com a sua família e que aquele era o seu lugar. Então o leão sábio o convidou a ir com ele até a margem do lago.

Embora não seja fácil levar os burros até a beira da água, surpreendentemente ele aceitou o convite, sem pensar muito sobre o que estava a fazer. Foi mesmo levado por um impulso, uma certa necessidade atávica. Não importa.

Lá chegando, o leão sábio colocou-se bem em frente ao espelho d'água e perguntou:

— O que você está vendo?

E ele respondeu:

— Um leão.

Imediatamente o leão sábio pediu ao jovem leão que se aproximasse um pouco mais e se colocasse bem ao seu lado, e voltou a perguntar:

— E agora, o que você vê?

Ao que ele prontamente respondeu:

— Dois leões.

Então o leão sábio respeitosamente se afastou um pouco do jovem e poderoso leão e disse:

— Agora que você já sabe que é um leão, pode decidir se deseja ou não voltar para a floresta.

E, lentamente, regressou para o interior da mata, deixando no seu rastro apenas evidências da sua presença.

Às vezes, coisas que parecem tão distintas têm tantos e tão relevantes pontos em comum. Este parece ser o caso dessas duas pequenas lendas. Examinemos essas recorrências.

Tanto o reino quanto a floresta eram “encantados”. Ora, “encantar” (do latim *incantare*) quer dizer lançar um encantamento, fazer magia, em essência, “transformar” de maneira misteriosa. Aqueles que foram “encantados” podem estar maravilhados e arrebatados, mas podem também ter sido invisibilizados, estar desaparecidos, escondidos ou escondendo-se. Há invasores que são muito poderosos!

Examinando os nossos contos, seria possível dizer que o guerreiro da flecha certa — Oxóssi — estava encantado na floresta. Também poderíamos dizer que nosso jovem leão estava encantado entre os burros. Em ambos os casos, esse encantamento pode ser entendido nos dois sentidos: o da satisfação e o do recolhimento. Da mesma forma, encantados “eram” os cenários das duas histórias e encantados “estavam” os habitantes do reino e da floresta na presença de grandes perigos. Várias coincidências! Na ficção e na vida.

Na crença de indígenas e caboclos brasileiros, os encantados são seres de poderes sobrenaturais que habitam a Terra ou o céu. Nos candomblés de caboclo do Brasil, “encantado” é a designação genérica das entidades cultuadas. Ao percorrer este livro, é possível sentir que encantados “estão” também os terreiros de Candomblé e casas de Umbanda e seus habitantes. Aliás, antes mesmo de começarmos a organizá-lo, e um pouco por causa disso, já sabíamos que esses terrenos sagrados estão recolhidos nas periferias das cidades, bloqueados por barreiras de temores, invisibilizados pelo preconceito, expropriados por misteriosos mecanismos de desqualificação e satanizados por seitas que buscam submeter, para subjugar, os muitos povos encantados das tradições religiosas afro-descendentes brasileiras. Quanto não haverá custado para muitos desses atenderem a um chamado e seguirem o impulso de aproximar-se de um espelho d’água! Podemos dizer também que encantadoras “são” muitas dessas casas, que acolhem, nutrem e fazem crescer os seus filhos, das muitas maneiras que nos relatam os testemunhos desta obra. Outras coincidências mais!

O tom testemunhal é a principal recorrência deste livro. Todos os textos partem da experiência de Deus vivida e vivenciada pelos seus autores nessas casas encantadoras e encantadas. São doze testemunhos de fé, uma feliz coincidência com a minha própria casa, onde também são doze as testemunhas oculares da presença de um Salvador e da importância de uma família. Seria possível afirmar, então, que este livro tem uma dimensão de apostolado, nos três sentidos da palavra, ou seja: a *missão* de cada um dos apóstolos; o próprio grupo dos convertidos que oferecem *testemunho*; e o *anúncio* em si dos seus credos e doutrinas em busca da propagação da fé. Esta é a chave de leitura desta obra.

Mas voltemos momentaneamente à floresta, a segunda grande recorrência do livro. Na psicanálise, a imagem da floresta

é representativa do inconsciente individual e coletivo. A floresta é sempre sombria, no sentido de que guarda muitos espaços que ainda não foram adentrados e que, por esta razão, permanecem desconhecidos, em estado bruto e inacessíveis ao controle humano. Ela é por natureza sigilosa, pois guarda segredos importantes que não devem ser revelados. Dessa maneira, mantém com o sagrado uma relação de intrínseca afinidade. Por todas essas razões, ela desperta fascinação e temor, tanto quanto nossos sentimentos mais profundos e atávicos nos surpreendem e amedrontam. Mergulhar na floresta significa renunciar ao controle das emoções, deixar-se levar pelo imponderável, expor-se ao ataque de um outro selvagem e perigoso que aí vive, e que é predador do eu por natureza. Mas adentrar o inconsciente significa também entrar em contato íntimo com os muitos eus profundos que habitam a floresta obscura do nosso ser, ao nos expormos indefesos aos nossos próprios medos e tensões inatas.

É na floresta que vivem Oxóssi — *Mutalombô* para os povos bantu — e os caboclos encantados. No seio de florestas brasileiras se formaram quilombos históricos que inspiram hoje quilombos simbólicos. Talvez por essa razão Petrô tenha escolhido falar desse ser encantador, sendo o tema a educação. Nelas havia antes aldeias de seres nativos que foram cruelmente “encantados”, e que hoje se apresentam nas casas de Umbanda, de Jurema, de Candomblé Bantu e em muitas outras. Por ser o senhor da floresta, Oxóssi pode ser tomado como sinônimo dela: Oxóssi é a mata, e a floresta, quando encantada, é Oxóssi. O mesmo se poderia dizer em relação aos “encantados” da encantaria brasileira. Não é à toa que nas nossas duas lendas a salvação, que em ambas é sinônimo de libertação, vem da floresta.

Mas a presença da floresta por meio dos seus sinônimos é ainda mais tangível nesta obra. Ela pauta a vida espiritual de Pai Geraldo em São Paulo e de Mãe Stella em Salvador, quem se encarregou de meter na floresta encantada do Candomblé Nagô

o primeiro, Petrô e Vanda. Com as águas que fluem dos olhos de Oxóssi, Mãe Beata batizou a casa de Candomblé de nação Ketu que construiu na Baixada Fluminense e onde, vez por outra, Marco Antonio trabalha. Mutalombô está também no terreiro de Candomblé Angola/Congo do qual se ocupa Pai Anselmo em Salvador, onde os Caboclos ajudam a dar equilíbrio à casa. Encantado sob a forma de um anjo libertador — Miguel Arcanjo — um dos seus sincretismos, Oxóssi também batiza a casa de Umbanda que Das Dôres mantém em Niterói, de onde seis dos nossos apóstolos se enunciam.

Estamos falando das evidências encontradas no rastro da presença de seres encantados e encantadores, que se deixaram ver, mas voltaram à floresta à qual pertencem. Nas histórias de muitas religiões, é comum encontrar relatos de seres dessa ordem, que habitam momentaneamente entre os homens para cuidar da salvação do reino, deixando no seu regresso à casa devotados apostolados de fé.

Tratemos de outra importante recorrência das lendas e do livro. Há famílias nas nossas duas lendas. A primeira é uma família de caçadores — os Oxôs — seres da mesma linhagem, porém, oriundos de muitos lugares. A segunda é uma numerosa e acolhedora família de burros.

Examinemos primeiro a dos caçadores. Na tradição nagô, a importância de Oxóssi e de outros orixás caçadores — Erinle, Logun Ede e Age — é de três ordens. A primeira é material, pois ao ser aquele que caça é ele quem garante o alimento, ou seja, ele significa “pão”. A segunda é de ordem médica, pois na mata ele é muito querido pelo senhor das folhas medicinais e rituais, de quem recebe poderes especiais; em outras palavras, ele promove “cura e libertação”. Sua última dimensão de importância é social, pois ao incursionar na floresta, ele abre e conhece os caminhos e sabe onde estabelecer novas roças e aldeias — se preferirmos, terreiros e quilombos. Ou seja, ele também significa “proteção e

abrigo”. É dessas qualidades que nos fala a sua lenda. De maravilhas como essas nos deram também importantes testemunhos doze apóstolos de um Rei. De vivências dessa ordem nos falam todos os textos desta coletânea e, particularmente, aqueles que conformam a seção “Testemunho”.

A outra família é a dos burros, cuja característica mais surpreendente é a sua capacidade de acolhimento. Compassivos e desinteressados, esses animais ofereceram o seu melhor — aconchego e afeto — apenas para que se sentisse bem um ser que, embora de outra natureza, se encontrava em uma situação de vulnerabilidade e abandono. Para os chineses, as diferenças que existem entre leões e burros não têm os significados hierarquizantes que têm para nós, sobretudo porque nas culturas orientais força e disciplina são virtudes equivalentes, e ambas infinitamente menores que compaixão e caridade, os preceitos maiores daquelas religiões. Dessa maneira, a família de burros para as culturas orientais simboliza exatamente as mesmas coisas simbolizadas pela família de caçadores na tradição nagô: um nicho de nutrição, sanidade, emancipação, acolhimento e amparo. A família que o Deus das culturas ocidentais organizou para enviar seu filho ao mundo, curiosamente tão desamparada que aconchegou seu majestoso bebê em uma manjedoura de animais de trabalho, é uma outra forma de representação desses mesmos conteúdos. Estes são também os principais sentidos dos relatos reunidos na seção “Anúncio”.

Ainda sobre o tema da família, é importante notar que, em ambas as lendas, há uma figura não-protagonista que se destaca no contexto, embora pouco ou quase nada dela se fale. Elas são as responsáveis pelas providências mais relevantes: de um lado o rei, que traz o libertador; de outro a mãe, que amorosamente alimenta e protege o soberano bebê que a providência lhe confiou. Essa figura protetora aparece também ao longo de todo este livro, às vezes apresentando-se de forma encantada, outras

sendo muito real e tangível. Algumas vezes ela se mostra dura e disciplinadora, em outras ela é suave como uma “cosquinha” na ponta do pé. O que importa é que ela lá está: garantindo a pertença, atribuindo papéis, reafirmando preceitos e assumindo todas as responsabilidades. Gestos de pura compaixão e solidariedade. Gestos maternos em qualquer tradição cultural de que se fale, e independentemente do sexo do ser sobre o qual estejamos falando.

Já que tratamos dos atores não-centrais do nosso enredo, falemos então sobre os protagonistas das nossas lendas; e aí vem a pergunta: o que podem comungar caçadores e leões? O próprio senso comum nos responde que pouco ou quase nada. Mas se olharmos mais de perto, veremos que os nossos dois personagens centrais vivem circunstancialmente deslocados da sua origem, pois ambos foram “encantados”: um para dentro e outro para fora da floresta.

Para aqueles que não sabem, Oxóssi vive recluso na mata porque foi, por amor, encantado por Ossanha, que em contrapartida lhe entregou o poder da cura. Quanto ao “encantamento” que retirou nosso leãozinho da floresta, todos nós já o conhecemos, até porque assistimos a ele na História, quando foi vivido pelos povos das florestas brasileiras, que ficaram “encantados” do outro lado do lago ou no céu. Por bem ou por mal, nossos protagonistas estão em uma situação de afastamento dos seus, e a sua “volta à casa” ocorre sempre por meio de um chamado, seja ele uma situação de emergência, seja uma oportunidade de revelação. Não importa. Também não importa se o chamado se apresenta desde o seu nascimento ou se ele veio muito mais tarde. O que realmente é importante é reconhecer que neles sempre houve uma vocação inata para o regresso, como um elo que foi temporariamente aberto, mas que pôde facilmente se fechar outra vez. Mais importante ainda é quando essa “volta”, que poderíamos chamar de “transformação mágica” ou conversão, assume

a dimensão de missão. Esta é a natureza íntima dos textos que estão reunidos na primeira seção, sob este mesmo título.

Mas este livro não é feito apenas de coincidências. Uma primeira leitura pode nos deixar muito confusos sobre os nexos que existem por aqui. Uma das dificuldades tem a ver com os “encantados” que povoam as histórias de cada uma dessas tradições. Enquanto o Candomblé vai buscar suas referências ancestrais em um passado mítico e remoto, tão longínquo no tempo e no espaço que dele só nos restam lendas e figuras arquetípicas — os orixás — a Umbanda, religião nascida no Brasil a partir da vivência da escravidão e da destruição dos povos nativos, vai buscar seu conteúdo ancestral na História para, a partir dela, construir mitos que nos ajudem a traduzir a experiência de Deus.

O curioso é que ambas as tradições vão se atualizando com base nas vivências concretas dos seus seguidores, construindo novos conteúdos, aprofundando preceitos e fortalecendo laços com os grupos humanos que as sustentam hoje. Tudo isso é muito valioso e está visível nesta obra, que é um verdadeiro testemunho de fé: um apóstolado. Mais valioso ainda é saber que tudo isso tem se dado sob o espectro de poderes nefastos, que pousaram sobre esses reinos, e sob o temor de invasores que ameaçam as roças afro-descendentes em todo o Brasil.

Mas sempre haverá aqueles que sabem criar nos espaços da criação divina, e a fé que emana do Espírito de Deus há de iluminar sempre os seus caminhos. Que lindo terá sido assistir à representação da Paixão de Cristo às margens do Dique do Tororó na Semana Santa de 2005, o último trabalho saído das mãos fazedoras de Petrô. Que coisa maravilhosa esta concepção de um Cristo plural, de muitas culturas e habilidades variadas; cada qual para um momento adequado, cada uma delas para incluir um grupo distinto de gente e todas elas para prestar um testemunho atualizado da experiência de Deus. Mais de 130 atores, todas as cores, todos os credos e apenas um apóstolado: o

diálogo entre as nossas diferenças e o anúncio de uma Verdade maior que nos iguala a todos.

Petrô agora anda “encantado”. Na floresta onde ele agora vive dizem que há fontes de águas purificadoras, de cujos mananciais Deus se serve para nos lavar de tempos em tempos. Às vezes, depois das chuvas, se forma um grande arco-íris que une o Dique com o céu. Eu mesma já vi um desses por lá. Se bem o conheço, o próximo há de ser uma co-produção de Petrô, sempre aproveitando os espaços deixados por Deus, com outros 130 atores “encantados”, abrindo caminhos de luz que levem a nossa compreensão mais longe.

— Petrô, arranje papel pra gente nesse teatro!

Colaboradores

Anselmo José da Gama Santos, *Taata dya Nkisi*, é Bacharel em Secretariado Executivo pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Produtor Executivo, realizou produção de eventos, programas de TV e jornalismo de TV. Desde 18 de janeiro de 1996, quando foi fundado o Terreiro Mokambo, desenvolve exclusivamente atividades ligadas ao sacerdócio em tempo integral.

Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata de Yeomonja é Yalorixá do Ilê Omiojuarô de Nova Iguaçu, RJ. Realizou diversos encontros religiosos, foi mentora religiosa da ECO-92, fundou e mantém diversos projetos sociais. É membro honorário da União Internacional das Religiões; do Movimento Inter-religioso do Rio de Janeiro; da ONG Criola e do Projeto *Ató Irê*. Publicou *Caroço de Dendê* (1997). Recebeu diversas honrarias da Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro e da Prefeitura Municipal de Belford Roxo.

Carlos Osobaróo Petrovich é Adjunto da UFBA (1979). Docente da Escola de Teatro. Diretor Teatral, arte-educador. Tem livros e artigos em revistas especializadas. Seu trabalho recente como diretor teatral incluiu três Cristos negros e um Cristo índio na Paixão em Salvador, apresentado na lâmina d'Água do Dique do Tororó, como uma interferência crítica no mito maior da civilização ocidental cristã: *A Paixão em Salvador*, 2005. Ogan de Ogum do Ilê Axé Opo Afonjá.

Denise Pini Rosalem da Fonseca é arquiteta, escritora, doutora em História e professora da PUC-Rio. Como historiadora, ela vem trabalhando com o tema da resistência social há mais de 15 anos. Foi fundadora do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afro-descendente, NIREMA/PUC-Rio, no qual coordena a linha de pesquisa “História e Cultura Afro-descendentes”. Relacionados a estes temas, publicou *Cooperação e confronto* (2002); *Notícias de outros mundos* (2002, com Tereza M. de O. Lima) e organizou *Resistência e inclusão* (2003).

Geraldo da Conceição Furtado é Babalorisa do Ile Ase Ode Okolo da cidade de São Paulo. Natural de Santo Amaro, na Bahia, foi iniciado por Mãe Stella do Ile Ase Opó Afonjá em Salvador. Filho de Oxossi, ele já trabalhou como cozinheiro, professor de culinária e de panificação artesanal e em administração na área de alimentação. Coordenou evento do Conselho Religioso do INTECAB; é tesoureiro da Comissão Afro-Brasileira de Consciência Negra e Presidente da ONG *Ile Ode*.

Jeline Rocha literalmente nasceu dentro da Casa de Caridade Miguel Arcanjo, filha da Babalorixá Maria das Dôres e do presidente Guy Rocha. Integra o corpo mediúnico desde 1978, sendo médium de incorporação. É jornalista há 26 anos, com experiência em texto, revisão, produção, edição, eventos e ações de endo e exomarketing, em passagens por jornais, tevê, revistas, *sites* e Assessorias de Imprensa, área em que atua há dez anos, os últimos seis coordenando a Comunicação Social da Guarda Municipal da Prefeitura do Rio.

Jorge Moutinho freqüenta a Casa de Caridade Miguel Arcanjo desde o final de 2003, quando começou a descobrir o(s) caminho(s) da Espiritualidade. É jornalista, escritor e professor de redação e português, realizando ainda trabalhos de produção e revisão

de textos para o mercado editorial. “Mestre” em Música, estuda para ser um “doutor” em Língua Portuguesa, e tem especial interesse pelas manifestações da cultura popular brasileira.

Marco Antonio Chagas Guimarães é psicólogo, doutor em psicologia clínica pela PUC-Rio, filho de uma família afro-descendente e do terreiro, iniciado, pesquisador em cultura e saúde da população negra, integrante da Rede Rel. Afro-Brasileiras e Saúde, coordenador do Instituto ORI/APERÊ Psicossomática Psicanalítica. Foi assessor do Projeto Odô-Yá, do Projeto Trupe da Saúde do G. C. Afro-Reggae, do Projeto Ató-Irê e coordenador do Projeto Mãe-Criadeira para gestantes, no posto de saúde da comunidade de Vigário Geral.

Maria das Dôres Rocha sentiu o chamado da espiritualidade aos 14 anos. É a Babá da Casa de Caridade Miguel Arcanjo, que fundou em 1963 com o esposo Guy Rocha, nos fundos da residência simples do casal, no Fonseca, em Niterói, RJ. Desde 1986, a casa funciona em um amplo espaço construído na Região Oceânica da cidade. Auxiliar de enfermagem aposentada há 16 anos e artista plástica há 23, Das Dôres dedica atualmente todo o seu tempo à Casa de Caridade e à obra social que dirige.

Mario de França Miranda é sacerdote jesuíta. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), Membro da Comissão Teológica Internacional do Vaticano (1992-2003), autor de vários livros e artigos, sobretudo na área da Antropologia Teológica, da Teologia das Religiões e da Inculturação da Fé. Atualmente é professor de Teologia na PUC-Rio.

Silvia Veiga Teixeira de Freitas é médica, ginecologista e obstetra, professora na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, RJ. Freqüenta a religião umbandista desde a infância e sempre teve

muito amor pela falange dos pretos-velhos. Desde 1996 integra a Casa de Caridade Miguel Arcanjo.

Suely Reis Pinheiro trabalha na Casa de Caridade Miguel Arcanjo, em Niterói, desde 2002. É ensaísta e publicou artigos sobre literatura brasileira, onde ressalta a cultura negra, com enfoque em Aluísio Azevedo, Jorge de Lima e no autor cubano Nicolás Guillén. Doutora em Literaturas Espanhola e Hispano-Americana pela USP, Professora Aposentada da UFF e Editora da Revista Virtual Hispanista, atua como convidada do Curso de Especialização da UERJ e da UNIGRANRIO.

Tereza Marques de Oliveira Lima é doutora em Língua Inglesa, Literaturas Inglesa e Norte-Americana pela USP e Professora Adjunta da UFF. Organizou livros e publicou artigos em livros e revistas especializadas. *Notícias de ou-tros mundos: lendas, imagens e outros segredos das deusas nagô* (2002), escrito em parceria com Denise Pini Rosalem da Fonseca, assinala o começo de sua pesquisa sobre as religiões afro-descendentes. Desde 1992 integra a Casa de Caridade Miguel Arcanjo.

Vanda Machado é Mestre em Educação, criadora do Projeto Irê Ayó (Caminho da alegria) para o ensino de crianças na Comunidade de Terreiro do Ilê Axé Opo Afonjá. Pesquisadora associada do NET POP, Núcleo de Estudos de Teatro Popular e Cultura Afro-brasileira da UFBA. Diploma de Honra ao Mérito, pela Organização Mundial de Educação Pré-escolar-OMEP - Troféu Anastácia - Didá Escola de Música - Pelourinho. Troféu UJAAMA 2002 - Olodum. Autora de livros e artigos para revistas especializadas.